

REVISTA DA SEMANA

Nº 7

BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL

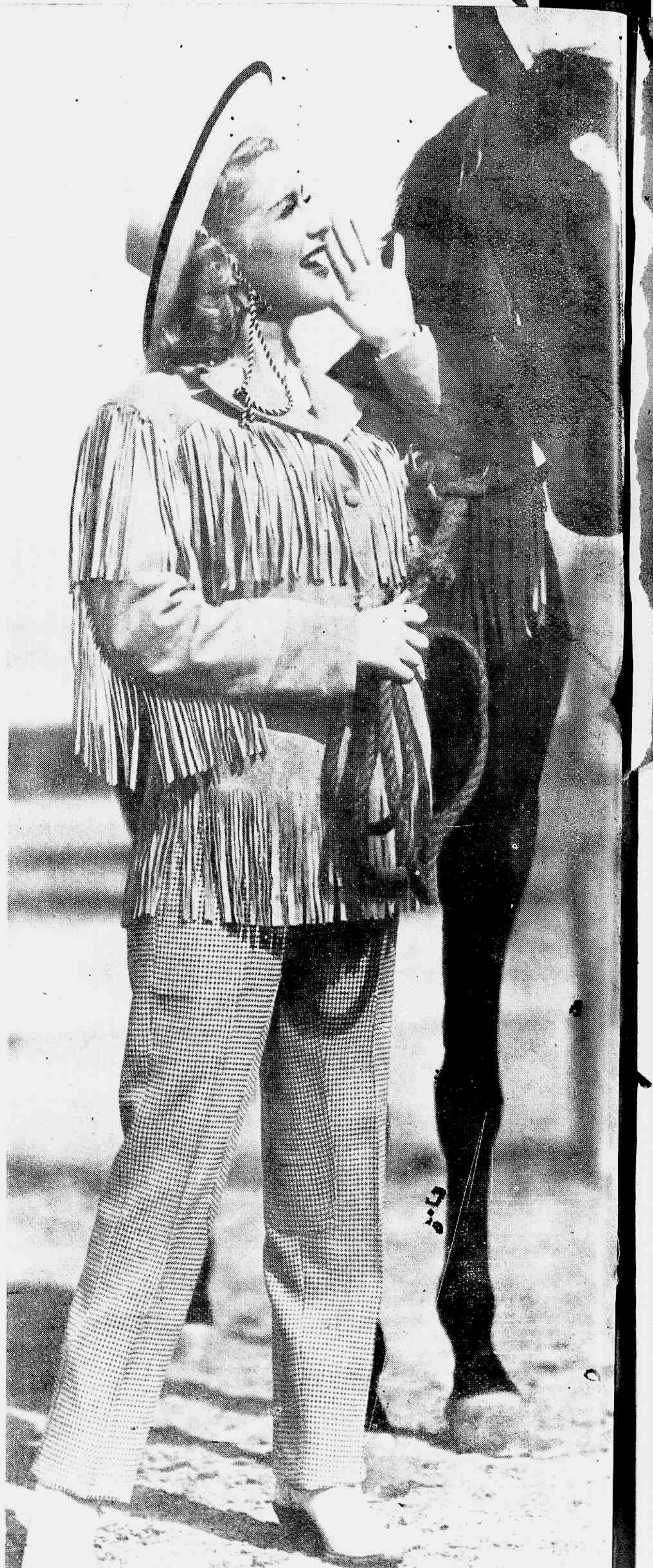
CR \$ 2,00 EM TODO O BRASIL

15-2-47





PARA O CARNAVAL



O "cow-boy" sempre foi uma fantasia muito apreciada pelo público feminino. Apresentamos nesta página duas modernas sugestões, exibidas pela novata Dorothy Patrick, uma garota em quem a M.G.M. deposita muitas esperanças.



ESTOUROU como uma bomba a notícia de que o governo resolvera demitir os embaixadores em comissão, ou seja, os figurões que, por simples imposição política, haviam abiscotado altos postos diplomáticos, passando a perna nos diplomatas de carreira do Itamarati... Entre outros, foram exonerados os senhores Henrique de Toledo Dodsworth, de embaixador do Brasil em Portugal; João Baptista Luzardo, de embaixador do Brasil na Argentina; Isauo Reguera, de embaixador do Brasil no Paraguai; Francisco Negão de Lima, de embaixador do Brasil na Bélgica. Abrem-se, assim, perspectivas aos diplomatas de carreira. Como os senhores Castelo Branco Clark e Carlos Martins Pereira de Souza caíram na compulsória, deixarão as embaixadas de Paris e de Washington, sendo aposentados. Assim, haverá numerosas promoções no Ministério das Relações Exteriores, — além de uma razoável economia com a supressão dos "penetras" do corpo diplomático, — e o chanceler Raul Fernandes em dúvida ficara cheio de "fans"... O velho professor de sapateado Gus Brown, assassinado misteriosamente com um tiro no peito, na sua Academia de Danças, na Cinelandia, nunca sonhou que seria celebre depois de morto... Paralizado o interesse do público pelas edições extras, agora que se conhece o resultado do pleito de 19 de janeiro em todo o Brasil, o que o general Góes Monteiro, senador eleito, foi pegar a casquinha da sua última comissão no Uruguai, as folhas em carência de assunto se esvaíram em manchetes sobre a morte de Gus Brown... Nem a morte de Santos Dumont ou de Oswaldo Cruz teria merecido da nossa imprensa tanto espaço e tanto interesse... Ótimo, o artigo de Raimundo Correia de Oliveira, no "Diário de Notícias" de 6 do corrente, sob o título de "Campanha contra o preito". Nesse artigo, diz o brilhante articulista, manifestando-se pela permanência do Senhor Hildebrando de Góes à frente da Prefeitura do Distrito Federal: "A capital do país, pelas suas proporções e pela influência que exerce em todo o território nacional não pode ter uma administração relapsa, nem dar o mau exemplo da corrupção que é sempre a nota degradante dos governos. O fato de termos um preito honesto como o sr. Hildebrando de Góes já seria uma felicidade no meio de tantas tristezas e decepções. Mas quando esse preito também é, como no caso presente, um homem culto e capaz, então a nossa sorte se torna prodigiosa. Aqui deixamos, portanto, estas palavras de apoio a um administrador que não conhecemos e do qual nada desejamos, nem mesmo relações de ordem pessoal. Mas é preciso dizer a verdade sempre para esclarecer o público, advertir o chefe do governo e impedir que sobre a Prefeitura se precipite de repente uma desesperada onda de galanotes como já sucedeu com o Ministério da Fazenda...". Por falar em Raimundo Correia de Oliveira, esse fulgurante jornalista, juntamente com outro contraele, Victor do Espírito Santo, foi homenageado por figuras de alto destaque dos círculos políticos, literários e jornalísticos, por motivo de sua atuação na imprensa e em revirar aos processos administrativos que, partindo dos ministros da Fazenda e do Trabalho, visam cercear a liberdade de imprensa. O presidente do Chile, Sr. Gonzalez Videla, e sua esposa, escaparam de morrer atropelados quando tomavam banho num lago. Nadaram valentemente para salvarem e o conseguiram. Gonzalez Videla, que foi embaixador do Chile no Brasil, virá de avião ao nosso país, numa visita de cordialidade. O juiz das Varas de Acidentes, examinando o caso de um marinheiro do Loide Brasileiro, morto no torpedeamento do "Cabedelo" e a cuja família aquela empresa de navegação se recusa a pagar a devida indenização, declarou numa sentença de notável repercussão: "Sabemos como são irrisórios esses auxílios (os dos institutos) e a história um dia dará a verdadeira definição a tais arapucas de demagogia e engodos da miséria nacional, que são os Institutos de Pensões e Aposentadorias". Não é preciso que a história se manifeste, porque a definição própria e certa já foi dada pelo juiz, Dr. Osny Pereira Duarte... A companhia da atriz Iracema de Alencar vai embarcar outra vez para o Norte, com Rodolfo Arena como galã e levando no seu repertório peças de Joracy Camargo, Viriato Correia, R. Magalhães Júnior, Eurico Silva, José Wanderley e outros. E uma nova companhia está sendo formada por Mario Brasini, Vanda Lacerda, Milton Carneiro, Alberto Perez e Abigail Maia, devendo começar suas atividades no Estado de São Paulo. Raras vezes terá um elenco reunido tantos valores novos, — e três desses elementos já foram premiados pelos críticos cinematográficos, como os melhores intérpretes de 1945 e 1946, — Brasini, Milton e Vanda. Uma nota curiosa das eleições de 19 de janeiro: o candidato a vereador Osório Lopes, atropelado por um bonde, faleceu uns três ou quatro dias antes do pleito, — e mesmo assim teve muitos votos... Ao passo que outros, bem vivos, ficaram colocados abaixo dele... Antigamente, votavam os mortos. Hoje é diferente: eles é que são votados... Teve a mais simpática repercussão a nomeação do Sr. Oswaldo Aranha para representante do Brasil na ONU... Ele será um representante à altura, agora que o mundo, ao que parece, marcha para uma fase de melhores relações internacionais...



Adolescentes

Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais rapidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projetos e inquietações povoa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade,

o início da adolescência constitui por isto mesmo uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em boas condições a mocinha deve ser preparada física e psicologicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam—e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso—são as primeiras providências a tomar. Para isto **Regulador Gestelra** é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dores durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos esses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do **Regulador Gestelra**.

A ação que o **Regulador Gestelra** exerce sobre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do **Regulador Gestelra** o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.

OS NOSSOS CONCURSOS LITERÁRIOS

CONCURSO DE CONTOS — São estas as bases do nosso concurso permanente de contos: 1º — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre os quais os nossos leitores possam dispor com pleno conhecimento e com facilidade; 2º — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos; 3º — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana na publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem; 4º — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas; 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração no envelope: "Concurso Permanente de Contos da REVISTA DA SEMANA"; 6º — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

CONCURSO DE TEATRO — A comissão julgadora ainda não nos entregou o seu parecer.

CONCURSO DE ROMANCES — Foram recebidos os seguintes originais: "Eterno estribilho", de Raul Vital; "Alvaro Gonçalves", de Paulo Lício Rizzo; "O destino é que nos leva", de Graciema P. Genovese; "Angustiado estou por ti", de Henrique Consoni Junior; "Heróis e pecadores", de Jary Gomes; "Vereda luminosa", de Leda S. de Andrade; "Paixão e sensualismo", de Antonio Tibiriçá; e "Alvorada", de Betina Diniz, além de um romance sem nome de autor e sem título, que começa com a frase: "Eram sete horas menos dois minutos". Ao autor desse trabalho, rogamos a gentileza de se identificar. "Atlântida Soterrada", do Sr. Mário (pseudônimo); "Um cachorro e outras pessoas", de Alberto Leal e "Tempestade", de Adelino Volfar (pseudônimo). Todos os originais já foram por nós distribuídos à comissão julgadora, constituída pelos escritores João Luso e Berilo Neves.

O PINCE-NEZ DE OURO

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS

R. CARIOCA N.º 23

Joalheria

LUIZ R. RICART

TEL. 22-4690 — RIO

**JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ANTIGOS PARA PRESENTES**



QUANDO AS CRIANÇAS BRASILEIRAS TERÃO FÉRIAS NO CAMPO?

A prática adotada nos países da Europa — Os campos Butlin, na Inglaterra, são organizações modernas — Acampamentos escolares para estudantes — O "camping" entre a juventude francesa.

QUANDO as crianças brasileiras residentes nas grandes cidades, poderão ter férias no campo? Esse hábito tão difundido entre os países europeus e mesmo nos Estados Unidos ainda não se incorporou às nossas normas de vida. As colônias de férias organizadas no Brasil não passam, por enquanto, de modestíssimos ensaios, sem a expansão necessária e sem terem despertado o entusiasmo que tais iniciativas deviam inspirar.

Na Europa, depois de terem sido prejudicadas pelas atividades bélicas, essas atividades estão agora se normali-

zando. Agora mesmo escreve de Londres o jornalista inglês H. D. Willcock, dizendo que acaba de surgir na Inglaterra, por iniciativa particular, uma interessante organização destinada a acolher os que desejam passar as férias longe da cidade. Trata-se dos campos Butlin. Neles encontram-se bangalôs ou chalés, um para cada família ou casal, e com um organismo central encarregado de todo o trabalho relativo ao conforto, alimentação e diversão dos hóspedes.

Mr. Butlin começou a vida com uma barraca num parque de diversões. Hoje sua firma possui 13 parques de diversões

e três campos de férias. Seu lucro líquido no ano passado foi de £ 183.000. Em maio de 1946 ele emitiu £ 850.000 ações preferenciais e debêntures, que foram rapidamente subscritas.

Os campos de férias, sem dúvida, tendem a multiplicar-se rapidamente. Eles acolhem toda a família e são dotados de uma organização inteiramente nova no que se refere às crianças. Os campos Butlin aceitam crianças de mais de dois anos de idade. Se os pais assim o quiserem, podem deixá-los durante o dia em salas especialmente preparadas onde elas encontram brinquedos e diversões sob os

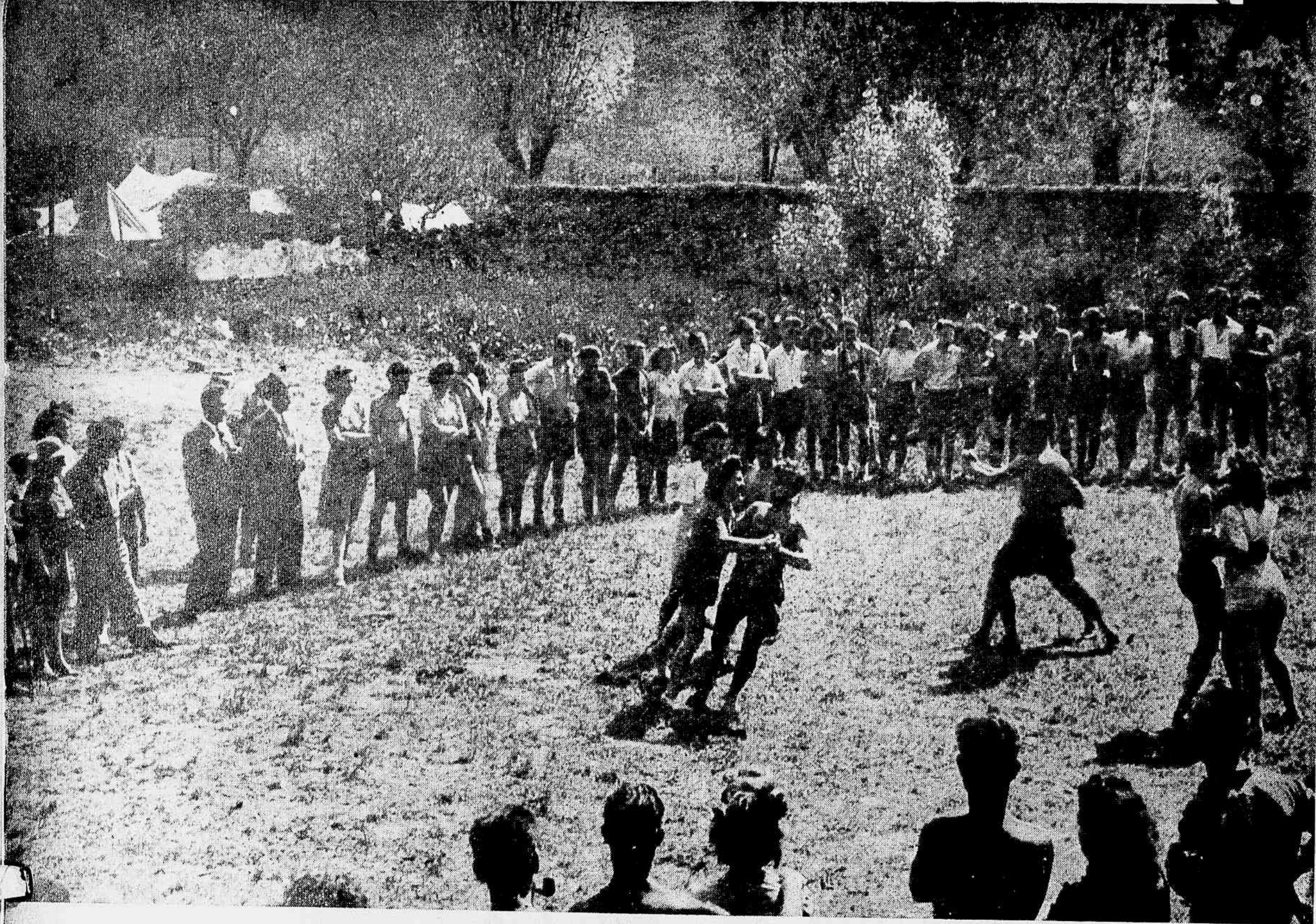
cuidados de empregadas expressamente treinadas para esse fim. À noite elas são levadas para o leito no chalé de seus pais. Durante o dia, se necessário, o auto-falante pede a presença dos pais. Assim, talvez uma só vez no ano, marido e mulher podem estar juntos a sós.

De acordo com a estação, os preços por semana dos campos Butlin variam de £ 5.5sh a £ 6.16sh. Esses preços incluem acomodação e alimentação, diversões como sejam danças, teatro, jogos, passeios diversos, competições, patinação; banhos quentes e de chuveiro. A vantagem desse sistema de preço é óbvia.

Em baixo: No campo de Butlin há diversões para crianças de todas as idades — e aqui vemos um alegre grupo de meninos ingleses assistindo um espetáculo cômico, do qual também participam. Na página à esquerda: Crianças de educação atlética podem brincar nas diversões para adultos no campo de Butlin, por especial permissão dos técnicos.

— (Fotos B. N. S.)





Saúde, alegria e beleza... E para coroar tudo isto, um animado baile ao ar livre. Assim se educam os jovens franceses de todas as classes sociais, numa sadia comunhão democrática e numa bela demonstração de solidariedade humana. — (Foto B.N.S.).

pois eles incluem tudo, não havendo pois extraordinários a pagar.

A objeção habitualmente feita a esse sistema é a de que ali tudo foi pensado e planejado e que assim as férias deixam

de ter graça. Isso é em parte razoável. Por outro lado a escolha das distrações é tão vasta que é preciso ser muito exigente para não apreciar nada do que ali existe à disposição de cada um.

Os empregados são chamados "Red Jackets" e usam vistosos paletós esporte. A Gaumont-British está organizando um concurso para eleger a Princesa das Férias da Grã-Bretanha. A vencedora rece-

berá um prêmio de £250 em dinheiro, será nomeada funcionária de um dos campos Butlin durante dois anos, com o ordenado denadobí hrdlu T8 T8 HHHH MM MF..

Para os que passaram anos na rotina de uma fábrica e viveram em cidades industriais uma organização como a dos campos Butlin vem satisfazer uma necessidade urgente de milhões e são um sintoma da nossa época.

★

Outra correspondência de Londres, falando do Marchants Hill Camp, de finalidade semelhante. Como surgiu esse campo? De um modo interessante. Antes da última guerra, uma corporação inglesa de acampamentos estabeleceu em Hindhead, Surrey, um acampamento que foi, de início, utilizado para hospedar as crianças evacuadas da grande área de Londres durante a era da "blitz" alemã. Posteriormente, foi empregado para auxiliar a reabilitação de crianças holandesas. Atualmente, por fim, o acampamento já está sendo usado para o que foi planejado e construído: servir de acampamento escolar temporário localizado em ambiente campestre para os jovens estudantes do coração de Londres.

Construído com cedro canadense, o Marchants Hill Camp tem capacidade para alojar 240 escolares e é convenient-



A hora do clássico chá britânico, num dos acampamentos ingleses. — (Foto B.N.S.).



Caravana de moças e rapazes franceses, a caminho do campo e das montanhas, afim de retemperarem o organismo esgotado na lida das grandes cidades. — (Foto B.N.S.).

temente aquecido durante o inverno. Pos-
sui espaçosos campos de recreio e jogos
desportivos (em contraste com as escolas
que enviam turmas a tal acampamento),
um amplo refeitório e um salão de reu-
niões.

Seus dormitórios podem, perfeitamente,
alojar 48 crianças provenientes, todas, de
escolas secundárias da área central de
Londres que assim passam quinze dias
ou um mês em pleno campo com seus pro-
fessores, sem interromperem, portanto
seus estudos.

Os abastecimentos, serviços domésticos
e manutenção propriamente dita do acam-
pamento, são da responsabilidade exclu-
siva do gerente da referida corporação.
Há ali, também, um professor londrino
Mr. H. G. Betteridge, que age e atua
como comandante do acampamento para
a estação em que o mesmo se encontra
aberto aos estudantes, isto é, de 1º de
março a 30 de novembro. Seu trabalho
consiste em auxiliar os outros professores
que vêm acompanhando seus alunos em
organizar-lhes um variado programa, in-
cluindo visitas a lugares de interesse lo-
cal e lugares aprazíveis, estudos no
campo, lições práticas e ao ar livre so-
bre geografia, matemática e inspeções,
grande diversidade de jogos, divertimen-
tos e danças à noite. Por tudo isto seus
pais pagam a bagatela de Cr\$ 40 00 por
semana para cobrir as despesas com a

alimentação. No demais, tudo é grátis.

O Conselho Rural de Londres doou três
desses acampamentos à referida corpo-
ração. Durante o período de férias esco-
lares, são eles utilizados por membros de

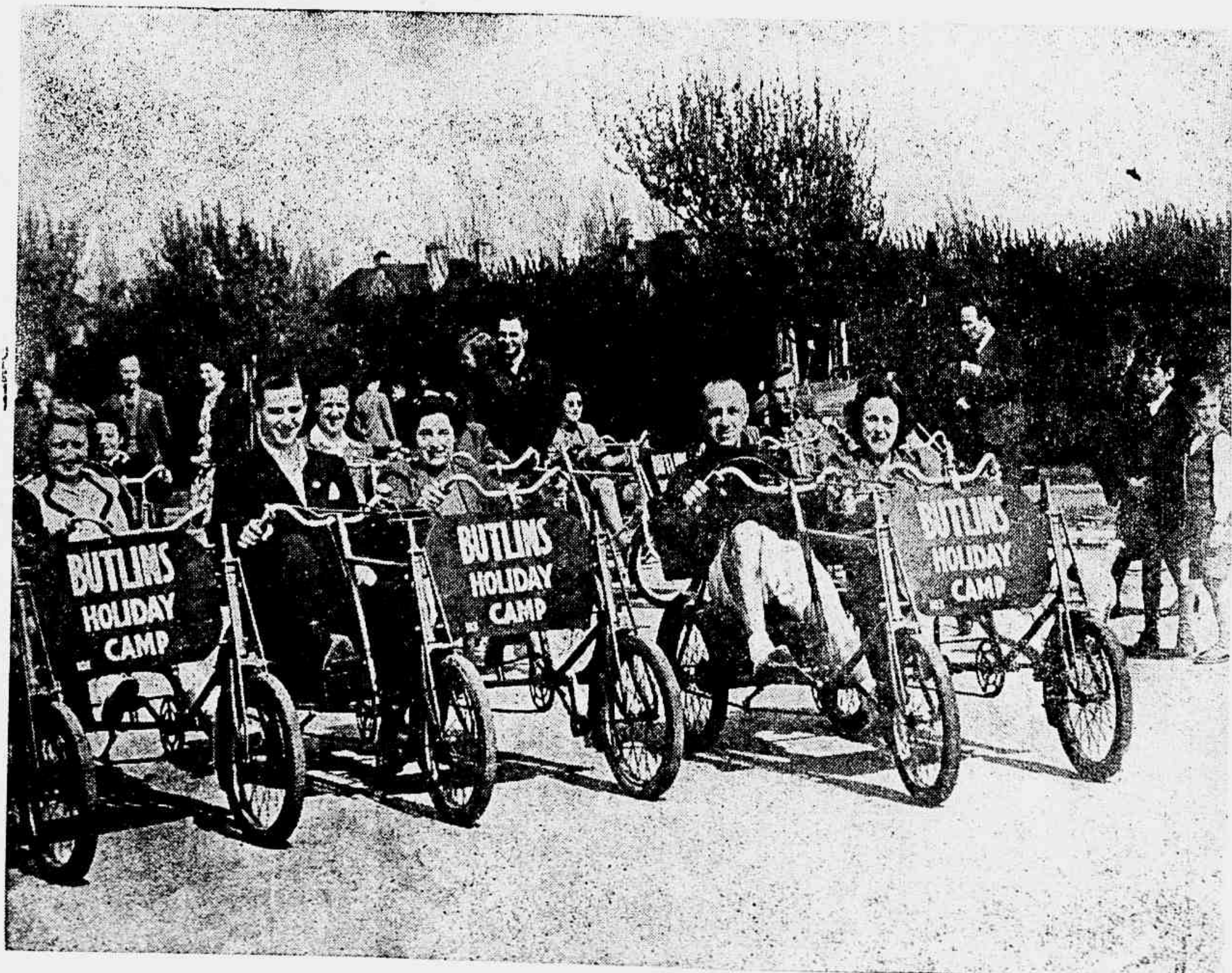
instituições londrinas e clubes da juven-
tude britânica.

★

Na França, como na Inglaterra, o "cam-

ping" também está ressurgindo com mais
entusiasmo do que nunca.

Proibido na zona norte pelos ocupantes
nazistas, dificultado e severamente con-
trolado na zona sul, pelos governantes do



Em "tetra-cicletas", — veículos de quatro
rodas a pedal, — casais fazem passeios
divertidos pelo campo de Butlin. — (Fo-
to B.N.S.)



Em cima : Nas horas livres, depois do almoço, as crianças sentam-se ao sol e lêem magazines juvenis. Em baixo : O basquetebol é um dos muitos jogos esportivos que empolgam a juventude que procura viver saudavelmente ao ar livre, depois de um ano de trabalho e estudos — (Fotos B. N. S.)



Vichy, o Movimento Unido dos Clubes de Campo da Juventude Francesa, que agrupa hoje 30.000 jovens (18.000 rapazes e 12.000 moças), foi grandemente reforçado depois da Libertação com a construção de 80 novas "auberges" definitivos e 170 provisórios.

Criadas para assegurar o repouso ao ar livre, pouco custoso para os jovens das cidades, as "Auberges de la Jeunesse" ou os "A.J." como são chamados abreviadamente, têm pouco a pouco, ampliado seus programas e deixaram de ser simplesmente hotéis baratos. O espírito que os anima, o "Ajismo", feito da comunhão com a natureza e da camaradagem sincera, visando uma trégua no contacto com a máquina, é rigorosamente laico e anti-fascista, mas nem por isso se considera um partido político.

Há pouco realizou-se em Paris um congresso do aficcionados de "camping", pela primeira vez depois de 1939, reunindo delegados franceses, ingleses, americanos, holandeses e dinamarqueses. Teve por fim, essa reunião restabelecer os laços que interrompidos pela guerra, entre os jovens de todos os países, notadamente pela troca de equipes de trabalho para atender reconstrução dos "auberges" destruídos.

★

Uma iniciativa puramente francesa e caracteristicamente típica do espírito "ajista" é a organização de caravanas entre operários dos grandes centros: "ajistas" especialmente treinados para esse fim, recrutam por intermédio dos sindicatos profissionais, nas usinas e nos ateliers... operários e empregados que depois de um estágio de 3 meses, compreendendo pelo menos três saídas de "week-end" e 4 reuniões, por ocasião das férias, formam caravanas que percorrem todo o país.

O grupo assim organizado se inicia na vida de campo e da montanha praticando esportes, cantos, danças e jogos.

As fotografias que ilustram esta página fixam alguns aspectos das atividades campestres dos jovens franceses cuja alegria e saúde se retemperam em contacto com a natureza, fonte da vida e da beleza.

São essas as informações que nos chegam do exterior sobre o "camping", que já está sendo tomado muito a sério, das nações que acabam de ser devastadas pela guerra e que desejam recuperar o tempo perdido, refazendo as energias da sua gente, melhorando eugênicamente as suas populações, tornando sua mocidade mais forte, mais robusta, mais alegre e mais feliz. No Brasil, o panorama é diverso. E é também bastante mais sombrio. Não só o "camping" ainda não entrou nos nossos hábitos, como as dificuldades de locomoção para os moradores das grandes cidades, — do Rio de Janeiro, por exemplo, — são terríveis e nos tiram o prazer das excursões. É um drama viajar nos trens para Petrópolis, sem encontrar, sequer, água gelada e filtrada nos meses. Ou tentar atravessar a baía de Guanabara, numa das roncadoras barcas da infamíssima Cantareira, vergonha das vergonhas nacionais, esperando numa fila uma hora e meia, a fio, para depois viajar de pé, na "Cubango", que não é senão uma embarcação de carga! Os nossos transportes são, não apenas escassos, mas ainda caríssimos. E não há excursões especiais para fins-de-semana, a preços reduzidos, nem há lugares, no interior, preparados para receber os excursionistas. É uma lástima, em suma. E ficamos com água na boca, especialmente em épocas de calor como esta, quando pensamos nos bons exemplos que ainda não podemos seguir...



A NOVA MARLENE

Desistiu do "glamour" para ser artista característica.

Marlene Dietrich está iniciando uma nova fase de sua carreira artística, depois de ter sido uma "vamp" durante cerca de quinze anos, — desde sua aparição em "O anjo azul", que Josef Von Sternberg dirigiu em Berlim, para a Ufa, — e arrebatado os "fans" como uma mulher de grande beleza e elegância. Agora, a intérprete de "Marrocos" e de "O expresso de Shangai" pôs de parte as jóias de Tiffany, os vestidos de Adrian, os chapéus de Lilly Daché, as plumas que a tornaram famosa, para desempenhar o papel de uma cigana exótica e turbulenta, em "Golden Earrings", história tirada de um romance húngaro de Yolanda Foldes. Nesse filme, Marlene tem a seu lado o famoso ator Ray Milland, recentemente premiado pelo seu trabalho em "Farrapo humano". O filme em que Marlene aparece sem o seu "glamour" habitual se intitulará no Brasil "A Cigana Feiticeira" e foi dirigido pelo diretor Mitchell Liesen. Nesta página figuram, em cima, duas atitudes de Marlene em plena elegância e, em baixo, a célebre artista como a andrajosa cigana de "Golden Earrings"...



HISTÓRIA TRISTE DE UM CRÍTICO DRAMÁTICO

Conto de
H. G. WELLS

ERA eu então — vai saber daqui a pouco porque não o sou mais — Egbert Craddock Cummins. O nome aliás continua a existir.

Sou ainda (Deus me defenda!) crítico dramático no jornal "Fiery Cross".

Quanto ao que poderei vir a ser, isso não o sei. Escrevo sob o peso de uma grande fadiga de espírito, de uma grande confusão de idéias. Apesar da grande dificuldade, farei tudo o que me fôr possível para exprimir-me com clareza. Cumpre todavia que o senhor me dispense alguma indulgência. Quando a um homem acontece perder toda a sua personalidade, tem muito naturalmente algum acanhamento em exprimir-se. Eu tornarei tudo isto perfeitamente claro dentro de um minuto, uma vez que me sinta senhor do assunto. Vejamos: quem sou eu? preciso sabê-lo. Ah! já sei: sou o defunto Egbert Craddock Cummins!

Em outro tempo não seria do meu gosto escrever uma história tão cheia de "mim" mesmo como deve ser esta: não há nela senão "Eu". As minhas disposições, porém, têm mudado desde que me tornei crítico dramático e depois que tenho estudado os mestres do gênero, os "mestres queridos" e "tutti quanti". De resto, tudo tem mudado desde então para cá. Mas, em summa, não se trata senão de mim: de modo que tenho pelo menos uma desculpa. E não há nisso egoísmo, na verdade, visto como, conforme já disse, a minha identidade tem passado, desde esse tempo, por uma completa alteração.

Ah! o passado! Eu era outrora um rapaz bastante bonito, bastante reservado, gostando das roupas cinzentas, usando um pequeno bigode faceto, com um rosto interessante, não obstante uma leve gagueira que havia adquirido na infância por influência de um camarada de colégio. Eu era noivo de uma bela jovem chamada Délia. Esta Délia, muito dada ao modernismo, fumava cigarros e amava-me porque eu era um bom rapazote. Achava que eu me parecia com Lamb, — sem dúvida por causa da minha gagueira. Seu pai era grande conhecedor de selos. Ela lia muito no Museu Britânico (um maravilhoso ponto de encontro para os letrados, aquele Museu Britânico). Nós nos amávamos ao nosso modo, como intelectuais, e partilhávamos as mais brilhantes esperanças... Tudo caiu por terra!... Seu pai apreciava-me porque eu lhe parecia sinceramente ávido de ouvi-lo falar dos seus selos. Ela perdera a mãe. Incontestavelmente eu tinha diante de mim todas as probabilidades de aventuras que pode ter um mancebo. Nesse tempo eu nunca ia ao teatro: minha tia Carlota, antes de morrer, me havia recomendado que me conservasse afastado deles.

Foi então que — a despeito dos esforços desesperados que empreguei para esquivar-me — Barnabé, o editor da "Fiery Cross", fez de mim um crítico dramático. Barnabé é um bonito homem, cheio de saúde; tem uma enorme cabeça, com cabelos pretos frisados; as suas maneiras são cativantes. Pilhou-me no meio da escada, quando eu ia saindo para ir falar com Wembly. Ele voltava do jantar; estava ainda mais petulante que de costume.

— Olá! Cummins! exclamou. Aqui está o homem que me é preciso.

E agarrou-me pelo ombro, pelo colete, por toda a parte; empurrou-me diante de si pelo pequeno corredor e atirou-me, por cima da cesta dos papéis, na poltrona do seu gabinete.

— Peço-lhe que se sente, disse ele ao mesmo tempo. Depois correu ao lado oposto da sala e voltou com alguns bilhetes cor de rosa e amarelos que me meteu na mão.

— Ópera cômica, quinta-feira. Sexta-feira, teatro de Surrey. Sábado, Frivolidades... creio que é tudo.

— Mas...

— Folgo muito que esteja livre, acrescentou, tirando da secretária umas provas que principiou a ler.

— Não compreendo bem.

— Oh! O que é? — disse ele, erguendo a cabeça, como se, julgando-me já ausente, o surpreendesse a minha observação.

— O que o senhor deseja é que eu faça as críticas dessas peças?

— Sim, faça-me alguma coisa. — Julgava então que eu lhe pedia que se fosse apenas divertir?

— Mas eu... eu não sei.

— Pensa que sou um pateta?

— Nunca puz os pés em um teatro.

— Justamente! Nada de idéias preconcebidas.

— Mas não sei nem a primeira palavra dessa profissão, entende?

— Perfeitamente. Impressões inéditas! Nada de preconceitos. Nada de chapas de reserva. O nosso jornal é um órgão vivo, e não uma coleção de fórmulas gastas. Isto aqui não é uma casa do jornalismo profissional, posto em movimento por uma máquina.

E posso contar com a sua probidade...

— Mas tenho escrúpulos de consciência.

Ele agarrou-me de súbito e poz-me do lado de fora.

— Vá dizer isto a Wembly. Ele lhe explicará.

Eu continuei ali, parado, perplexo; ele tornou a abrir a porta:

— Ah! ia-me esquecendo! acrescentou, metendo-me na mão um quarto bilhete (esse era para aquela mesma noite, vinte minutos mais tarde). E fechou-me a porta na cara.

Ele tinha feito a coisa a sangue-frio: eu havia-lhe "caído embaixo da mão".

Cá por mim, tenho horror às discussões. Resolvi seguir-lhe o conselho e tornar-me (por infelicidade minha) crítico dramático. Atravessei lentamente o corredor para ir ter à casa de Wembly. Aquele Barnabé tinha uma atitude singularmente persuasiva. Durante as nossas agradabilíssimas relações de quatro anos, deu-me alguns conselhos, que não consegui finalmente obrigar-me a aceitar. Sem dúvida, é bem provável que eu seja dotado de um caráter dócil; certo, sinto que tenho demasiada propensão para "dobrar-me" às circunstâncias. A mór parte das minhas desditas derivam do meu lastimável defeito de ser excessivamente sensível às impressões fundas. Há pouco aludi a leve gagueira que cantri na infância, ao contacto de um pequeno camarada. Tudo isto, porém, não passa de simples digressão: voltei para casa de carro, no intuito de me preparar.

Não enfadarei o leitor a propósito das minhas reflexões singularmente complexas sobre o espetáculo a que assisti; naquela primeira noite, reserve-as para as minhas memórias, nem a respeito da história humilhante de um entre-ato, durante o qual perdi-me em uma série de corretores forrados de pelúcia vermelha, de tal modo que foi da galeria que assisti ao terceiro ato. O único ponto sobre que desejo insistir é o efeito que produziu em mim o desempenho dos atores. Devo recordar que até então eu tinha levado uma vida tranquila e retirada, que nunca tinha ido ainda ao teatro e que sou em extremo sensível às emoções intensas. Embora o risco de me tornar importuno, vejo-me obrigado a chamar a atenção sobre essa feição do meu caráter.

O primeiro efeito foi uma profunda surpresa não de todo isenta de inquietação. O caráter extraordinariamente convencional do modo como devem os atores representar, é atenuado, no espírito da maior parte das pessoas, pelo hábito remoto do teatro. Elas afazem-se aos gestos bizarros, às complicadas emoções, às caretas assustadoras, às inflexões melifluas, aos arrancos de dór, às contorsões dos lábios, aos horrores monstruosos, a todo o simbolismo em uso nos tabladros. Com o tempo, tudo aquilo se transforma para a maioria em uma linguagem de surdos-mudos, que a inteligência compreende sem separar do diálogo que lhes fere o ouvido. Mas para mim tudo aquilo era novo. Representava-se uma comédia moderna. As personagens eram pessoas inglesas, mas trajavam como americanos distintos do nosso tempo; como é natural, eu caí no erro de julgar que os atores esforçavam-se em representar seres humanos. Durante aquela primeira noite, olhei em volta de mim, com uma espécie de susto, e descobri — como acontece a todo o novo crítico dramático, — que me competia reformar o drama. Após uma ceia engulida com emoção, dirigi-me ao jornal para escrever uma coluna, onde o grande número de parágrafos fazia ressaltar mais espaços em branco do que linhas escritas (o meu estilo é muito picado — isso enche do mesmo modo) e onde a indignação transbordava. Barnabé ficou encantado.

Quanto a mim, não pude conciliar o sono durante a noite inteira. Sonhei com atores, com atores dardejando olhares inflamados, com atores batendo nos peitos, com atores denunciando com um dedo vingativo toda a sorte de cousas, de atores sorrindo com amargura, ou desatando a rir com desespero, ou caindo para não mais se levantarem, ou morrendo o mais estupidamente do mundo. Levantei-me às onze horas com uma ligeira dor de cabeça, li a minha fatia na "Fiery Cross", almocei, depois voltei à casa para barbear-me, segundo o costume. Aconteceu-me uma coisa exqu coasta: a princípio não pude achar a minha navalha. De repente veio-me à lembrança que na véspera eu não me havia servido dela.

— Ah! é verdade, exclamei. E seguia com o olhar o meu gesto no espelho. E' isso, é isso. Bem involuntariamente, quando pensei na minha maleta, levantei o braço esquerdo para o ar, com os dedos bem abertos, e, com a mão direita, agarrei na garganta. (Sou muito capaz de me observar a mim mesmo com subtilza e em qualquer circunstância.) O gesto surpreendeu-me como coisa absolutamente nova da minha parte. Repeti-o por prazer.

— Esquisito! Esquisito.

Depois, um pouco embaraçado, voltei à minha maleta.

Depois de fazer a barba, o meu pensamento voltou ao jogo de cena dos atores que eu tinha visto e diverti-me, diante de um "psyché", a imitar os gestos mais enfáticos de Jafferey.

— Na verdade, disse comigo mesmo, isto podia ser tomado por uma moléstia, "a cabotinite".

Essa moléstia existe... (Dizem-se várias verdades por brincadeira.) Então, se bem me lembro, saí para ir ter com Wembly, e em seguida "lunchei" no Museu Britânico em companhia da jovem Délia. Falamos naturalmente dos nossos projetos de futuro e da mudança que traria o meu novo emprego.

Esse emprego foi a origem do meu infortúnio. Desde aquele dia, tornei-me por necessidade um pilar de teatro, e quase insensivelmente principiei a mudar de caráter. Fiz a primeira observação ao barbear-me; a segunda, foi surpreender-me a inclinar-me cerimoniosamente quando encontrei Délia e a beijar-lhe a mão, à maneira de um velho gentil-homem, em atitude de corte. Logo que tive consciência disso, impertigui-me bruscamente e senti-me sumamente constrangido. Lembra-me que ela olhou para mim admirada.

Em seguida, no escritório, surpreendi-me a fazer gestos nervosos, com as unhas apertadas nos dentes entre os lábios; se Barnabé me dirigia uma pergunta, eu não lhe

sabia responder. Depois, no meio de uma discussão insignificante com Délia, agarrei a cabeça com ambas as mãos. Eu desempenhava-me das ocupações mais triviais com a afetação própria de um ator. Esforçava-me por não fazer isso; ninguém podia ser mais sensível ao insigne absurdo daqueles gestos de cabotino. E, no entanto, eu tornava a fazê-los!

Acabei por ver claramente o que significava tudo aquilo. O jogo de cena dos atores produzia sobre o meu sistema nervoso delicado uma impressão muito forte; tenho sido sempre, não o ignoro, excessivamente sensível à influência do meio. Noites e noites de atenção concentrada sobre as atitudes e as inflexões convencionais da cena inglesa, foi quanto bastou para afetar pouco a pouco os meus gestos e a minha maneira de falar. Deixava-me vencer pelo contágio da mímica da imitação. Dia a dia os meus nervos impressionáveis recebiam o cunho de algum gesto raro e surpreendente, ou de algum sentimento exagerado, e o retinham. Uma camada de verniz de teatro ameaçava encobrir e condenar ao esquecimento completo o homem que eu tinha sido anteriormente. Eu via-me a mim mesmo através uma espécie de transparente. Uma noite que eu velava solitário, pareceu-me ver o meu novo "eu" se mover através do quarto, exibindo atitudes e gesticulando. Ele agarrava-se pelo pescoço, abria os dedos, afastava as pernas andando, absolutamente como um autômato aperfeiçoado. Só abandonava uma posição para tomar outra qualquer: dir-se-ia que era movido por um conjunto de molas.

Assim que acabei de fazer essa observação, fiz uma tentativa inútil para resignar as minhas funções de crítico dramático: Barnabé não cessou de falar do divórcio Polywhiddle durante todo o tempo que estive com ele, e não consegui encontrar uma ocasião para lhe dizer o que queria.

Também por esse tempo as maneiras de Délia para comigo principiaram a se modificar. A recíproca desapareceu das nossas conversações. Eu sentia que ela ia-se acostumando a não mais me estimular. Eu fazia caretas, saltava, franzia as sobrancelhas, tomava mil atitudes para com ela, e vinha sempre a notar — com que tortura íntima! — que eu não cessava de representar um papel. Tentei de novo pedir a minha demissão: Barnabé desta vez falou-me de X., de Y., e de Z., da "Revista Moderna", deu-me um charuto grosso e muito forte para fumar, derrotou-me, enfim. Ao sair de casa dele, dirigi-me à Galeria assiria, imitando o andar de Irving, para ali encontrar-me com Délia: não fiz mais que precipitar a crise inevitável.

— Ah! minha cara Délia! disse, com muito mais alacridade e emoção do que nunca havia manifestado antes de me tornar — para minha desdita — crítico dramático.

Ela estendeu-me a mão assás indiferentemente, ao mesmo tempo que me examinava a fisionomia. Com uma graciosidade recentemente adquirida, dispuz-me a caminhar ao lado dela.

— Egberto! disse Délia, imóvel.

Ela refletiu um pouco, depois levantou os olhos para mim.

Eu não dizia nada: sentia o que estava iminente. Forçava por ser o homem de outrora, o Egberto Craddock Cummins que ela amava, de andar um pouco pesado, de sinceridade balbuciante, mas, no meio dos meus esforços, eu tinha consciência de ser uma criatura de sentimentos exagerados, inspirando uma confiança toda misteriosa, coisas como só se vêm nas feiras dos saltibancos.

— Egberto, disse-me ela, não és mais o que eras.

— Ah!

Involuntariamente levei a mão ao coração e voltei a cabeça — à maneira dos comediantes.

— Ora! exclamou Délia.

— Que queres dizer? perguntei, falando baixo, em um tom de insistência (sabe como fazem os cabotinos) voltando-me para ela, com o semblante inquieto, a mão direita abaixada, a esquerda apoiada à frente. Eu sabia sobejamente o que ela queria dizer, como sabia também sobejamente quanto era convencional e grotesco o meu procedimento; mas debalde eu lutava contra a minha cabotinagem.

— Que quer dizer? insisti. E com uma espécie de sussurro cavo, acrescentei: — Não compreendo.

— Délia parecia não me ter mais afeição.

— Para que continuar a dissimular? disse ela. Não gosto disto. Não procedias assim antigamente.

Eu não procedia assim antigamente! repliquei lentamente, repetindo duas vezes a frase.

Olhei para a direita e para a esquerda da galeria, com olhar duro e rápido.

— Estamos sós, exclamei brevemente. Escuta.

Estendi o dedo para ela e olhei-a de frente.

— Sou um juguete da fatalidade.

Vi-a apertar nas mãos a sua sombrinha.

— Estás sofrendo uma influência má. Deves livrar-te dela. Nunca vi ninguém mudar como tens mudado.

— Délia! exclamei, caindo no patético. Tem piedade de mim! Oh! Délia, tem piedade de mim.

Ela observou-me atentamente. Depois:

— Para que has de continuar a ser assim ridículo? ignoro. Em todo caso, não poso, na verdade, andar com um homem que se porta dessa maneira. Acabaremos por tornar-nos ambos ridículos. Com franqueza, não me agrada a tua presença agora. Vim aqui para dizer-t'o, porque é este quase o único lugar onde nos poderemos achar sós.

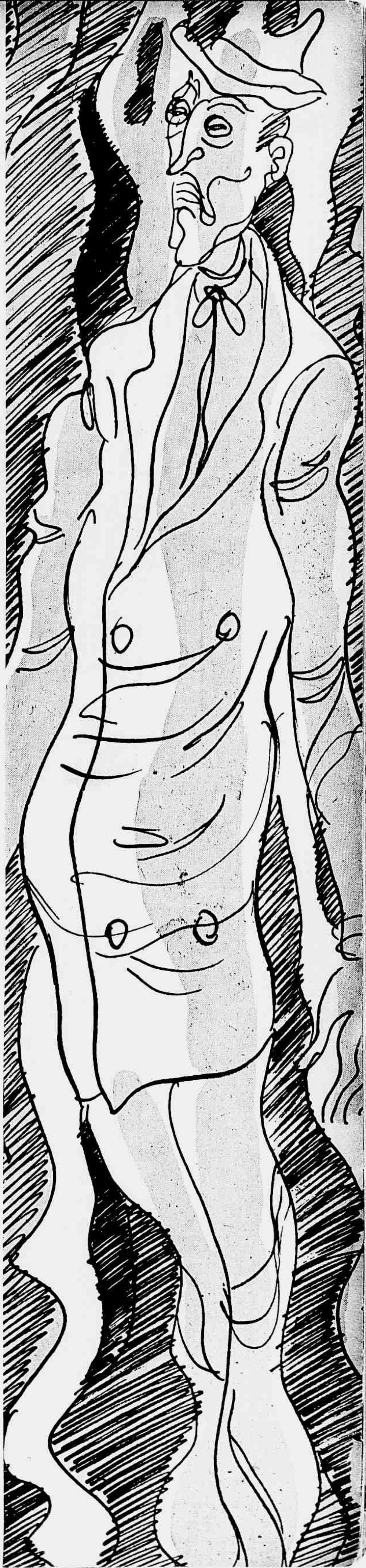
— Délia! exclamei com força, apertando as mãos até ficar com as juntas brancas. Queres dizer...

— E' verdade! a sorte de uma mulher é sempre bastante triste, a encarar as cousas pelo lado melhor. Mas assim...

Bati com força na testa.

— Portanto, adeus, prosseguiu Délia sem emoção.

— Oh! Délia. Não, isso não!



BOM HUMOR



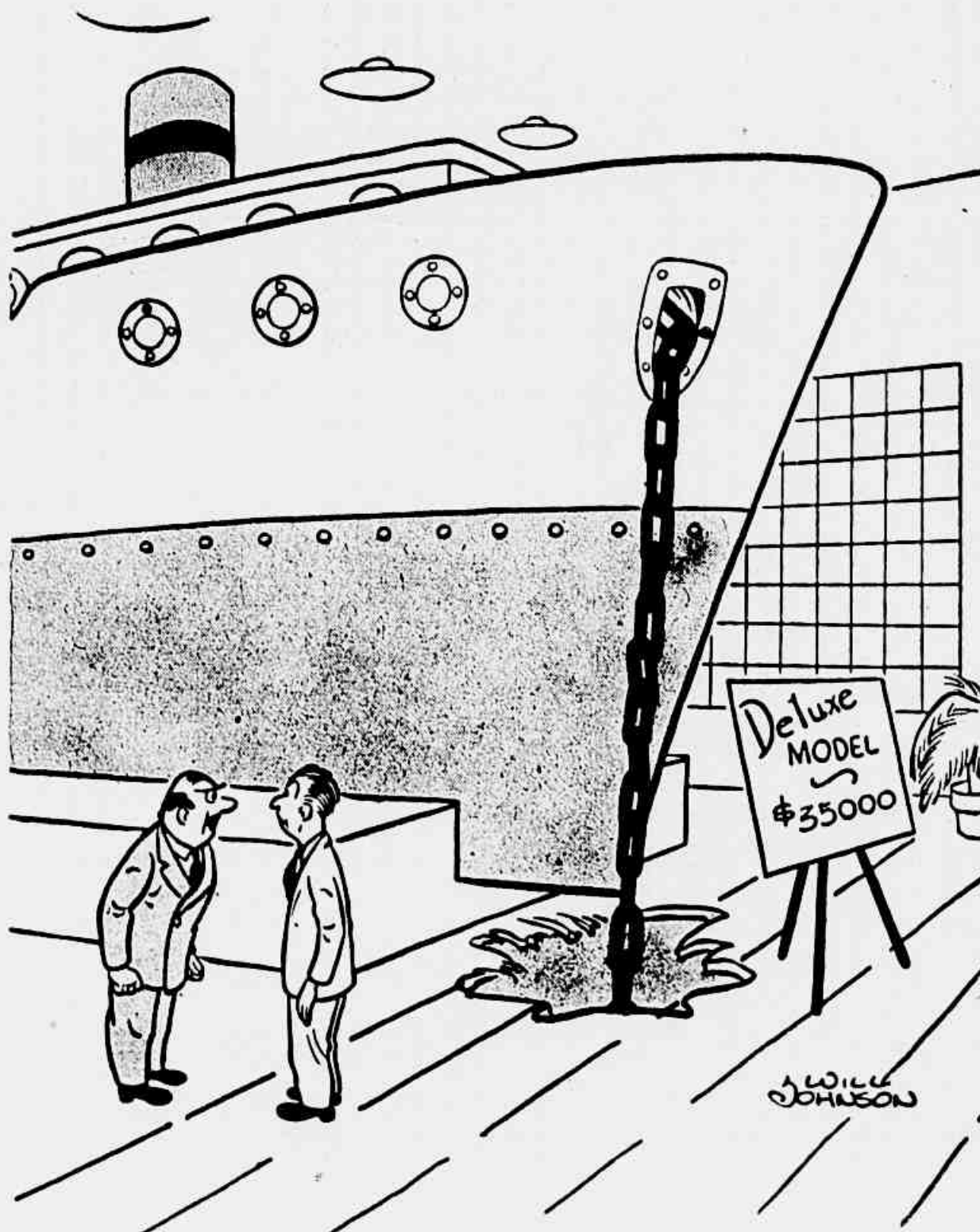
— Mais compostura! Lembre-se de que você não é mais minha secretária... E' minha esposa!



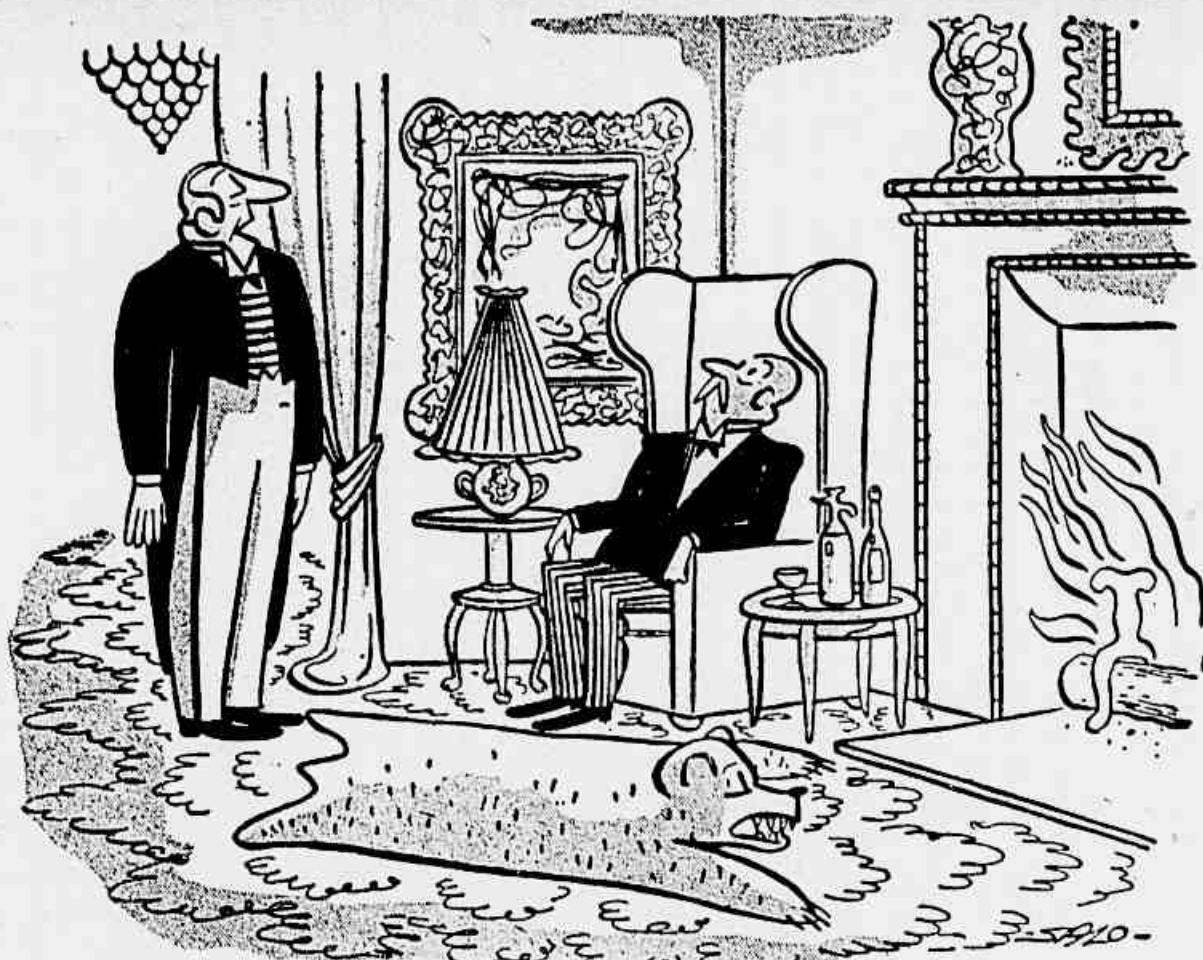
— Deixei o box, realmente... mas me casei na semana passada...



— Oh, Serapião! Deixe um pouquinho de gelo para quebrar amanhã!

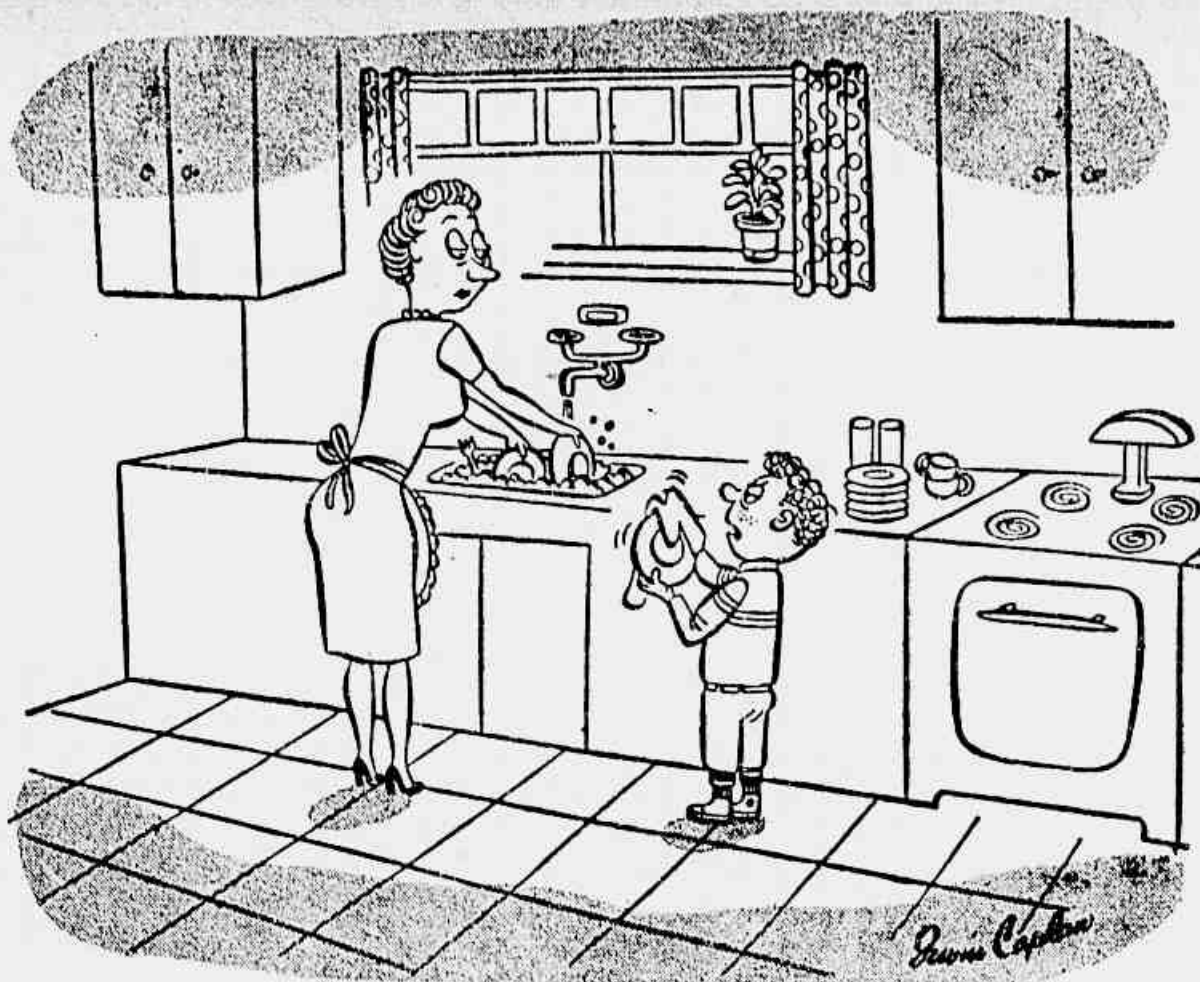


— De agora em diante, Etelvino, basta dar a sua palavra de honra aos fregueses de que a ancora funciona...



NA ALTA RODA

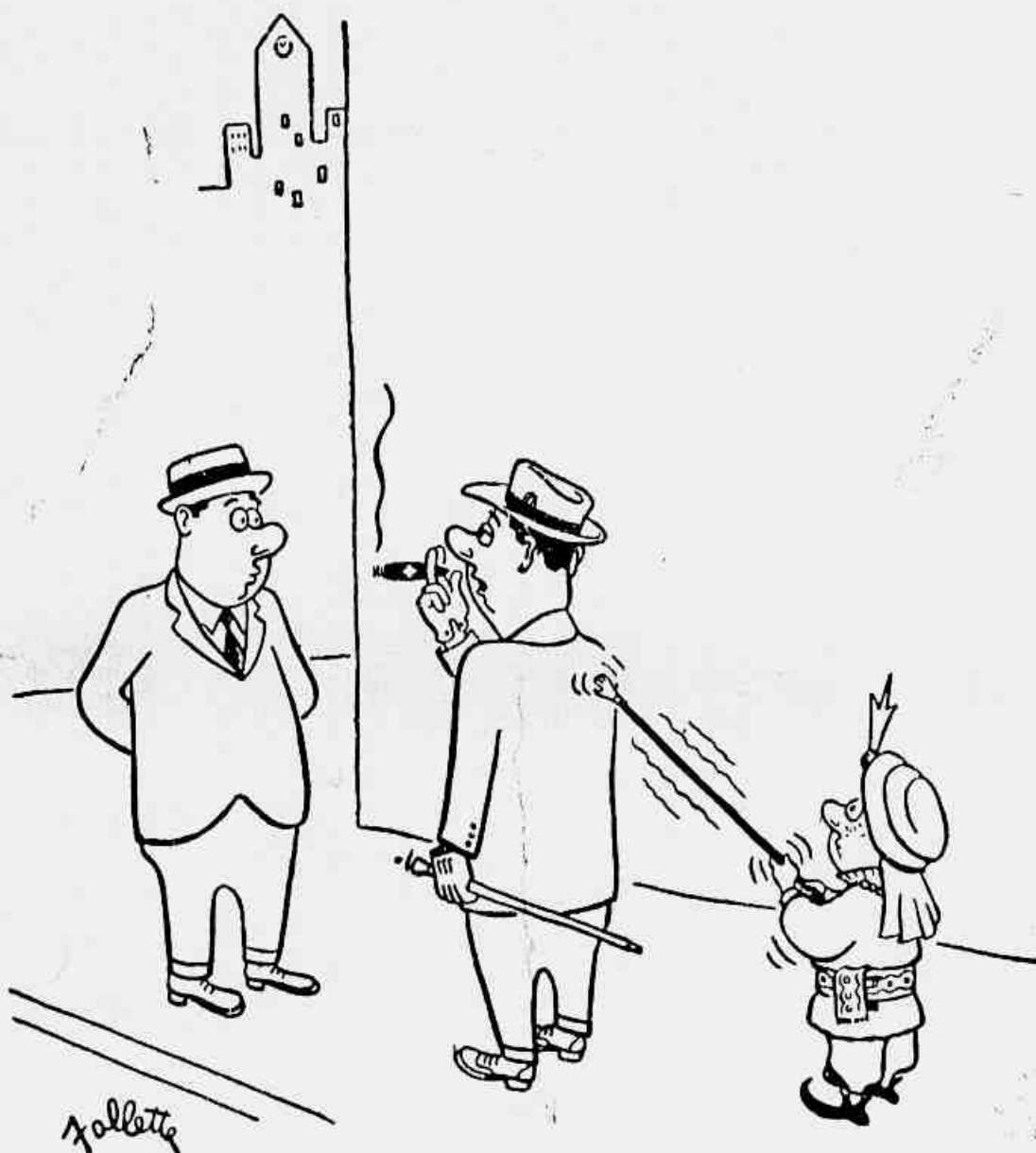
— Estourou o "angü", comendador. E estão aí dois "tiras", com um "tintureiro", para investigar o "bafafá" de ontem à noite...



— A senhora é a única mulher por quem eu faço este sacrifício!



— Não precisa se apresentar! Já sei que é a mãe dele!



— Recebi uma grande herança e como o meu maior prazer é me coçar...



— Todas as vezes que eu me sento no ônibus ao lado de uma loura ela me obriga a fazer isto...



— Você já está noiva, ou ainda não tem um namorado firme?



Maria Luiza Cordeiro ladeada pelo poeta Menotti Del Picchia e pelo jornalista Nelson Vainer, em pose especial para a REVISTA DA SEMANA.

DONA DE CASA, INDUSTRIAL E ROMANCISTA

SÃO AS CREDENCIAIS DA JOVEM ESCRITORA MARIA LUIZA CORDEIRO

ATUALMENTE a literatura brasileira acha-se muito favorecida com o aparecimento de novos valores femininos que com a exceção de um número reduzidíssimo não vivem de escrever. São na maioria "mulheres" antes de mais nada — mulheres que são ótimas donas de casa, fazem sôzinhas o almoço, limpam a casa, bordam, costuram, educam os filhos e ainda têm tempo para escrever. Dentre estas se destaca a escritora paulista Maria Luiza Cordeiro, autora de "Um olhar para a vida", prêmio Alcântara Machado, pela Academia Paulista de Letras, em 1944.

NA RESIDENCIA DA JOVEM ESCRITORA

Um auto do "câmbio negro" nos conduziu, às duas horas, à residência da senhora Maria Luiza Cordeiro, que mora distante do centro, no bairro do Jardim América. Tocamos a campainha e ouvimos incontinenti a resposta pouco agradável — o latir ameaçador de um cachor-

A mulher brasileira na literatura — Fala uma das mais jovens romancistas do Brasil — Romeu e "Josefina" — Como recebeu a notícia de que "Um olhar para a vida" foi premiado — Apesar de ganhar bem, não vive só de escrever — Sua vida no lar — Como encara a literatura brasileira — O divórcio no Brasil — Outras notas.



Reportagem de NELSON VAINER
(Exclusiva da REVISTA DA SEMANA)



ro. Pouco depois a porta se abriu e nela apareceu uma senhora de seus 28 a 30 anos, muito bonita, cabelos despenteados, olhos espantados da cor do céu, blusa branca, um avental e duas mãos multicores, isto é, manchadas de tintas.

— Que deseja? — perguntou ainda es-

pantada depois de responder ao nosso cumprimento.

— Eu, sou reporter, da REVISTA DA SEMANA. Vim entrevistá-la.

— Ah! — fez ela não sem dissimular a sua decepção.

— Com muito gosto... mas... estou

tão desprevenida... Por que não me telefonou antes?

— Não gosto de entrevistas especialmente preparadas. É verdade que não deixo de publicar tais, mas sempre dou mais valor às que consigo assim, espontaneamente.

— Bem, não quer entrar?

Entramos. Sentamo-nos no gabinete de trabalho da escritora, enquanto ela pediu licença para arrumar-se.

Bonita casa. Pequena, mas bem arrumada. Móveis artísticos, quadros, bibelots, livros, balangandans. Um chapéu "surrealista" num cantinho, flores em todos os ângulos da sala de visita, plantas em redor de todas as janelas.

— Gosta da minha casa? — perguntou a senhora Cordeiro entrando "arrumadinha da ponta", com a cabeleira alta que lembrava a Torre de Babel.

— Interessante — respondemos lacônicamente.

— Eu não acho. Muito pequena. Se não fosse Hitler, teria hoje a "minha" casa.



Em cima : — ...“os meus cachorros são tão humanos... como eles brigam por causa de um osso... — Em baixo : No lar, em companhia dos seus, bordando uma toalha de mesa, nas horas vagas. Trabalha sempre, na arte decorativa, que lhe rende uns cinco mil cruzeiros mensalmente. O marido é funcionário público, ganha bem, e não se importa com as atividades litero-industriais de sua companheira.





Preparando um bolo, que o faz tão bem como escreve e pinta. Desde menina aprendeu a cuidar da casa, cozinhar e outras coisas mais.

— Hitler em pessoa?

— A guerra que ele desencadeou... Mas espero adquirir futuramente uma grande casa, com lareira, janelas e portas grandes, um enorme quintal, muitos cachorros e alguns gatos...

MARIA LUIZA RECORDA COISAS PITORESCAS DA INFANCIA

Nossa palestra é repentinamente interrompida pela empregada, que nos traz uma chavena de chá com biscoitos argentinos. Ah! biscoitos argentinos... Enquanto tomamos o chá, formulamos várias perguntas sobre a infância e a juventude da ilustre escritora. E ela, com muita facilidade, sem se preocupar com estilo, vai respondendo.

— Nasci em São Paulo, na rua Amaral Gurgel, numa noite de abril. Aqui mesmo passei a infância e a juventude, afinal aqui vivi e sofri, sorri e chorei, tive minhas horas alegres e tristes. São Paulo tem sido até hoje o cenário principal de minha vida.

— Onde estudou?

— No Externato São José, donde guardo agradáveis recordações. Aliás as lembranças que a gente guarda da infância é sempre ou quase sempre agradável. Sinto saudades daqueles bons tempos... Saudades até dos "maus pontos" que ganhava no colégio! Bom, mesmo porque esses "maus pontos" eram sempre consequência de alguma diversão proibida.

da. E diversão é sempre coisa agradável, principalmente quando é proibida. Lembrou-me bem que as cortinas das salas de aula estavam sempre abaixadas para que a gente não se distraísse olhando o que se passava na rua. Mas como era fascinante ver apenas os pés dos transeuntes e imaginar-lhes os rostos! As vezes eu via uns sapatos enlameados e ficava pensando onde moraria o dono deles. Seria moço ou velho? Como seria sua casa? E qual a sua profissão?

— E que diziam os professores de tudo isso?

— Infelizmente as professoras não aprovavam esses exercícios de imaginação e lembravam-se de fazer-me perguntas quando eu me achava no mundo da lua. Naturalmente, eu nem por sombras sabia o que estava acontecendo na classe... Resultado: mau ponto. No fim do mês, os maus pontos faziam com que as notas baixassem no boletim e eu tinha um trabalho danado para inventar alguma coisa que justificasse a baixa e satisfizesse mamãe. Geralmente eu punha a culpa toda na matemática, minha asa negra número um...

— E em casa?

— Em casa as distrações eram outras. Eu tinha, por exemplo, um namorado que nunca pôde ver-me. Era um namoro engraçado, nós dois separados pelo muro que dividia os quintais. Como o quintal "dele" era em rampa, o muro era altíssimo do seu lado, ao passo que do nosso

era de altura comum. Então "ele" pedia:

— Suba no muro, que eu quero te conhecer!

Mas eu não subia nada, porque não sentia a menor vontade de mostrar a "ele" que tinha apenas onze anos... E o coitado ficava berrando do outro lado.

— Suba no muro, Josefina! (não sei porque cargas d'água eu inventei que me chamava Josefina...).

Galantemente "ele" presenteava-me com frutas do seu quintal, mas o diabo é que, atiradas pelo muro, as goiabas e as tangerinas, geralmente se esborrachavam no chão. Então a minha gulodice inventou um meio de sanar esse inconveniente: uma taquara comprida com um cestinho velho amarrado na ponta.

Acabei por me cansar da brincadeira e diversas tardes seguidas deixei que o rapazinho ficasse lá aos berros:

— Josefina, você está aí?

Eu bem que estava, mas não respondia nada. Ia só para ver se "ele" ia também... Mulheres, mulheres...

Afinal, não fui mais, mesmo porque eu andava ocupadíssima com o teatrinho que havia instalado no porão de casa. Parece que hoje em dia as crianças não gostam mais de fazer teatrinho... Que pena! O nosso era ótimo, tanto mais que a casa era construída num terreno em declive, de maneira que no porão havia um degrau entre um cômodo e outro. Assim, tínhamos o palco num plano mais elevado, o que me enchia de orgulho. Além de galã da companhia (sim, eu era o galã porque mamãe não queria saber de meninos nem na platéia, quanto mais no elenco!). Mas, como eu ia dizendo, além de galã eu escrevia algumas "peças"... Ainda me lembro de algumas "Dança das flores", "Princesinha triste", e... "Romeu e Julieta". Sim, senhores, "Romeu e Julieta" (perdão, Shakespeare!) Aliás, Shakespeare não reconheceria sua obra prima na mi-

nha adaptação e interpretação... Só o nome era igual... Já é um consolo para ele...

Depois fomos crescendo e o interesse pelo teatrinho foi diminuindo até extinguir-se por completo.

Comecei a ficar mais vaidosa, a devo-rar uma quantidade de romancinhos assucarados de Delly, Ardel e Chantepleure e às escondidas escrevia versos de amor... Escrevi também umas comediazinhas e versos para as crianças do colégio de mamãe. Já contei que nessa época mamãe tinha um colégio perto do Convento do Carmo?

Depois tentei escrever um romance, mas o enredo era bobo demais. Acabei por desistir, depois de haver rabiscado vinte e tantas páginas muito açucaradas.

DE "SOLTEIRONA" A ESCRITORA PREMIADA PELA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS

— E depois, que foi que aconteceu? — indagamos.

— Resolvi trabalhar e arranjei um emprego público. Eu havia deliberado ficar solteirona e achei que um emprego público realizava o meu ideal: lugar vitalício e com aposentadoria... enfim, a velhice assegurada... Não é mesmo o ideal da solteirona? Mas, como diz o ditado "o homem põe e Deus dispõe". Casei-me dois anos depois e deixei o emprego. Fiquei em casa e como não tinha nada que fazer, a imaginação pôs-se a trabalhar. Tentei de novo o romance e consegui escrevê-lo até o fim. Gastei três meses nesse trabalho: abril, maio e junho de 1943. O romance chamou-se inicialmente "Depois da Tempestade", mas depois mudei o título, visto ter transformado o final da história, que terminava muito bem... Acabei achando esse epílogo excessivamente adocicado e dei ao caso outra solução, mais próxima da vida. Como, portanto, a bonança não sobreviera, concluí que a tempestade não pas-

Os chapéus que a linda escritora usa não são tão extravagantes como parecem: são muito mais...



sára e o título já não tinha razão de ser. Substituí-o por "Um olhar para a vida" escolhido entre os muitos que me ocorreram. Mamãe leu os originais e aconselhou-me a tentar o "prêmio Alcantara Machado". Naturalmente hesitei. Mamãe insistiu:

— Pois se é um prêmio instituído para incentivar os estreantes, por que não há de você candidatar-se? E' bem possível que você não conquiste o prêmio, mas ao menos fez uma tentativa e não perde nada em haver tentado. E se for premiada, imagine só! Além dessa glória, você receberá 16.000 cruzeiros. Não é uma coisa tentadora?

Resisti ainda, na quase certeza de um fracasso. Mas afinal, a gente concorria sob pseudônimo... Ninguém ficava sabendo o nome dos não premiados... Tentei e levei os originais à Academia Paulista de Letras.

Em agosto de 1944 recebi o telefonema mais emocionante da minha vida. Ouvindo tocar o telefone atendi e alguém indagou por mim. Esclareci que era eu mesma e o interlocutor, então, declinou sua qualidade:

— "Aqui quem fala é o Dr. René Thiollier, da Academia Paulista de Letras. Venho comunicar-lhe que o primeiro prêmio do concurso "Antonio de Alcantara Machado" lhe foi atribuído. Quero ser o primeiro a cumprimentá-la, minha senhora!"

Bem que eu gostaria de estar à altura da situação, agradecer a honra, dizer qualquer coisa... Mas qual! Perdi a voz e comecei a chorar, sem uma palavra.

Assustado, meu marido tomou o fone e inteirou-se do que se tratava, enquanto eu soluçava sem poder conter-me...

Essa é a história do prêmio!

— E quanto foi que o livro rendeu?

— "Um olhar para a vida", publicado em 1945, o primeiro que escrevi, teve

uma tiragem de 5.000 exemplares, e rendeu-me 7.000 cruzeiros.

— E o segundo?

— "Onde o céu começa" saiu em outubro de 1946, com tiragem idêntica à do livro anterior, mas com renda melhor: 11.000 cruzeiros.

— Tem algum romance em preparo?

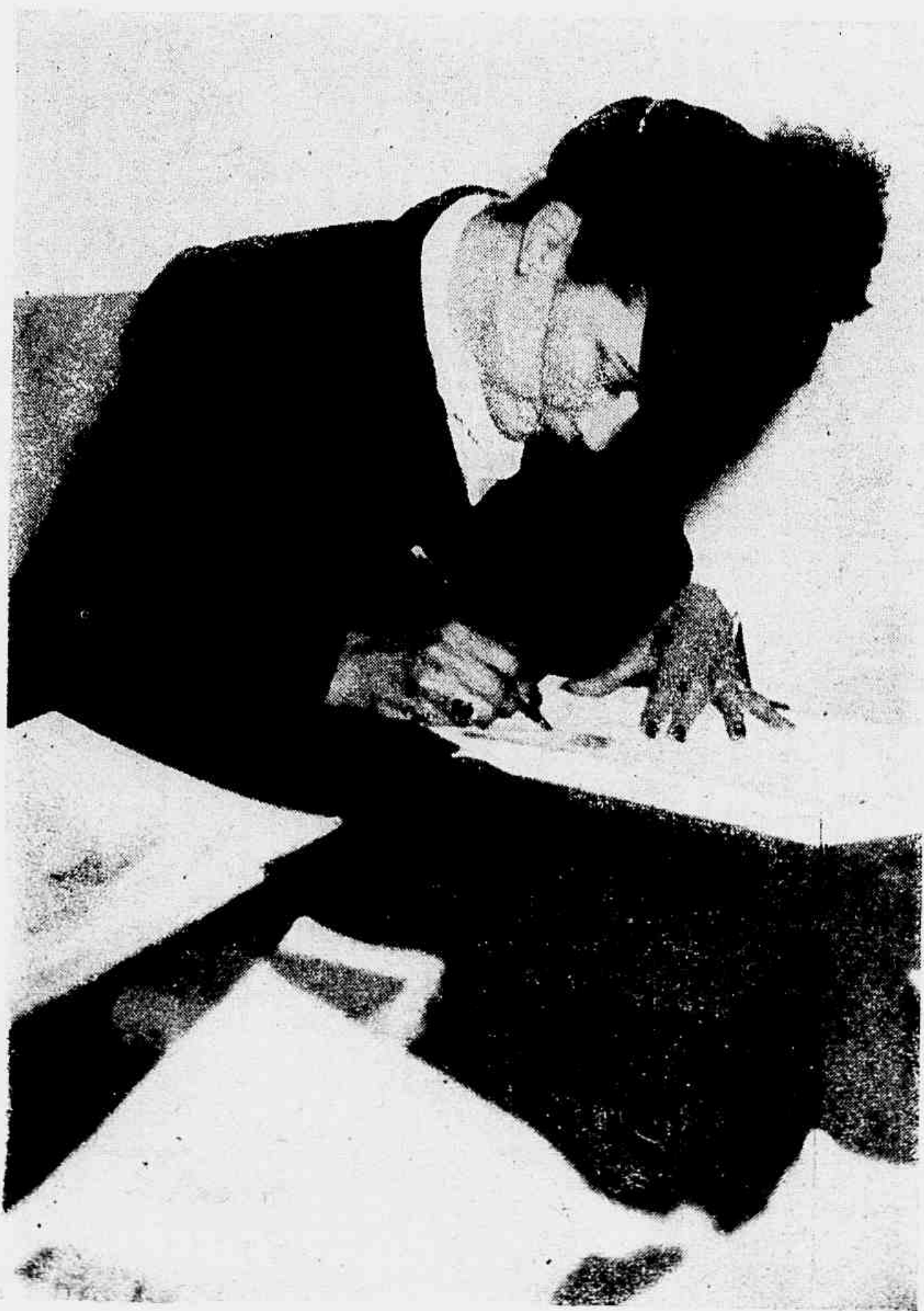
— Tenho dois romances prontos: "Quando morre o Outono" que já está com o editor e "Três Mulheres" que ainda precisa de uns retoques. Acabo de terminar uma história para crianças: "O sítio da Boa Esperança" e agora estou iniciando um novo romance que por enquanto se chama "Clô", mas provavelmente terá outro título quando ficar pronto. Meus livros sempre recebem quatro ou cinco nomes diferentes, antes de receberem o batismo definitivo.

COMO VIVE NO LAR

— E no lar, como vive?

— Como todas, ou quase todas as mulheres gosto de berdar, fazer tricô e prepara quitutes na cozinha. Dedico-me também à pintura decorativa, o que não deixa de ser uma distração agradável e rendosa. Dirigindo esta pequena indústria, ganho mensalmente mais de cinco mil cruzeiros.

Gosto de teatros e cinemas, adoro vestidos novos e chapéus malucos: as jóias entretanto, não me seduzem. E' engraçado, mas para mim um brilhante é somente uma coisa bonita. Apenas um enfeite. Nada mais. Se um colar de pérolas for falso, mas bonito, tem para mim o mesmo valor que um legítimo. Gosto muito de música e sempre apreciei Chopin, mesmo antes de "A Noite Sonhamos"... Tentei aprender a tocar piano, mas desisti no fim de alguns meses, por absoluta falta de vocação. Adoro viajar, ver coisas e gente nova, cenários pitorescos e desconhecidos.



...ela gosta de chapéus malucos, surrealistas, como este que usou quando assinou o contrato que fez com a editora "O Globo".



Afinal, descansando na macia poltrona da sua riquíssima biblioteca.

E... gosto de cachorros e gatos! Tenho três cachorros tão divertidos que é um gosto observá-los! São tão humanos, os meus cães! Como sentem clumes, como brigam por um osso!

CONCEITOS SOBRE A LITERATURA BRASILEIRA

— Como encara a literatura brasileira?

— Acho que em matéria de literatura o Brasil tem progredido muito. Dos escritores mortos, Machado de Assis é sem dúvida alguma o meu preferido. No mundo dos vivos, diversos contam com a minha admiração. Gilberto Freyre e Monteiro Lobato, por exemplo, são dignos do Prêmio Nobel. Graciliano Ramos, Luis do Rego, Jorge Amado, Erico Veríssimo. Lucia Miguel Pereira, Raquel de Queiroz, Ciro dos Anjos, são escritores que constituem um legítimo motivo de orgulho para o Brasil. Admiro imensamente a poesia de Judas Isgorogota.

DO DIVÓRCIO NO BRASIL

— E' favor ou contra o divórcio?

— Sou a favor do divórcio. Considero mesmo uma necessidade sua introdução na legislação brasileira. E' verdade que temos o desquite, que desfaz o laço conjugal. Mas não é uma solução. Não resolve o caso, pois não permite que quem errou na escolha do companheiro possa recomeçar a vida e criar um novo lar

dentro da lei. Não me digam que o divórcio viria criar em nosso meio um ambiente favorável à imoralidade. Absolutamente. A malícia não está no divórcio mas em nós próprios. E com o divórcio ou sem ele, os homens serão sempre os mesmos. Uma lei não modifica o caráter e a consciência do indivíduo. Pretendem alguns que o divórcio acabaria por favorecer a dissolução da família. Não acho. Repito que uma lei não conseguirá destruir o que estiver solidamente construído. E a falta dessa lei não impedirá que o que for frágil e sem alicerces desmorone por si mesmo. Creio que o divórcio viria, como medida saneadora, regularizar situações delicadas, ligações mais ou menos encobertas e caricaturas de casamento que algumas repúblicas sul-americanas põem ao alcance de pares cheios de boa vontade, que desejam provar à sociedade a pureza de suas intenções. Naturalmente, quando há filhos, a questão do divórcio torna-se mais delicada. Não temos o direito de negar um lar, uma família, um ambiente de afeição e respeito a criaturas que nós chamamos para a vida. Temos para com elas um grave compromisso moral. Mas seria atender a esse compromisso, oferecer-lhes continuamente o espetáculo de discussões e discordias, brigas e rancores?

Creio que o divórcio é um remédio indispensável mas perigoso, que precisa ser administrado com prudência e somente em casos extremos.



Paquetá, o santuário romântico do Rio, cantada em versos de Hermes Fontes com música de Freire Júnior.

PAQUETÁ, SANTUÁRIO ROMÂNTICO

Por EDMUNDO LYS

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

O Rio possui também o seu santuário romântico: é a ilha de Paquetá na Guanabara. Não tem é claro, o prestígio clássico do túmulo de Romeu e Julieta que o turista visita em Verona, com a emoção um pouco apressada pelos guias da Agência Cook. Não possui, tão pouco, a atração meio mórbida do sepulcro da "Dama das Camélias", onde as midinetes vão depor violetas molhadas de lágrimas.

O santuário romântico da terra carioca também conta, entretanto, com a sua legenda de amor. E, sendo cenário muito procurado por suicidas passionais, é também motivo de peregrinações meio româneas e meio dominicanas. A ilha de Paquetá é, de fato, uma das mais en-

Portão de entrada do santuário de Paquetá. A ilha é toda ela uma vasta alfombra...

cantaderas da baía de Guanabara, a alguns minutos apenas, de barca, distante do centro da cidade.

Certo é que a evolução dos hábitos brasileiros vem diminuindo gradativamente o prestígio sentimental de Paquetá. Ante as exigências da vida atual a Ilha dos Amores está, a cada dia, vulgarizando o romantismo de suas praias e de seus bosques, hoje cortados de bicicletas por todos os lados, fins de semana, quando a ilha do sentimentalismo militecentristesco, se povoa de uma humanidade alegre e esportiva, de meninas irreverentes em "slacks" e "shorts", e de rapazes em calções de banho ou botas de montar. Certo é que o ambiente bucólico de Paquetá, tão verde e amável, no verão, com as suas praias extensas e sua vegetação tropicalíssima, tornou a ilhazinha romântica ponto de "week-end" e veraneio, onde se vive entre petecas e galopes a cavalo, com garotas tostando ao sol das praias, comendo sanduíches, chupando laranjas e colhendo hipocampus.

★

Mas a legenda, essa, ficará mesmo que os "palácios" futuros acabem afugentando dali, os últimos apaixonados e os últimos suicidas a dois, que dão uma nota macabra à paisagem ingênua e lírica, preferindo-a para cenário do último beijo e do último suspiro.

Embora vivamos em idade de prosa e bem distantes da ingenuidade que, há um século, erigiu a Pedra da Moreninha em templo do amor, ainda hoje, às vezes, uma dessas glamorosas contemporâneas, mais feliz do que as moças desiludidas que procuram Paquetá para cumprir pactos de morte com os namorados — às vezes, uma dessas meninas modernas que se vestem como as pinturas de Marcel Vertès e agem como as heroínas dos "best-sellers", ali tem um instante de recolhimento e de emoção... Ainda hoje, não é raro encontrarmos sob as palmeiras da praia famosa da "Moreninha", um par de namorados, como nos velhos romances de Macedo, escrevendo os nomes, dentro de dois corações entrelaçados, na áspera superfície da Pedra, ou abrindo iniciais e datas, a canivete, no cortex de velho tronco de árvore... Ainda hoje, sim, tanto o amor, é de todos os tempos — o amor e a pieguice... Ainda hoje, sim, porque, por mais que o mundo marche e até corra, — os namorados andam sempre a passo vagaroso, como que para demorar mais os instantes inefáveis que subconscientemente sabem efêmeros, impossível de serem repetidos... Ainda hoje, sim, porque o amor, que é a

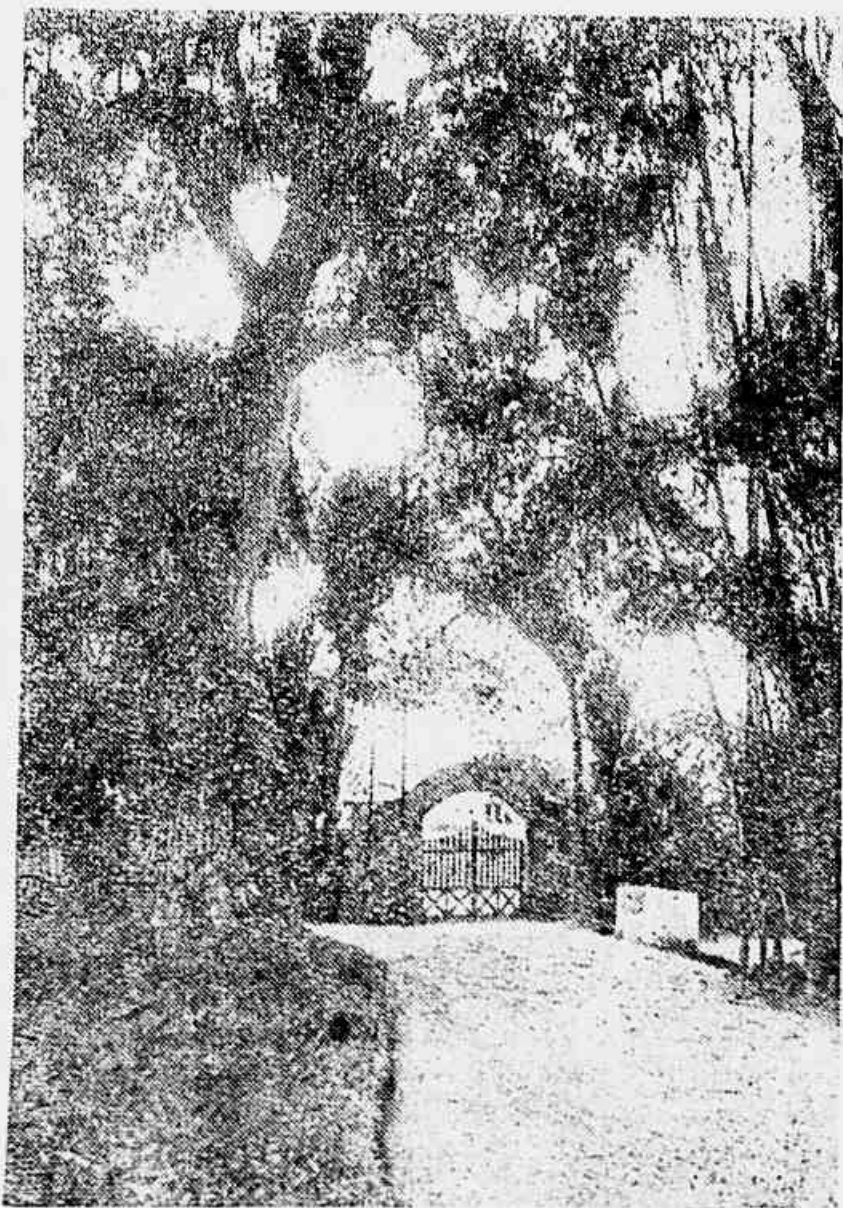
própria conservação da espécie lhes ensina a sábia e eficiente lição dos gestos tradicionais e das vulgaridades insubstituíveis.

★

Quem tornou ilha de Paquetá santuário de amor, foi o romancista do Segundo Império, Joaquim Manoel de Macedo. Há pouco, justamente, o Brasil comemorou o centenário de "A Moreninha", o ingênuo romancezinho "de moças e para moças" — como se disse — cujo cenário

(Continua na pág. 57)

Qualquer recanto de Paquetá daria um cartão-postal. Suas paisagens, de tão fotogênicas, já deviam ter aparecido no cinema. E aparecerão, porque se diz que agora vão filmar "A Moreninha"...





Ao alto : Dois expressivos flagrantes colhidos durante a cerimônia religiosa. Em baixo : Os nubentes ouvindo a palavra de D. José Pereira Alves.

NÚPCIAS

**MARIA ROSA F.
SALDANHA-LUIZ
BITTENCOURT COTRIM**

Realizou-se no dia 1º do corrente, às 17,30 horas na Igreja de N.ª Senhora do Outeiro da Glória o enlace matrimonial da Senhorinha Maria Rosa F. Saldanha, filha do conceituado industrial e homem de letras Senhor Horácio Saldanha e senhora, com o Dr. Luiz Bittencourt Cotrim, filho do engenheiro Dr. Ernani Bittencourt Cotrim e senhora.

No ato civil, foram testemunhas por parte da noiva, os senhores João Sawven e senhora e Roberto Brito Bezerra de Mello e senhora; e, por parte do noivo, o casal Dr. Corinto de Arruda Falcão, e Dr. Raul Gerin e senhora. Na cerimônia religiosa, que foi celebrada por D. José Pereira Alves bispo de Niterói, e assistida por figuras destacadas da nossa sociedade, serviram de padrinhos por parte da noiva, o Dr. Ernani Bittencourt e esposa e o Dr. Joaquim de Arruda Falcão e senhora, e por parte do noivo os casais Horácio Saldanha e Edmundo Ferreira.

Após o ato religioso o casal Horácio Saldanha ofereceu às pessoas de suas relações uma magnífica recepção, em sua residência, à rua Barata Ribeiro, a qual transcorreu num ambiente de excepcional brilhantismo e distinção, tendo os nubentes nesta ocasião recebido inúmeros cumprimentos e votos de felicidade.



O PALACETE ABRANTES

ESCRAGNOLLE DORIA

POR corpo e alma, as casas tem seu quê de humano. Corpo lhes dão os seus edificadores, alma os seus habitantes. As casas, pois por seu corpo e alma, podem ter atribuídas as idades fluviais e magnas da vida humana: mocidade, virilidade, velhice em representação de vigor, força e declinar em anúncios de morte. Tudo isto a casa nova, a casa conservada, a casa em desca'bro podem exemplificar, sobretudo quando se trata de solares.

Destes e de chácaras se foi enchendo Botafogo desde a chegada do Príncipe Regente ao Rio de Janeiro de 1808. Tudo no sítio convidava a construir para recreio, o afastado da cidade, a beleza da paisagem e seu boscarejo os bons ares, uma enseada de ordinário sem águas revoltas.

Esta soma de atrativos explica porque quem tinha poses no Rio de Janeiro do princípio do Século XIX, desejava propriedades e terrenos na praia de Botafogo por meio de compra ou doação.

Seja dado exemplo de doação, possível esta testamentária ou entre vivos. Da última espécie foi uma doação de 1828.

Na época e num prédio da rua do Lavradio esquina da rua do Senado morava pessoa de gerarquia e da prioridade de D. Pedro I, tal o senhor marquês de Cantagallo, João Maria da Gama Freitas Berquó.

Aos 14 de julho de 1828 dirigiu-se à casa de Sua Exa. o tabelião Joaquim José de Castro, homem todo de cartório e portanto muito habituado ao público, judicial e notas.

Na residência do marquês de Cantagallo encontrou o notário seis monges beneditinos graduados na sua ordem no Rio de Janeiro. Eram eles por ordem hierárquica, frei Antonio do Carmo, abade geral interino, frei Luis de Santa Teodora prior do mosteiro de S. Bento, frei Policarpo de Santa Gertrudes, procurador, frei Rodrigo de S. José, frei João de S. Francisco de Salles, frei José de S. Carlos Dutra e frei Arsenio do Nascimento, os últimos membros do conselho do seu mosteiro.

O grupo de buréis vinha outorgar a outorgado, este o marquês de Cantagallo munido de poderes bastantes para receber por um decreto o de 25 de abril de 1828.

Presentes as testemunhas Narciso José da Silva e Agostinho Ludgero Rodrigues, os reverendíssimos outorgantes disseram, uniformemente que a sua Religião era legítima senhora e possuidora de um terreno no lugar denominado Botafogo, suburbios do Rio de Janeiro.

No dito terreno existia morada de casas nobres com seu jardim ou quinta, pertencendo as casas a S. M. Imperial por compra ao visconde e à viscondessa de Villa Nova da Rainha.

Um piloto isto é, um demarcador pedira as casas nobres de S. M. na frente da praia, em linha reta até a outra esquina do Caminho Velho (ora rua Senador Vergueiro) e achára um pouco mais de 46 braças, o piloto demarcando também o terreno que no local pertencia à ordem beneditina.

Do referido terreno vinham fazer doação os seis monges presentes na casa de Berquó marquês. A doação era perpétua de cessão e traspasso a S. M. D. Pedro I e, como declaravam os outorgantes, feita em reconhecimento dos multiplicados atos de proteção e beneficência que do mesmo senhor e de seus Augustos Progenitores recebeu a Religião e a Corporação de S. Bento, em diversas épocas.

Ficava assim acrescida a morada de casas nobres da praia de Botafogo.

A escritura de doação referiu-se aos pais de D. Pedro, D. João VI e D. Carlota. Esta, durante a sua estadia no Rio de Janeiro, de 1808 a 1821, não gozou saúde perfeita: difícil de obter já por desaclimação, já pelo temperamento nervoso — irrequieto de D. Carlota. Na pausa de incômodos físicos, a princesa aprazia mudar de ares. Tinha casa nas Laranjeiras, onde uma fonte a Bica da Rainha, ainda a memora teve casa no caminho da Tijuca, na atual rua Haddock Lobo, quase em frente ao Rio Comprido e casa nos lados de Inhauma, o Engenho da Rainha hoje lembrando D. Carlota.

D. João VI só trocava a Quinta da Boa Vista pelo pa-

lácio de Santa Cruz, salvo estadia em S. Domingos parte de Niterói e seu beira-mar.

Botafogo agradou a D. Carlota de residência nas casas nobres adquiridos em 1828 por seu filho Pedro, o trocador de duas corôas e o recusador de duas outras.

No Caminho Novo de Botafogo, novo apesar de aberto a trânsito público em 1796, a Chácara da Rainha, propriedade de D. Pedro I figurou no espólio deste no Brasil, ao falecer em 1834 quem tivera corôa em dois mundos, o europeu e o americano.

O espólio de D. Pedro foi reduzido de bens e até observado com a dívida de 28 contos contrada por D. Pedro e a ser paga a quatro filhos do marquês de Jundiahy Joaquim José de Azevedo.

O inventário de D. Pedro I correu farrucamente complicado pela morte do herdeiro, a princesa D. Paula e pela minoridade do menino imperador tutelado da Regência.

Entrando no espólio a Chácara da Rainha, logrou em 1838 ser avaliada em 40 contos de réis, valor baixado a 38 contos em 1842, maior de pouco D. Pedro II.

Levada a praça pública a antiga Chácara da Rainha, as duas "casas nobres" subidas ao grau de palacete, foi este arrematado pelo visconde de Abrantes, em terceira praça pelo valor de 47 contos o adquirente dando mais 20 mil réis sobre o preço da avaliação.

Daí em diante o palacete Abrantes, pelo dono tornou-se centro de atração mundana, conservado mesmo quando nas suas vizinhanças, na praia de Botafogo, se ergueram numero os outros palacetes.

Para evidenciar, seja lembrado que a 13 de abril de 1855 fundeava na enseada de Botafogo o vapor "Santa Cruz". Trazia a bordo D. Pedro II e sua família vindos todos de Petrópolis para se hospedarem por algum tempo no palacete Abrantes.

★

Dragões da fachada do palacete Abrantes, antiga propriedade de D. Pedro Primeiro.



Os moradores de Botafogo, em sinal de regosijo, por três noites iluminaram as suas casas embandeirada a praia onde de-de a tarde tocavam bandas de música.

Os bailes no palacete foram de fama, acompanhados pelos do palacete Bahia ao Cais da Glória no dia da festa da Virgem Padroeira de culminante igreja em outeiro.

As festas das casas Abrantes e Bahia eram de genro e sogro, Abrantes casado com uma filha de Manoel Lopes Pereira Bahia, visconde de Merity, português nascido no Porto em 1787. E como o palacete Abrantes hospedara a família imperial, os oulhes do palacete Bahia tiveram por convidados maiores D. Pedro II e de D. Teresa Cristina, no dansarem quadrilhas tendo o brigadeiro Caxias por um dos pares.

O marquês de Abrantes faleceu em 1865. O palacete passou à sua viuva, tornada a casar, com o visconde de Silva em Portugal e barão do Catete no Brasil.

A ex-marquesa de Abrantes tornada viscondessa e baronesa nascida em 1826 falecia em 1880 em Paris. Seu viuvo morreu no Rio de Janeiro em 1909, nascido na cidade carioca em 1827.

No palacete, do qual contígua a capela de N. S. da Piedade mandada construir por Abrantes, ficou de posse um parente do visconde de Silva, o comendador Araújo e Silva que o transmitiu a herdeiros seus.

Na República o antigo palacete senhorial Abrantes teve momento de poder atrair curiosidade pública ao dar hospedagem a Eihu Rcol, o personagem norte americano.

Depois, na sua esquina de rua com vista de praia recuou no fechamento no silêncio até chegar a hora que esperava tanto edifício a hora do leilão e do dispersar de objetos a levantar abaixo do martelo do leiloeiro.

De 1915 a 1916 desapareciam leiloados o palacete Abrantes, e com ele muito mobiliário característicos de uma época a da melhor época do áureo Segundo Reinado.

O adquirente do prédio resolveu demolir, construindo novo prédio para sua residência. A destruição o que por longos anos acima estivera foi fazendo sumir-se no palacete condenado aquele sala de baile de acolhimento a tanta fina flor de sociedade chamada a convívio e a danças representand, estas regras de coreografia e civilidade, proibindo derrotações por marcar entre pares distancia e cortesia.

Não só a sala de baile era ornada no palacete, também a de jantar o era pelos pincéis de Taq'abue e Picozzi, artistas que em duas cenografias do teatro "S. Pedro" representand, uma sala gótica e uma paisagem para um cenário mal tiveram tempo de afirmar talentos de sua arte. Morreram logo, de febre amarela. Onde tinham vindo tentar sorte acharam morte.

A Inglaterra conservou a casa de Carlyle a Alemanha na casa de Beethoven mostrou o quarto onde nasceu o portento da música os Estados Unidos perdendo Washington fizeram de Mont Vernon a morada de sua memória. Lá se foi o palacete Abrantes, lá se foram outras casas de recordação histórica nem escapando a ouro-pretana de Marília em cidade tida por Monumento Nacional.

Ao conhecer a demolição do palacete Abrantes, um diretor do Arquivo Nacional, atento a proveito de sua repartição, visitou o campo de ruínas da praia de Botafogo, campo no qual a poeira se não fazia de rogada para escurer o ar.

Na demolição entre escambros permanecia de pé um objeto sólido significativo, arriado ao chão depois de ter conhecido alturas de fachada na qual dragões heráldicamente diziam casa de Bragança.

Os dragões postos ao solo marcaram a residência de D. Carlota Joaquina e a propriedade de D. Pedro I. Foi a peça removida para o Arquivo Nacional e no saguão deste ficou guardando escada principal trazendo a peça indicação do nome do ofertante, o Sr. Frederico Eckel.

Do palacete Abrantes ainda resta antigo anexo, a capela de N. S. da Piedade, sentimento este dedicável a quantos menosprezam o passado de uma nação, que o vai deixando atrás de si para lição de exemplos e aviso para não reincidência dos erros e abusos.



ANSELMO DOMINGOS é carioca, nascido na Praça Onze, a 17 de abril de 1917. Tem a altura de um metro e setenta e oito e pesa setenta e dois quilos. Sua distração predileta é o futebol, torcendo pelo Fluminense. O único esporte que pratica é o "basket-ball". Não gosta de cinema (embora já tenha sido crítico cinematográfico) e confessa que também não gosta de ler, chegando à franqueza de preferir desfolhar jornais e revistas do que livros propriamente... Em todo o caso, diz que, a ter de escolher um escritor, prefere sem vacilar o nome de Humberto de Campos. Só vai ao teatro quando se acha de espírito predisposto e afiança que não tem preferências por determinados artistas. É autor de várias comédias: "Cem gramas de homeni", "Rosa das sete saias", etc. Pessoalmente diz que simpatiza mais com uns do que outros, é claro, mas julga melhor não revelar nomes, porque quer continuar a ser representado... Comumente traja-se de branco mas diz que sua cor predileta é o verde, razão por que usa óculos-esporte dessa cor, seja dia ou seja noite... De longe parece orgulhoso, de perto é modesto e amigo. É católico por tradição, cristão convicto, mas tolerante para com todas as outras religiões. Começou em rádio escrevendo "sketchs" para Barbosa Junior, estreando depois ao microfone com um jornalzinho humorístico na antiga Ipanema, num programa de Genaro Gama. Mais tarde foi locutor na Vera-Cruz e dirigiu depois o "Teatro por dentro" da Cruzeiro do Sul. Passou para a Educadora, onde foi fazer o "Cineatro". E subiu pela mão de Fernando Lobo quando a B-7 passou a ser a Tamoio. Suas peças religiosas têm feito grande sucesso no rádio.



LÚCIA DELCOR, cuja atuação nos espetáculos de rádio-teatro deve-se à sua desilusão pela música, nasceu a 20 de março de um ano não muito distante, em São Paulo. Cedo, encheu-se de amores pelo teatro, passando a tomar parte no mesmo, criando peças como "Yayá Boneca", de Ernani Fornari, até que, levada por um amável convite de Olavo de Barros, fez seu "debut" frente ao microfone da PRG-3, através do "Grande Teatro Tupi", onde trabalhou ao lado de Delorges Caminha, Arlete de Souza, Norka Smith, Paulo Gracindo, Amélia de Oliveira e outros mais. Daí, retornou ao palco, integrando a companhia de Delorges. E, quando da dissolução desse elenco, ingressou definitivamente na Rádio Globo, da qual é artista exclusiva. Sua estréia na PRE-3 se deu na novela "O passado não volta", de Amaral Gurgel. Lúcia Delcor tomou parte em vários programas, como "Aventuras do Vavá" e outros. Sem ter predileção pelos astros radiofônicos, uma vez que gosta de todos, ela no teatro é "fan" de Delorges Caminha, Jaime Costa e Olga Navarro, ao passo que no cinema sua preferência recai em Ingrid Bergman e Clark Gable. Sua maior emoção no rádio, ocorreu na novela "Sacrifício", de Alvaro Augusto, em que fez o papel de louca. Ao sair do estúdio, a festejada artista teve a impressão de estar mesmo louca... Lúcia Delcor, cujo verdadeiro nome é Leonor Silva, aprecia uma boa macarronada, prefere a cor preta, gosta de ler e considera os seus "fans" os seus melhores amigos. Não é supersticiosa, obedece rigorosamente o horário dos ensaios e acorda muito cedo.

GENTE DE RADIO

DE QUATRO
EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS

OLIVINHA DE CARVALHO, que vem conseguindo atravessar galhardamente a idade perigosa da ex-meninas prodígio, nasceu no dia 30 de março de 1930, na antiga rua S. Pedro, tendo portanto 17 anos incompletos. Com 10 anos de idade estreou no teatro profissional ao lado de Aracy Côrtes e Oscarito na revista "Disso é que eu gosto". Sua atuação foi ótima na peça seguinte, "Feira Livre", recebeu o terceiro papel de importância do elenco. Sua estréia no rádio foi na Cajuti, num programa de Manoel Monteiro, cantando um fado da mouraria. Passou depois para a Transmissora, sempre interpretando músicas portuguesas, e aí recebeu o seu primeiro ordenado... vinte cruzeiros por programa. Entre os cinco e os dez anos correu outras estações, dividindo, sempre que podia, seu tempo de trabalho entre o rádio e o palco. Olivinha de Carvalho vem vencendo com perseverança, ano após ano. Seu maior ordenado até hoje foi na Companhia de Amália Rodrigues onde recebia Cr\$ 5.000,00 mensais. Trabalhou também no filme "Pif-Paf" e atualmente trabalha em mais dois filmes da Cinédia. Hoje é radio-atriz e cantora exclusiva da Mayrink e pretende em breve fazer sua estréia no teatro de comédia.

MARION nasceu a 8 de setembro de 1924 em plena capital de São Paulo. Tem um metro e cinquenta e sete de altura. Pesa quarenta e seis quilos. Pratica a natação e gosta muito de ouvir rádio. Ingressou no rádio por vocação artística, tendo cantado na Educadora e na Tupi de São Paulo, na Tamoio e na Nacional, do Rio. Torce pelo Flamengo, gosta das atuações de Silvio Caldas, Francisco Alves e Dirceinha Batista, sendo também "fan" de Carmen Miranda. No cinema, admira sobretudo Lana Turner, Clark Gable, Glenn Ford e Bette Davis, enquanto no teatro gosta de Dulcina, Procópio, Oscarito, Catalano e Bibi Ferreira. É leitora assídua de Erico Veríssimo, de Humberto de Campos e Stefan Zweig. Não tem preferência por nenhuma cor, em particular, mas por todas, combinadas, como as do arco-íris. Seus grandes sucessos são "Doce veneno", samba de Valsinho; "Babalú", em ritmo de samba e "Gato rajado", de Bucy Moreira. Para o carnaval, gravou na Odeon o samba "Placa de bronze", de Príncipe Pretinho, e a "Canção do Osvaldinho", marcha de Nestor de Holanda e Braga Filho. Em matéria de comida, Marion admira um suculento vatapá à baiana. Tem trabalhado no cinema, filmando para a Atlântida "Tristeza não paga dívidas", "Não adianta chorar", "Segura esta mulher" e "Este mundo é um pandeiro". Este último lançado há poucos dias. No mês de março próximo, seguirá para Buenos Aires, a fim de cumprir um contrato com a Rádio Belgrano. Também aparecerá num filme argentino, ao lado de Libertad Lamarque.





Da esquerda para a direita: O maestro Eugene Ormandy. Para o maestro Siqueira, ele é demasiadamente enérgico. O maestro Steinberg, alemão, naturalizado norte-americano, veio ao Brasil substituindo Karl Krueger. Francisco Mignone, o maestro que regeu a "Sinfonia de Leningrado" e mais alguns concertos. O maestro Eleazar de Carvalho, que foi para os Estados Unidos e ali ainda permanece.

A ORQUESTRA SINFÔNICA BRASILEIRA NO ANO QUE FIMDOU

DAS colunas desta revista foram dados os primeiros brados para a criação, em caráter efetivo, de uma Orquestra Sinfônica Nacional. Successivos artigos aqui publicados tinham em vista esse objetivo. Felizmente não resultou negativo o nosso ideal, e hoje, isto é, desde 1940, a Nação possui uma orquestra digna do respeito e acatamento de todos. Esta é — a Orquestra Sinfônica Brasileira, cujo nome já repercute no estrangeiro como suas congêneres de Nova York, Boston, Filadélfia, Paris, Londres, Moscou e outras.

A existência da O.S.B. em nosso meio incipiente serviu, não há negar, para dar consistência a todas as iniciativas de caráter musical; para aumentar consideravelmente o número de ouvintes e apreciadores da música erudita no país, estimulando também a criação de orquestras noutras cidades do Brasil tais como a Orquestra Sinfônica de Pernambuco e a Orquestra Sinfônica de Belo Horizonte. Nossa tarefa só estará terminada quando pelo menos nas demais capitais do país forem organizadas, permanentemente, orquestras sinfônicas. Nesse sentido a O.S.B. está fazendo um longo e minucioso estudo que, estamos certos, resultará favoravelmente em futuro não muito remoto.

A O.S.B. realizou no ano passado uma admirável série de concertos sinfônicos assim distribuída: 40 grandes concertos, no Teatro Municipal para o seu quadro social, que conta atualmente com quatro mil membros; 10 grandes concertos para a Prefeitura do Distrito Federal, também realizados no Municipal; 30 concertos dominicais realizados no Cine-Teatro Rex, contando com uma assistência regular de 2 mil espectadores por concerto; 10 concertos dedicados à Juventude Brasileira, cujo principal objeto é educá-la, convenientemente, nesse ramo da arte, concertos esses realizados sob os auspícios da Divisão Extra-Escolar do Ministério da Educação e Saúde; 6 concertos no Fluminense, sociedade que intitula no Rio, graças à sábia orientação de seus diretores, o sistema educacional através da música sinfônica; 2 concertos no Ginástico Português, que como o Fluminense vai dora avante realizá-los com regularidade, possivelmente, no Teatro Ginástico Português, que seria ideal; 5 concertos extraordinários, realizados — um no Campo do Fluminense, onde foi executada pela primeira vez no Brasil a famosa Sinfonia "Leningrado", do jovem compositor russo Shostakovich, — dois no Teatro Municipal, com Brailowsky ao piano, — um no dia da Promulgação da Constituição, na Câmara dos Deputados, e finalmente — um dedicado ao Parlamento Nacional e ao Quadro Social da Orquestra Sinfônica Brasileira.

OS REGENTES — Pela primeira vez na história da música de nosso país, o povo carioca teve ocasião de ouvir e aplaudir cinco grandes maestros estrangeiros numa temporada. Isso constitui, sem dúvida, fato inédito entre nós e por isso deveria merecer, como mereceu de todos a devida atenção e reconhecimento.

O maestro José Siqueira, um dos fundadores da Orquestra Sinfônica Brasileira, fez um balanço das atividades dessa organização, a que vem dando o seu esforço constante e bem intencionado. Eis o que ele nos diz a respeito da O.S.B. e as impressões que teve de suas atividades em 1946.

Por JOSE' SIQUEIRA ★ Especial para REVISTA DA SEMANA

Referir-me-ei em breves traços a atuação de cada um daqueles regentes.

STEINBERG — Quem é William Steinberg? Esse regente alemão, naturalizado americano veio ao Brasil em substituição a Karl Krueger, regente americano descendente de alemães, e diretor musical da Orquestra Sinfônica de Detroit. Steinberg é considerado um dos mais talentosos regentes jovens da atualidade. Sua carreira na América do Norte faz-se de maneira brilhantíssima à frente da Orquestra Sinfônica de Buffalo. Está atualmente tomando parte num filme em que

atua como pianista o famoso Rubinstein. Suas interpretações Wagnerianas são insuperáveis. E' metucioso, honesto e não procura fazer na posição de chefe de orquestra gesticulações desnecessárias de efeito barato. Steinberg tem escola alemã. E' sóbrio, às vezes em demasia. Deu-nos interpretações magistrais como a da "Quarta Sinfonia", de Brahms; a da "Ouverture" de "Rienzi", de Wagner; a da "Quinta Sinfonia", de Tschalkowsky, e "Don Juan", de Strauss, para citar algumas. Foi tal apreciação desse regente que, contrariando o sistema que desejamos seguir em cada ano, isto é, a não

repetição deles, Steinberg será contratado para 1947. Creio ser esta uma boa notícia.

ORMANDY — Quem é Eugène Ormandy? Regente húngaro, naturalizado americano, mas que fez sua brilhante e rápida carreira nos Estados Unidos. Era violinista, sendo nesse instrumento figura destacada na Europa e na América. E' diretor musical da Orquestra Sinfônica de Filadélfia, cargo ocupado por Leopoldo Stokowsky. Ormandy, que é ainda moço, goza nos Estados Unidos de uma larga fama. Não tem viajado muito. Durante a guerra foi a Austrália onde dirigiu concertos para os soldados de Tio Sam. No ano passado empreendeu uma turnê de concertos pela América do Sul e Central, tendo atuado com enorme sucesso: no Brasil, Argentina, Chile, Perú, México e noutros países. A técnica de Ormandy é muito pessoal. Suas interpretações ora são esplêndidas ora são susceptíveis de reparos. Das execuções com a nossa O.S.B. podemos destacar: "L'après-midi d'un Faune", de Debussy; "Pinheiros de Roma", de Respighi; "Terceira Sinfonia", de Mendelssohn e outras. Para que Ormandy pudesse dirigir o concerto extraordinário com Brailowsky, cedi-lhe meu lugar, afirmando que o público do Rio tivesse ensejo de apreciar na mesma ocasião, duas das maiores celebrações contemporâneas. Ormandy é muito enérgico. Os músicos brasileiros preferem o regente mais dócil. Isso não significa em absoluto que Ormandy não tivesse obtido o máximo rendimento de nossa orquestra. E' inegável que o fez e mais obteria não fosse a escassez de tempo. Ele não podia demorar-se aqui mais de 25 dias, o que constitui, sem dúvida, pouco tempo, dado o número de concertos que tinha a realizar. Provavelmente Ormandy voltará ao Brasil em 1948 desta vez com a sua orquestra.

MUNCH — Charles Munch, juntamente com Paul Paray, forma a dupla mais famosa da arte da regência na França contemporânea. Presidente e principal regente da Orquestra Sinfônica do Conservatório de Paris, Charles Munch desenvolve suas atividades musicais em vários países da Europa, iniciando sua carreira pela América em 1946, onde além de nosso país visitou os Estados Unidos. A convite da Orquestra Sinfônica de Boston. Sua família sofreu grandes golpes durante a tremenda catástrofe que enlutou o Globo. A fisionomia de Munch não ocultava essa triste ocorrência, verificada, facilmente, por quantos dele se aproximaram.

Como Ormandy, Munch tem em mãos uma orquestra maravilhosa e muito conhecida através de discos — a Orquestra Sinfônica do Conservatório de Paris, onde tanto os instrumentos de sopro como os de corda chegam a aproximar-se da perfeição. Assim sendo era natural que Munch não julgasse no mesmo pé de igualdade a O.S.B. apesar de reputá-la muito boa e de ter realizado



O maestro Szenkar, fotografado à porta de sua residência, ao lado de sua esposa.

A VIDA DE LUIZ XIV

(1638 - 1715)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com o Livraria do Globo, de Porto Alegre).

DESDE a infância Luiz XIV fora educado na crença de que era feito duma argila superior. Havia duas espécies de seres humanos, ensinavam-lhe — os príncipes e os mortais. E tinha sido privilégio seu porvir da raça principesca dos imortais. Não só lhe faziam crer que era o favorito do céu, mas também que tinha o corpo e a alma formados da própria essência celeste. A semente real, em outras palavras, era feita de substância divina.

Essa ridícula mas sincera convicção da sua semi-divindade determinou todo o comportamento de Luiz XIV, que acreditava possuir a inteligência e as faculdades dum deus. Dava a si mesmo o nome de Rei-Sol. Pensava que, assim como Apolo, o deus do sol, trazia luz, calor e glória a toda a raça humana. Parecia-lhe que Deus tinha criado o mundo afim de que ele, Luiz XIV, o deslumbrasse com sua grandeza.

E o curioso é que muitos biógrafos seus se deixaram ofuscar até o ponto de aceitar o conceito que Luiz fazia de si mesmo. Um deles (Hilaire Belloc) escreve que "nem mesmo na morte consentiu Luiz em descer da posição mais que humana que lhe fora designada". E outro biógrafo (Louis Bertrand) diz-nos ter sido Luiz XIV o mais sublime tipo de homem que a França já produziu, porque "empregou toda sua vida em fazer guerras... Ninguém jamais amou a carreira militar como ele".

Parece uma razão um tanto estranha para deificar-se um ser humano. Não obstante, os biógrafos andam acertados em chamar-nos a atenção para o seu insaciável amor à carnificina. Devia-se isto à influência do meio. Luiz foi criado num ambiente marcial. Nascido em 1638, um decênio antes de terminar a guerra dos Trinta Anos, aprendeu a ver na glória militar o principal objetivo da vida. A moral perversa dum mundo em guerra foi a que ficou mais fortemente gravada no seu espírito infantil. Diplomacia secreta, mentiras, fraudes, egoísmo, cobiça — tais foram os ideais de que se alimentou. "Já então (em criança)" escreve Bertrand, "tinha alcançado aquela capacidade hereditária de esconder os seus sentimentos e idéias — aquele útil e necessário dom de dissimular, que é uma das maiores qualidades dum rei".

Quase desde o berço, foi ensinado a adotar sempre uma atitude desafiadora ante o mundo. Seus mestres inventavam toda sorte de brinquedos marciais para ele. Passou a infância em contínuas disputas, brigas e bravatas. Tinha a índole dum tigre e as maneiras dum fedelho malcriado. Umas boas palmadas no augusto trasleiro, de vez em quando, poderiam ter-lhe feito muito bem à alma. Mas, protegido pela absurda ficção de que tudo o que um príncipe faz está bem feito, tornou-se um brutamonte que a tudo e a todos calcava desabridamente aos pés. Seu criado grave, La Porte, dá-nos uma descrição interessante, se não muito lisonjeira, da sua vida aos treze anos. "De Montreuil", escreve La Porte, "viajamos até Corbeil, onde Luiz convidou Monsieur (seu irmão mais moço) a ir dormir no quarto dele... Quando despertaram na manhã seguinte, Luiz XIV, impensadamente, cuspiu na cama de Monsieur. Este vingou-se cuspidando de propósito na de Luiz, que, um tanto irritado, escarrotou no rosto de Monsieur; então este pulou para a cama de Luiz e urinou nela. Luiz fez o mesmo no leito do seu irmão..." E assim por diante. Deve notar-se a maneira sutil por que La Porte condena o comportamento de Monsieur e desculpa o proceder do rei. Monsieur porta-se mal "de propósito", no passo que Luiz apenas faz suas travessuras "impensadamente". As ações do rei nunca são reprováveis.

Luiz, aos treze anos, era já rei de França. Subira ao trono com a idade de cinco anos. Não foi coroado, porém, antes dos quatorze. Nesse interim, viveu sob a regência da sua mãe, e sob a tutela do primeiro ministro e amante desta, o aventureiro italiano Mazarino. Sendo ele próprio um hipócrita consumado, Mazarino deu ao jovem rei um curso completo de hipocrisia. Aconselhava-o a "tratar as pessoas de sangue azul como ao pó que calcava sob os seus pés, a nunca permitir que qualquer dos cortesãos viesse a ter intimidade com ele, a mostrar um semblante severo quando lhe pedissem favores, a cultivar seu inato e régio dom de dissimulação, a manter impenetrável sigilo na direção dos negócios de estado, a prometer tudo e jamais cumprir suas promessas".

Era o velho e diabólico sistema de ética imperialista, proclamado através de todos os séculos de barbárie, desde Maquiavel até o "Mein Kampf".

O jovem rei tinha um canhenho chelo dessas máximas perversas. A mais notável era a seguinte: "Os reis têm direito à submissão dos vassallos. A vontade deles é a lei". Seus professores de caligrafia faziam-nos copiar repetidas vezes estas palavras.

Quando criança, Luiz XIV possuía uma inteligência superior à normal. Tinha a mente ágil e o olhar perspicaz. Mazarino cultivou-lhe o amor às cousas belas, bem como a paixão pelos atos arrogantes. O próprio Mazarino era um esteta que se deleitava com a música e a escultura, com sedas e rendas, espelhos, jóias, quadros e livros. Era

muito dado à elegância. Provava-se de toda sorte de pomadas e perfumes, que usava não só em si, mas também nos seus dois macaquinhos. Contudo, a despeito da sua fatuidade, era um genuíno amante da beleza. Fazia disso quase uma religião. Possuía uma das mais belas coleções de arte do mundo. Quando estava à morte, seu maior pesar era ter de deixar toda aquela magnificência.

Foi por intermédio de Mazarino que Luiz conheceu a única mulher a quem amou apaixonadamente, e que nunca possuiu. Esta mulher era Maria Mancini. Luiz, que contava então vinte anos, estava gravemente enfermo em Calais. Atacara-o a peste que, proveniente dos corpos mal enterrados de soldados mortos em Dunquerque, grassava por toda parte. Não havia esperança de salvar a vida do rei. Já os parasitas profissionais começavam a cortejar-lhe o irmão, na crença de que este em breve iria ocupar o trono. Mas Luiz curou-se, e o seu restabelecimento foi devido em grande parte aos ternos cuidados de Maria Mancini, menina de dezolito anos, filha da irmã de Mazarino.

Durante a convalescença o rei gozou o único período feliz da sua vida. Porque foi o único período "humano" que teve. Encontros diários com Maria, olhares significativos, carícias apressadas, cochichos, sonhos. Mas os sonhos não haviam de realizar-se. Pois Maria Mancini não era de sangue real. Acostumado a ver satisfeitas todas as suas vontades, esperava Luiz que desta vez sucedesse o mesmo. Pediu para casar com ela. Ma a rainha-mãe opôs-se. Mazarino opôs-se. Todos os nobres se opuseram. Só uma voz se manifestou a seu favor: a de Cristina da Suécia, que abdicara o trono por amor. Aconselhou-o a fazer o mesmo. Luiz, porém, não estava disposto a renunciar o trono. E assim, conservou a glória e renegou o seu amor. Aprendeu então que nem mesmo um rei pode obter tudo o que pretende, neste mundo de desejos insatisfeitos.

Casou com sua prima, a filha do rei Filipe da Espanha, princesa formosa, submissa e quase anã. Desfrutou as carícias de muitas amantes. Contudo, nunca logrou sentir por outra a genuína afeição que tivera por Maria Mancini. Esta foi enviada para a Itália, e assim terminou o único episódio terno da vida do rei.

Quando morreu Mazarino, Luiz contava vinte e três anos. Tendo adquirido, sob a direção do ministro italiano, o gosto das manifestações artísticas, pôs-se a transformar a França num museu de jardins, palácios, estátuas, quadros, castelos e parques. Um ar de grandiosidade artificial se comunicava a todo o país. A corte real tornou-se um mosaico de damas e gentis-homens de salto alto, todos pintados e empoados, comendo e bebendo com gestos delicados e expressando as mais frívolas idéias nas mais elegantes frases. Animado por suas amantes, o rei convidava ao palácio o melhores poetas, dramaturgos, filósofos, cientistas, soldados, estadistas, pintores e cozinheiros, tratando a todos como um amo bondoso trata os seus cães favoritos — com generosas migalhas da mesa real. Quando se aborrecia deles, atirava-os fora como se fossem trapos inúteis.

Tratava os cortesãos do mesmo modo que aos sábios e artistas. Depois que sua primeira amante, Luíza de la Vallière, lhe deu três filhos, despachou-a para um convento e arranhou uma nova concubina, Madame de Montespan, mulher de alta posição e baixo caráter. E quando já estava farto dela, acusou-a de recorrer à magia negra para influenciar-lhe os sentimentos, e mandou-a embora também. Mas a Montespan tinha uma língua cujos dardos agudos e atrevidos não mesmo a dignidade de Luiz XIV podia evitar. Retirando-se da sua presença por ocasião da derradeira rixa, ela lhe desfechou uma última seta. "Graças ao céu", disse, "não terei mais de suportar o vosso mau hálito". Como não teria ficado melindrado o Rei Sol com esta audaciosa alusão às suas muito humanas imperfeições!

A última das suas amantes, Madame de Maintenon, sobreviveu-lhe à esposa legítima. Prometera-lhe Luiz repetidas vezes que ela seria a nova rainha. Mas continuou fiel aos ensinamentos de Mazarino: "Promete tudo e não cumpre nunca as promessas". Para o fim de sua vida ele a desposou privadamente, é certo, mas fez-lhe apenas sua esposa morganática. Nunca a elevou ao seu próprio nível.

Além das amantes "regulares", Luiz XIV teve uma régia quantidade de amores irregulares. Frequentemente dizia a sua mãe que se envergonhava de seus apetites desenfreados. Nada fazia, entretanto, para refreá-los. Construiu o palácio de Versalhes, com a famosa galeria dos espelhos, para o regado das suas cortesãs. Os banquetes e bailes que dava em Versalhes e em outras partes excediam em esplendor as próprias orgias dos antigos imperadores romanos. Basta dizer que, em algumas dessas festas, só a bainha da sua espada era, para citarmos um documento oficial da época, "de tal modo cravejada de diamantes que mal se podia distinguir o ouro em que estavam engastados".

No entanto, Luiz XIV pagava um preço excessivamente alto por todos esses prazeres e magnificências. Comprava o esplendor da França com os sofrimentos dos camponeses. Diderot, um dos filósofos franceses que profetizaram um mundo melhor, descreve-nos o fantasma de Luiz XIV apon-tando o belo palácio de Versalhes ao fantasma de seu avô, Henrique IV. O velho contempla o palácio e sacode a cabeça:

— "Tens razão, meu filho, isso é belo. Mas eu gostaria de ver as casas dos camponeses de Gonesse!"

"Que pensaria ele se soubesse que nos campos, à volta desses imponentes palácios, os aldeões dormiam na palha e não tinham nem sequer um teto que os cobrisse ou um pedaço de pão para comer?"

Segundo o costume de todos os ditadores, Luiz XIV tinha a voz de Jacó e as mãos de Esaú. Fingia favorecer o povo quando na realidade o estava oprimindo. Dizia a seus súbditos ser ele o único protetor que tinham contra o poder dos banqueiros. Frendeu Fouquet, representante dos interesses bancários, confiscou-lhe os bens e privou-o de toda comunicação com os homens, encerrando-o na mais inacessível das fortalezas da França. Anunciou então que se havia apoderado do dinheiro particular dos banqueiros para o uso geral do público. Está claro que nada disso era verdade. Tinha apenas transferido o dinheiro dos bancos particulares para o seu tesouro privado, afim de empregar-lhe à sua discrição e em seu único benefício. Substituiu um plutocrata absoluto a um sistema competitivo de plutocracia. Quanto aos cidadãos comuns, não lhes dava a mínima importância, e não aumentou de um só tostão os haveres de qualquer um deles. Demonstrava sua "consideração" pelo povo sobrecarregando-o de impostos. A princípio, certamente, procurou tributar os nobres, bem como os operários e camponeses, afim de conseguir fundos para os seus dispendiosos divertimentos. Quando os nobres se rebelaram, porém, Luiz aquietou-os lançando todo o peso das contribuições sobre as costas do povo. Nas proclamações públicas expressava hipócritamente a sua amizade aos pobres. "Os trabalhadores", disse certa vez, "são ainda mais úteis do que os soldados". Em outra ocasião, falando de seus súbditos, disse: "Eu amo-os a todos". Ele "amava-os" e fazia o possível para arruiná-los. Suas extorsões terminaram reduzindo os camponeses a "comer capim como os animais do campo".

Luiz não tinha a mínima simpatia pelo próximo. Um rei, pensava ele, não devia sentir piedade; devia governar o povo como um senhor governa os seus escravos. Não demonstrava senão desprezo pelos seus vassallos. Tratava-os como animais pertencentes a um mundo inferior.

O desdém que sentia pelos seus semelhantes não era senão o aspecto negativo do apreço que tinha por si. Luiz venerava a própria grandeza. Honrava-se a si mesmo como a uma criatura divina, um deus cujo poder era supremo, não só na França como em toda a Europa. Empreendeu uma guerra de agressão contra a Espanha e a Holanda, afim de (segundo afirmou) aniquilar o poderio financeiro desses estados. As guerras desencadeadas por ele duraram mais de quarenta anos.

A fim de ludibriar o povo, despertando-lhe o frenesi belicoso, mantinha um serviço de propaganda altamente eficiente. Os oradores exortavam os camponeses a morrer

(Continua na pág. 53)

LUIZ XIV



CHICO TANOËIRO

Conto de HAROLDO DE CAMPOS * Ilustr. de A. PACHECO
Premiado no Concurso Permanente da REVISTA DA SEMANA

TODA a gente conhecia o velho Zé Peixoto: magro, curtido, de grandes olhos baços pela idade, e uma ponta de cigarro modorrando perpétua-mente no canto repuxado da boca, entre fiapos do bigode amarelecido e ralo, húmido de baba.

E toda a gente sabia também a paixão do caboclo: os aperos de preço do seu cavalo, um alazão passarinho e bonito. Aqueles arreios, de bom couro, com pregos e taxias de prata muito brilhante, e os estribos, o peitoral, a testeira, também brilhantes, também de prata...

Foram — diziam — de um gaúcho atrevidado, que o Zé Peixoto, quando moço, matara e despojava, nos longes do Rio Grande do Sul.

(Ah! aquelas suas aventuras de rapaz, vigoroso, "turuza", nos pampas rio-gran-denses! As galopadas tumultuárias sobre verdes pradarias escumilhadas de san-gue; as conversas, na sombra dos gal-pões, chuchurreando mate; os entreveros, na Revolução Liberal, com as lanças em riste, e os ponchos flando, soltos, como asas guerreiras... Tudo, tudo aquilo, e só aquilo iluminava-lhe ainda a velhice alquebrada; gostava de contar façanhas aos peões boquiabertos, na venda do Zuza. Gostava de rever-se, forte, varonil, galopando o pingo, numa rajada bruta, com o pameiro assobiando nos ouvidos, e as retinas fixas, bem longe, na marca azul, desmensuradamente azul do hori-zonte).

Mas, dos arreios, nunca falara. Por isso, o povo inventava a história. E toda a gente conhecia o Zé Peixoto, e sua úni-ca paixão.

★

Vinha descendo o estradão, batido pe-los raios mornos dum sol que o poente sorvia aos goles, sonolentemente.

O cavalo, ao passo, riscava a poeira do caminho. Gritos de aves, em recolhida no espesso da mata próxima, alternavam-se num contra-ponto estridulo.

O homem, surgindo de beira-estrada, cortou-lhe a frente como um tronco caindo:

— Secega, véio!...

(Olhos pasmos de Zé Peixoto).

— Se apela, véio. Depressa!...

Dizendo isso, o desconhecido tinha no rosto um esgar de ameaça (rosto gordo, de feições batidas, suínas).

Zé Peixoto, num estirão, tentou des-vencelhar-se, e jogar sobre o outro o alazão passarinho. Em vão! Num jogo brusco de corpo, o assaltante atirou o velho ao solo. Pisou-o.

Zé Peixoto, batido tinha furores de alu-cinado. Era velho, fraco, comido pela idade. Os insultos jorravam-lhe da boca num cúmulo colérico.

E o outro cresceu sobre ele, enorme, esbofetando-o, rugindo:

— Cala, véio! Toma geito, que eu te arrebeito... Tu tá falando com Chico Tanoëiro!...

Galgou a montada. Foi-se, num tumulto, levando de arrancada redemoinhos tontos de poeira.

★

Zé Peixoto ergueu-se. Cambaleava, como um borracho. Fazia-se pequeno, andando, como se a mágua o amesqui-nhasse, o diminuísse.

"... O cavalo, os aperos, os queridos aperos de prata bonita, orgulho de sua velhice..."

Um ninho de João-de-barro, num alto de árvore, parecia uma bola de fogo, in-crustada entre galhos. E era mesmo im-pertinente a grita dos tsius, surgindo como pingos de nanquin contra o céu amarelado de sol.

Mas Zé Peixoto nada via (...e ele gos-tava tanto de ouvir os barulhos da mata, de contemplar-lhe as belezas secretas...). A raiva trancara-se dentro dele. Brutali-zara-o:

— Chico Tanoëiro! Bandido mardi-goado!

Atirou no ar uma punhada cega. Des-ceu, estrada em fora, tropeçando.

★

A noite veio rolando por trás dos morros, veio rolando, rolando... e caiu re-dondamente sobre a terra.

Depois, a venda do Zuza abriu no es-curo um clarão cor-de-laranja de lam-padas de óleo. Estava animado o boteco.

Seu Zuza, debruçado no balcão, paro-lava, servindo martelos de pinga. Mago-tes de caipiras conversavam, bebericando a "branquinha".

— Truco!

— Leva seis!

A voz entusiasmada dos jogadores de truco subia duma mesa, entre fortes ba-foradas de cigarrinhos de palha.

De um lado a outro, numa dobadaoura ativa, a mulata Boneca passava, reme-xendo as coxas anchas no arrasto das sandalhinhas bambas. Servia os homens. Eles apertavam-na com dichotes; belisca-vam-lhe as carnes moças, copiosas. Mas a diaba não ligava a nenhum.

(Era bonita mesmo. Chamava-se Maria das Dores, mas, para o povo era sempre Boneca... Talvez, talvez porque fosse assim, bonita como uma boneca, das que Sinhaninha, a filha menina do coronel Tibúrcio... Talvez... Mas era bonita de verdade; olhos verdes, grandes... Ah! os olhos verdes da mulata Boneca!...)

Zé Peixoto irrompeu do escuro, como uma assombração. Branco, como embebi-do de lua. Cabelos revoltos.

— Chico Tanoëiro, minha gente! Levô tudo, tudo... meus arreio, meus arreio de prata bonita... Mardiçoado!

Espanto!

O Zuza ergueu a cabeçorra modorren-ta e enguliu as frases que impingia cer-radamente a um grupinho basbaque.

Até um desafio, na roda do truco, en-treparou no ar, sem resposta:

— Truco!?!...

Chico Tanoëiro!... Era o terror, a pra-ga daquele sertão. Roubava, matava, abusava das moças. Tinha em redor de si um halo sangrento de superstição e cri-me. O nome, por si só, era um grito de guerra: gelava!...

Um misto de pasmo e medo acendia as pupilas da caboclada, arregalava des-mesuradamente o verde macio dos olhos da mulata Boneca. E o velho contou tudo, praguejando.

Súbito, dum banco retirado, nos fundos ergueu-se um caboclo. Forte, ombros largos, sangue moço girando nas veias:

— Mecê tá enganado, véio. Chico Ta-noëiro num fais disso; num rôba gente

sem defesa, num martrata véio, não... Mecê tá enganado. E num repente: Va-mo tratá disso, véio, vamo vê quem robô seu cavalo.

Silêncio constrangido de incredulida-de. Ego morto de pupilas indecisas. O velho, na ansia de recuperar o roubado exultou:

— Vamo, moço. Ocê é dos bons. Vamo percurá o ladrão...

Sumiram na treva.

★

Um matuto descia, desabalado pelo ás-pero da picada. Entrecruzou com os dois caminhantes. Gritou-lhes:

— Bas noites! Ocês vão prá vila? Ói que o Chico Tanoëiro tá fazendo estrepó-lho por lá. Tá tudo em pé de briga! Des-pencou pelo correira, picado de medo.

O casame branquinho da vila, debru-cado no morro, parecia uma larga man-cha de luar no espesso da noite. Lumes piscavam, como pirilampos soltos. Um vento noturno, muito frio, soprando às rajadas, dava beljos estalados na boca da mata.

Os dois caboclos entraram na vila. O moço apeou, de salto; varou a rua prin-cipal, entrou no boteco berrante de luz.

De dentro rolava uma voz grossa e fan-farrona:

— Bebida prá todos! Quem manda é o Chico Tanoëiro!

No balcão, muita gente. Um tipo alto, morenaço, de cabelos em pasta, garga-lhava no centro, com um copo da bran-quinha na mão papuda:

— Tudo, tudo tem que bebê quando Chico Tanoëiro bebe!

E pingou, no animo dos parceiros, re-ticências ameaçadoras.

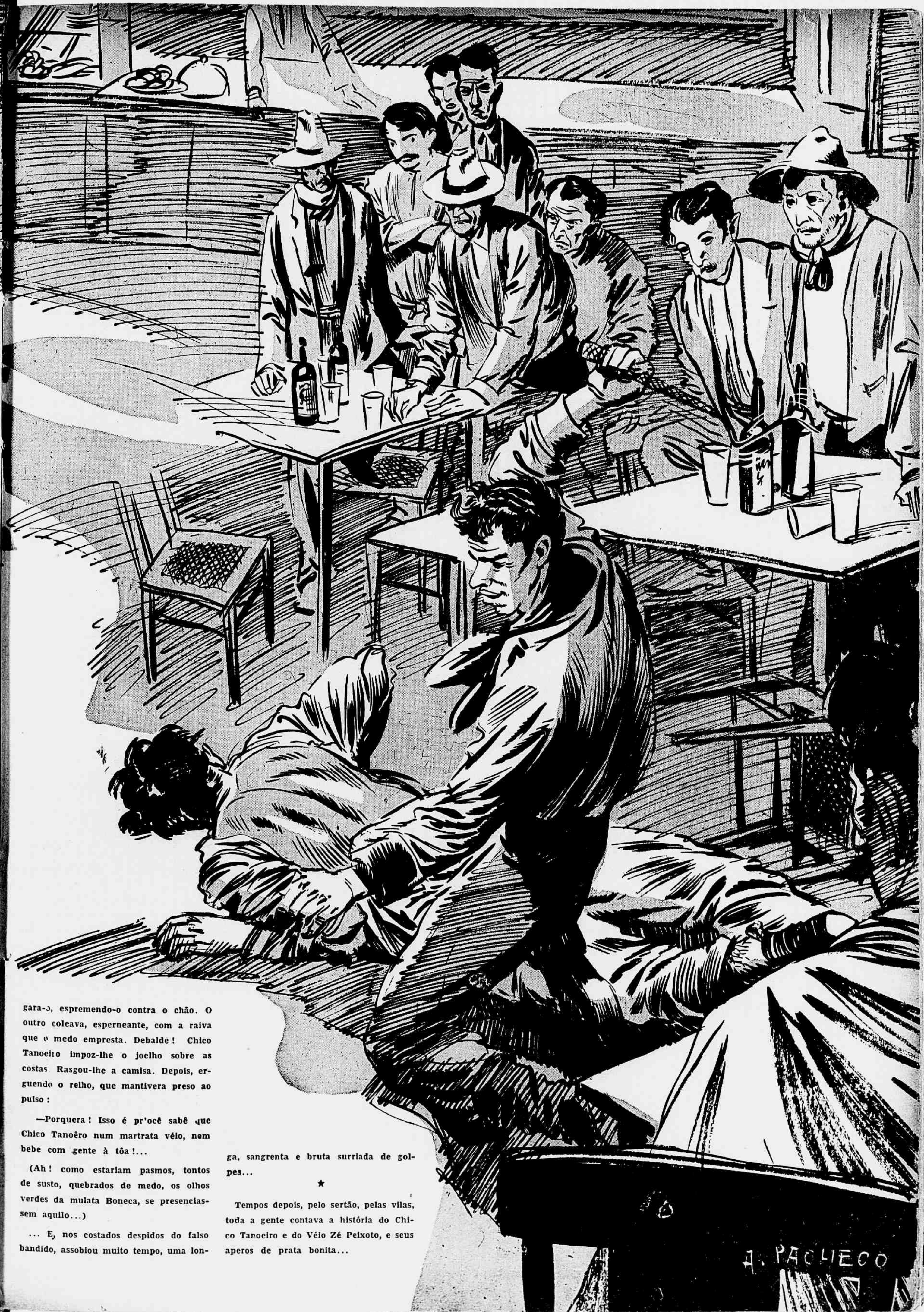
— Fu num bebo, seu moço!

Voz forte, incisiva, pautando o silêncio que lhe sobreveio.

— Ocê, seu punça! Ocê sabe...

— Cala a boca, muxiba! Ocê tá arro-tando mentira. Ocê num é Chico Tanoë-ro, num é não, praquê... Chico Tanoëiro sou eu!

Foi um pasmo só. E um baque. Chico Tanoëiro, caindo sobre o imitador, suji-



gara-o, espremendo-o contra o chão. O outro coleava, esperneante, com a raiva que o medo empresta. Debalde! Chico Tanoeiro impoz-lhe o joelho sobre as costas. Rasgou-lhe a camisa. Depois, erguendo o relho, que mantivera preso ao pulso:

—Porquera! Isso é pr'ocê sabê que Chico Tanoeiro num martrata vélo, nem bebe com gente à tóa!...

(Ah! como estariam pasmos, tontos de susto, quebrados de medo, os olhos verdes da mulata Boneca, se presenciassem aquilo...)

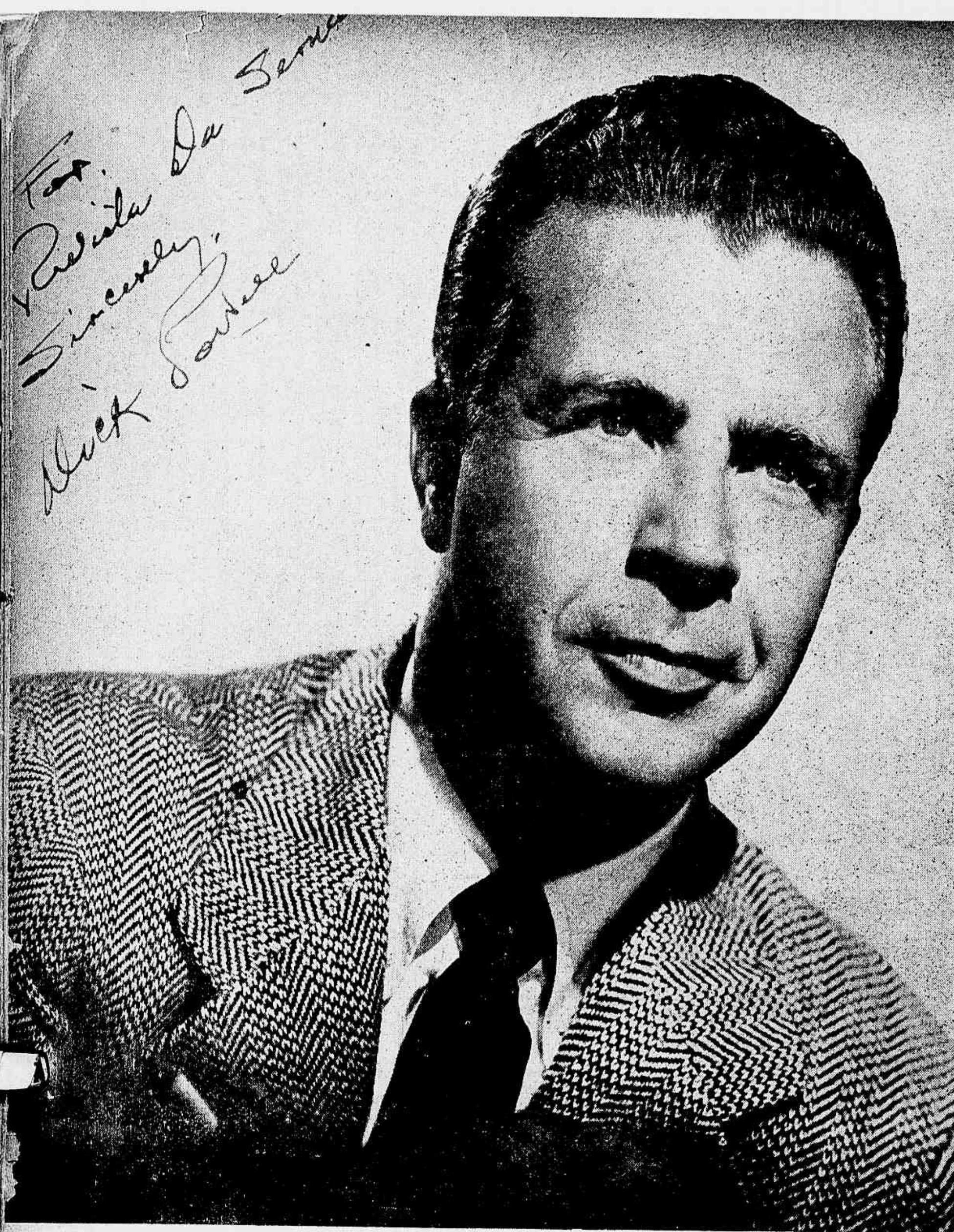
... E, nos costados despídos do falso bandido, assobiou muito tempo, uma lon-

ga, sangrenta e bruta surriada de golpes...

★

Tempos depois, pelo sertão, pelas villas, toda a gente contava a história do Chico Tanoeiro e do Vélo Zé Pelxoto, e seus aperos de prata bonita...

A. PACHECO



Dick Powell, numa foto autografada especialmente para REVISTA DA SEMANA.

Dick Powell, este último no estúdio da Columbia. Dick está filmando um filme de aventuras, algo como "A Casa da Rua 92", em que, como um arguto agente de polícia, trata de desvendar as tramas de uma organização internacional, que punha em perigo as relações de após guerra de nações amigas. Dick Powell, que foi casado com Joan Blondell, é hoje o venturoso marido da jovem estrela da Metro Goldwyn Mayer, June Allyson.

Encontrei-o no "set" número 15, num ambiente tipicamente chinês, rodeado de "coolies", bandeirolas com cores berrantes e dizeres incompreensíveis em dialeto cantonês, e chinesas inexpressivas lavando roupa em tanques de ladrilhos vistosos.

Assisti um "take", em que todos os "extras" se movimentavam puxando carrinhos e cantarolando modinhas estranhas, enquanto Dick procurava entrar na loja dum oriental, em busca de informações sobre Fun-Lu, o capitão chinês suspeito. A cena foi repetida umas cinco vezes até que o diretor finalmente se deu por satisfeito.

Dick Powell me reconheceu imediatamente e avançou sorridente:

— Creio que a última vez que nos vimos você estava na França, não é?

— Sim, filmava uma das cenas da fita "Acossado". Lembro-me muito bem.

— Pois hoje estou na China e, amanhã, iremos para o Egito.

— Está viajando rapidamente, sem precisar de nenhum veículo acionado pela energia atômica...

Dick riu e comentou:

— Ainda espero ter um avião que me facilite essas viagens vertiginosas, sem cenários de papelão e luzes artificiais. Meu irmão está no Brasil e gostaria bem de ir-lhe fazer uma visita. Creio que todo mundo lhe deve fazer este cumprimento sobre uma visita ao Brasil, mas eu o digo muito sinceramente...

Dick Powell rememorou, em nossa conversa, os aspectos mais interessantes de sua carreira artística.

— Já sabia que chegaria aí. Todos me provocam a esse respeito. Pois bem. Comecei como empregado de uma Companhia te-

Dick Powell, em uma cena de "Até à vista, querida" (Murder, my sweet), que marcou o início de uma nova fase em sua carreira.

DICK POWELL

VENCEU COMO ATOR DRAMATICO

Antigo empregado de uma companhia telefônica, tocador de banjo e cantor de orquestras, o triunfante artista foi quem lançou Ginger Rogers no rádio — Uma breve palestra com o marido de June Allyson no estúdio da Columbia, num intervalo da filmagem de "Johnny O'Clock"



Por LUIS SERRANO

(Correspondente especial da REVISTA DA SEMANA em Hollywood).

HOLLYWOOD, janeiro. — Há semanas em Hollywood em que é mais difícil entrevistar um artista do que conseguir uma libra de açúcar no mercado vizinho sem o clássico coupon... Mas há outras em que tudo corre de acordo com os desejos do mais exigente jornalista. As primeiras semanas de janeiro têm sido para mim cheias de trabalho e boas surpresas: já entrevistei nestes dias Bob Hope, Olga San Juan, José Iturbi e hoje,



Dick Powell, falando a Luis Serrano, correspondente especial de REVISTA DA SEMANA em Hollywood, no "set" em que está sendo filmado "Johnny O'Clock", produção da Columbia.

telefônica em Mountain View, Arkansas. Aí aprendi a difícil arte de ter paciência quando as telefonistas demoram a fazer ligações... Vi como trabalham! Quando alcancei o salário de 90 dólares mensais pensei que era alguém... Mas você sabe o que são 90 dólares: nada! Por isso não desistia da minha inclinação para o canto e participava de todas as festinhas locais, convidado ou não convidado. Aos poucos me fui impondo e um dia tive o meu primeiro convite para cantar numa orquestra. Mas esta era incipiente e não tinha dinheiro... Consultei meu chefe na Companhia Telefônica e este como conselho me respondeu: "Estou na Companhia há vinte anos e ganho \$200.00 dólares. Resolva"... Resolvi e segui com a orquestra.

— Foi um sucesso?

— Sucesso? Houve algumas semanas em que ganhei mais de cinco dólares e alguns meses mais tarde estava às portas da miséria. Vivi quatro dias a "cachorro quente"...

Dick parou e abanou a cabeça, a lembrar estes princípios penosos da sua carreira.

— Bem... um dia recebi um telegrama de Charlie Davis, de Indianopolis, convidando-me para cantar na sua banda, se soubesse tocar banjo. Nunca tocara num destes instrumentos, mas respondi que sim. Com muito custo e persuasão consegui \$50.00 dólares, comprei um banjo num "prego" e passei noites estudando como melhor dedilhar o velho amigo que me ia abrir as portas da fama que consegui adquirir cantando. Das orquestras passei para o rádio, onde introduzi num dos meus programas a novata Ginger Rogers, hoje uma "star" cinematográfica de celebridade internacional...

— E Hollywood?

— Isto só veio mais tarde. Em 1930 comecei a cantar num dos cinemas da Warner's Brothers, em Pittsburgh. Em 1933 acharam que eu podia tomar parte em filmes e me convidaram para aparecer em "Blessed Event".

— E, desde então, quantos filmes?...

Dick Powell, no seu programa de rádio, "Rogues Gallery", de cunho eminentemente dramático, tem encontrado uma excelente colaboradora em sua esposa, June Allyson, que acaba de terminar o filme "High Barbaree", com Van Johnson.



— Uns quarenta, isto é, quarenta filmes longos. Mas nem todos foram do meu inteiro agrado... Não gosto — e confesso muito francamente, — de papéis românticos, como galã de comédia ou como trovador. Não sei porque nenhum estúdio queria me dar o ensejo de aparecer num papel mais viril, de maior dramaticidade. Assim passei dez anos a discutir com os meus agentes e diretores, até que, livre, pude escolher o meu papel de jornalista em "A vida é uma ilusão" (It Happened Tomorrow).

— E "Até à vista, querida" (Murder, My Sweet)?...

— Sim, este foi um filme que fiz com agrado, ainda que não o considero um dos meus melhores. O meu programa de rádio "Rogues Gallery", que, como sabe, é de grande dramaticidade, conseguiu convencer o público de que eu não era somente um cantor de doces melodias.

— E o seu filme "Acossado"?

— Acho que foi um bom filme, ainda que reconheça que a história poderia ser mais convincente em certos pormenores, quer quanto ao diálogo, quer quanto à ação. O filme foi muito bem recebido aqui, mas...

— Claro que sempre há algo que pode ser mais perfeito, é a contingência humana... E o seu presente filme?

— "Johnny O'Clock"? Estou muito satisfeito até aqui... Tem ação, enredo, e me faz "viajar" por lugares que há muito desejo visitar em realidade... Ao menos assim tenho a impressão de realmente estar vendo algo do mundo.





Ao alto, flagrante colhido no aeroporto Santos Dumont, quando era feito o revistamento da bagagem de um carrão tudo cavaleiro que ia embarcar para Lisboa. A direita: Por trás de grandes contrabandos de ouro em barras e as jóias e pedras preciosas.

DO CONTRABANDO DO PAU BRASIL AO CONTRABANDO

O contrabando está na ordem do dia. Nunca foi tão intensa a atividade desses contraventores. O momento é particularmente favorável a tais operações, inclusive em razão de diferenças de câmbio e de crise de euro na Europa. Exatamente neste momento acaba de ser divulgada com grande escândalo a notícia de que duas milionárias brasileiras, — Flora Morgan Snell e Baby Cerquinho, nomes frequentemente citados por Jacinto de Torres e outros cronistas granjeiros no "carnet social" da nossa imprensa, — foram presas em Paris, no aeroporto de Orly, por estarem envolvidas num contrabando de alguns quilos de ouro. Em razão disso, as duas elegantes foram multadas e tiveram todas as suas jóias confiscadas; tendo a Embaixada do Brasil em Paris se recusado a intervir na questão. É, portanto, oportuníssima a reportagem que publicamos neste número, muito embora destinada a focalizar especialmente o contrabando de fora para dentro do Brasil... O contrabando que aqui começou com o pau-brasil, progrediu com os pneus traficados para a Argentina e agora atingiu o período de maior esplendor, com o ouro carregado clandestinamente para Paris por autênticas granfinas...

447 anos de fraude organizada — O contrabando que enriqueceu muita gente durante a guerra — Quando um saco de estopa pode valer 400 mil cruzeiros — Uma cigarreira vermelha no valor de 100 mil cruzeiros. O processo da "desova" — A "mulher-relojoaria" — Como é feito o serviço de repressão ao contrabando — Contrabandistas impunes e contrabandistas fracassados.

Reportagem de EPITÁCIO CAÓ

Fotos de ARNALDO VIEIRA

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

DATA de época muito remota a existência da prática do contrabando e sua história, em todo o mundo, está repleta de episódios curiosos. Desde que foram estabelecidas entre as nações as barreiras alfandegárias, surgiu a idéia de fraudá-las e de se efetuar transações fora da lei, o que veio a chamar-se contrabando. Quer nas despovoadas regiões das fronteiras que separam os países, quer nos portos marítimos, grupos de aventureiros começaram a contrabandear, ora armamentos para as guerras, ora a mais rara seda do Oriente para as damas elegantes,

ou ainda o marfim, o âmbar, o ouro, a prata as especiarias e os perfumes. Tudo passou a ser vendido clandestinamente, livre de qualquer imposto alfandegário. E, embora sempre existisse vigilância policial, bem como severa punição para os contrabandistas colhidos em flagrante, nunca foi possível banir da face da terra essa profissão perigosa, pois a audácia e a astúcia de quem pratica o "comércio ilegal" tem sempre desafiado e superado o poder daqueles a quem incumbe a repressão.

Hoje, quer seja na mais distante fronteira terrestre, ou

no mais poder...
perar, utilizando...
e astuciosas...
grau de...
O que mai...
carregada de...
é o espírito ave...
sempre de post...
lucros fabulosos...
são poucos os...
custa do contrab...
em suas bagagem...
foram contraba...

No Brasil o...
descoberto...
hoje muito d...
recolhas de su...
região sul do p...



Por trás da pesada porta deste cofre estão guardados os

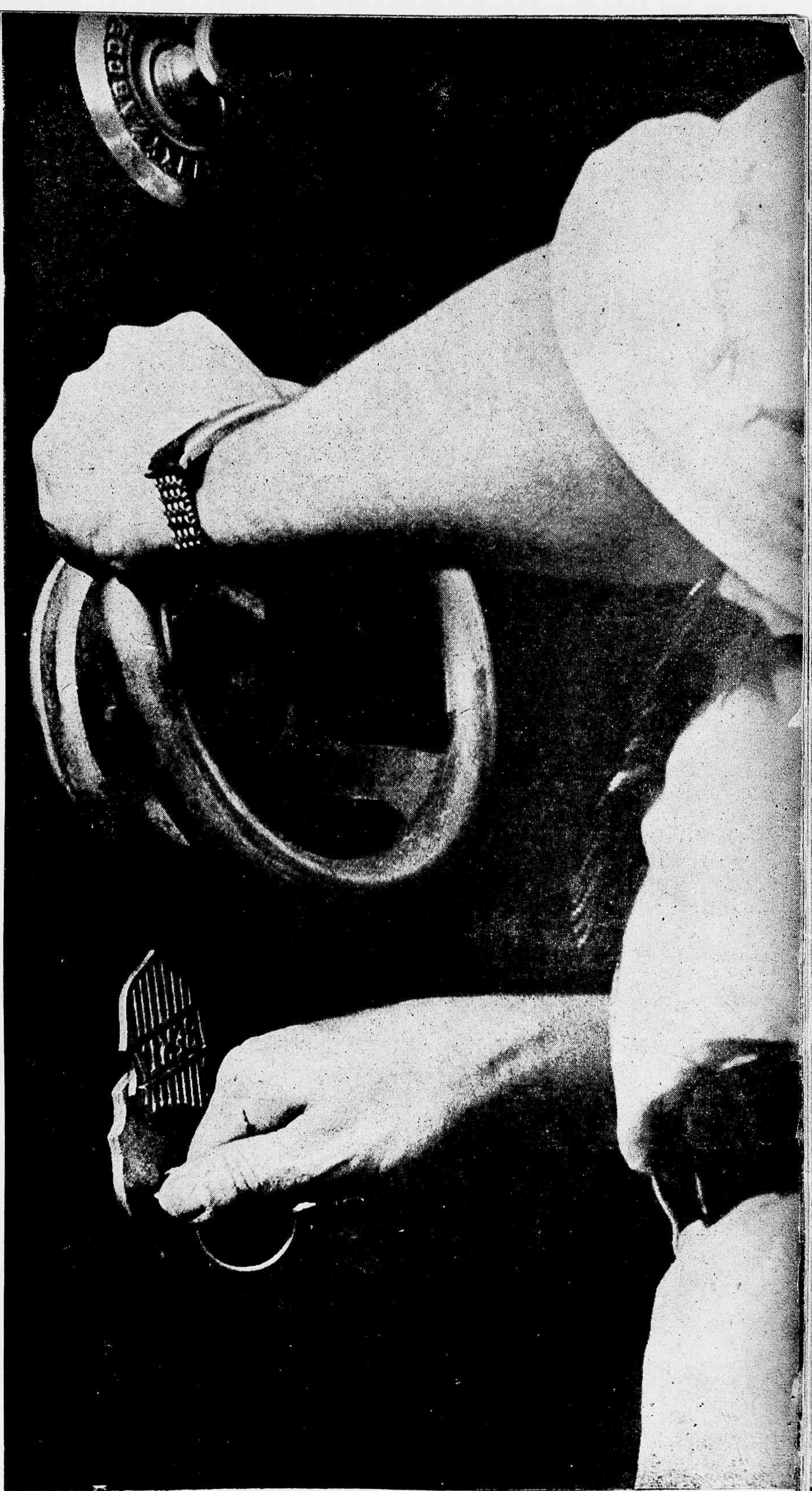
ANDO DE PNEUS

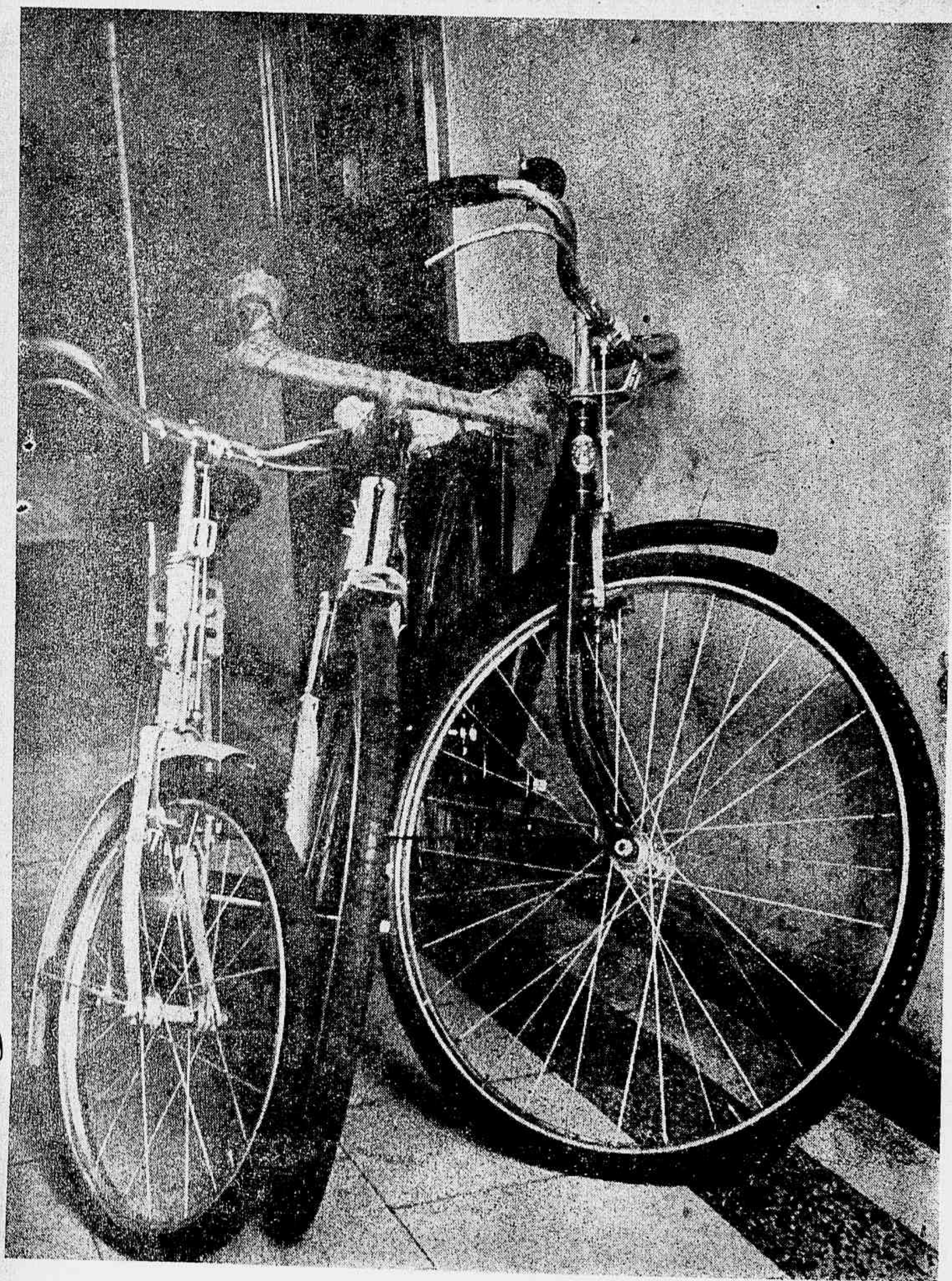
no mais moderno aeroporto, o contrabando continua a imperar, utilizando-se que o praticam os meios mais variados e astuciosos processos, muitos dos quais revelam alto grau de inteligência, audácia e meticulosidade.

O que mais tem dificultado a ação das autoridades encarregadas de reprimir os contrabandos, no mundo inteiro, é o espírito aventureiro dos contrabandistas, os quais estão sempre dispostos a sacrificar a própria vida na ânsia dos lucros fabulosos que o mercado ilegal proporciona. Não são poucos os indivíduos que se tornaram milionários à custa do contrabando e a história policial tem a registrar em suas páginas nomes de personalidades famosas que foram contrabandistas.

O CONTRABANDO NO BRASIL

No Brasil a prática do contrabando existe desde a sua descoberta — pois se iniciou com o pau-brasil — e até hoje muito de cabeça tem dado às autoridades encarregadas de sua repressão. Nas fronteiras, sobretudo na região sul do país, sempre se praticou o contrabando em





Estas bicicletas foram "desovadas" no porto de Recife, por um navio que procedia dos Estados Unidos e apreendidas pela Alfandega quando eram desembarcadas no Rio. São de fabricação americana e brevemente irão a leilão na Guardamoria da Alfandega.

larga escala. Mas o maior campo de ação dos contrabandistas tem sido sempre os grandes portos marítimos. Aliás qualquer porto onde entre um navio de longo curso, isto é, aquele que faz viagens transatlânticas, oferece oportunidades magníficas para o mercado ilegal, para a entrada e saída de mercadorias sem o "visto" alfandegário.

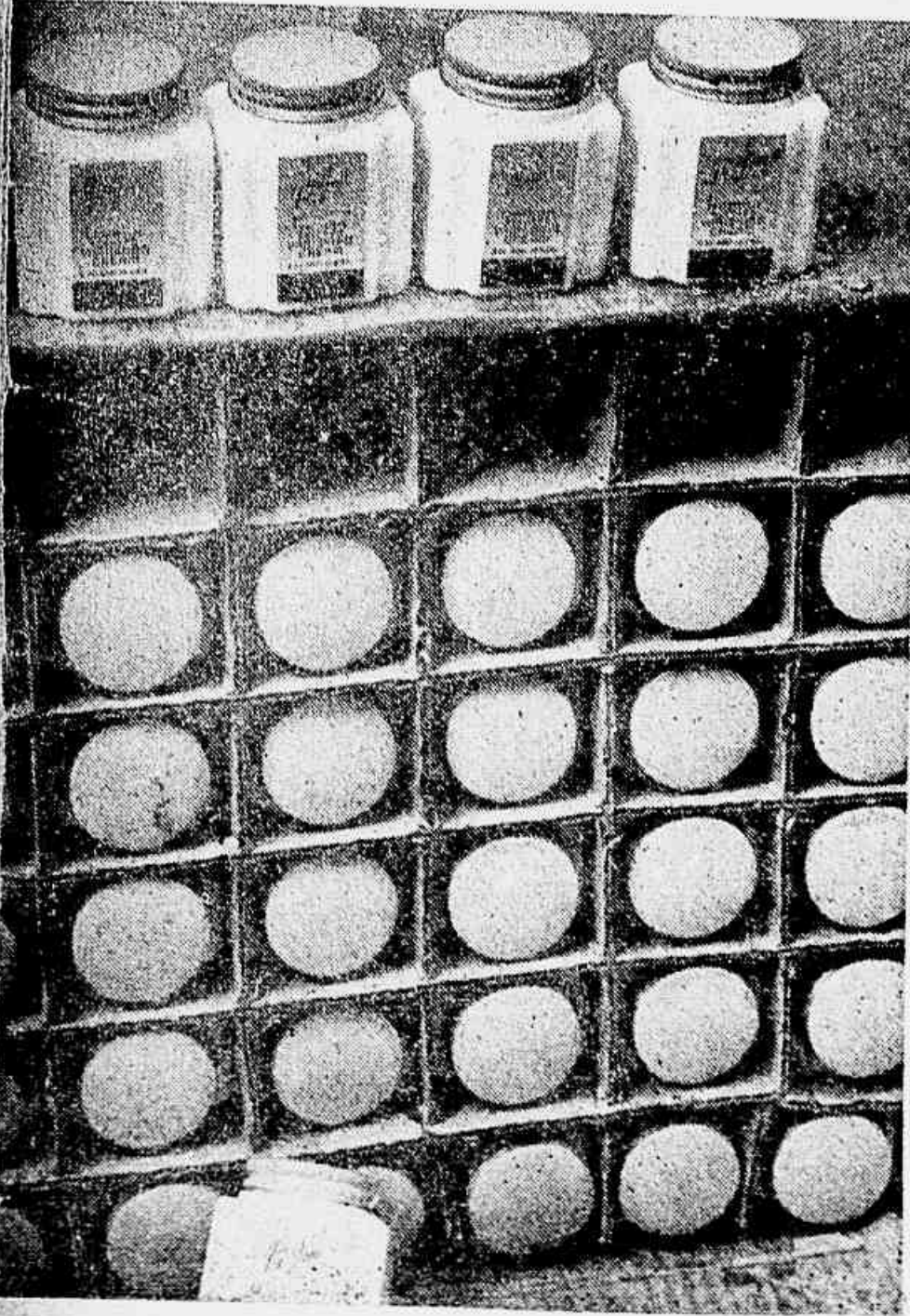
O CONTRABANDO E A GUERRA

Durante a guerra, com a suspensão quase total da navegação marítima, os contrabandistas sofreram um grande golpe em suas atividades. Mas, mesmo assim, o contrabando continuou a imperar. Inteligentemente os contrabandistas passaram a "trabalhar" com as mercadorias que sofreram racionamento. Aliás, nesse particular, enorme quantidade de artigos brasileiros racionados saíram clandestinamente do país. Foi o caso por exemplo, dos pneumáticos fabricados no Brasil, cujo contrabando para a Argentina deu para enriquecer muita gente, ficando os contrabandistas até hoje impunes. Apesar das restrições da navegação marítima, o contrabando foi praticado em larga escala, notadamente nos portos do Rio e de Santos, pois os raros transatlânticos de países não beligerantes que neles aportavam bastavam para manter o curso dos "negócios" do contrabando. Antes da guerra os contrabandos entravam no porto do Rio de Janeiro, sobretudo pelos navios italianos e franceses. Durante o conflito, como esses navios não navegassem, os transatlânticos espanhóis e portugueses se tornaram os reis do contrabando. Os principais artigos contrabandeados por tais navios eram o azeite de oliva, quase sempre de procedência portuguesa, pedras preciosas, tecidos, peças para máquinas e pedras para isqueiros.

MERCADORIAS APREENDIDAS

A Guardamoria da Alfandega, a cuja frente se encontra o guarda-mór Milton Barbosa Gonçalves, a quem incumbe todo o serviço externo do porto do Rio, isto é, a vigilância dos portos marítimos e terrestres, das guarnições dos navios mercantes, o policiamento da zona fiscal, etc., fez durante o período de guerra numerosas apreensões de mercadorias contrabandeadas, cujo valor em dinheiro atingiu algumas dezenas de milhares de cruzeiros. Sómente numa busca efetuada a bordo do transatlântico português "Serpa Pinto", — para citar apenas um caso, cujas diligências duraram trinta e seis horas consecutivas, foi apreendida uma partilha de azeite português que, vendida em leilão, deu perto de 400 mil cruzeiros. Cigarros, tecidos,

A esquerda: uma caixa de potes de creme de beleza para as damas elegantes. O contrabando desse artigo é feito quase sempre por damas que regressam dos EE. UU. e trazem o creme como "louça" em meio à bagagem... A direita: Os navios que vêm dos Estados Unidos, muitas vezes, trazem dezenas de máquinas de escrever como contrabando. Na foto aparece um grupo delas apreendidas em um navio nacional.



Um lote de mercadorias, onde se vê desde a lata de puro azeite de oliva até o frasco do melhor perfume francês. Por sobre as latas de azeite e dos potes de creme de beleza estão peças de fina casemira italiana e francesa.

pneumáticos, cremes de beleza, vinhos, perfumarias, máquinas de escrever, bicicletas, armas e uma infinidade de outras mercadorias foram apreendidas pela Guardamoria da Alfândega durante o período de guerra.

UMA BOA FONTE DE RENDA...

As apreensões levadas a efeito pela Guardamoria da Alfândega no ano findo, alcançaram um total de 248, com o peso de 5.036 quilos. Isso pode dar uma idéia da boa fonte de renda que representa para a Fazenda Nacional a repressão ao contrabando. Daquela total, foram vendidos em leilão 144 volumes, atingindo a respeitável soma de Cr\$ 771.649,00. E' preciso notar que, por causas várias, inclusive vencimento de prazos, outros 104 volumes deixaram de ser vendidos em hasta pública o que será feito oportunamente, devendo dar uma renda de mais ou menos Cr\$ 556.800,00. Somando tudo, o valor total das apreensões no ano de 1946 deverá atingir a soma de cerca de Cr\$ 1.328.517,00.

OS PROCESSOS DE CONTRABANDO

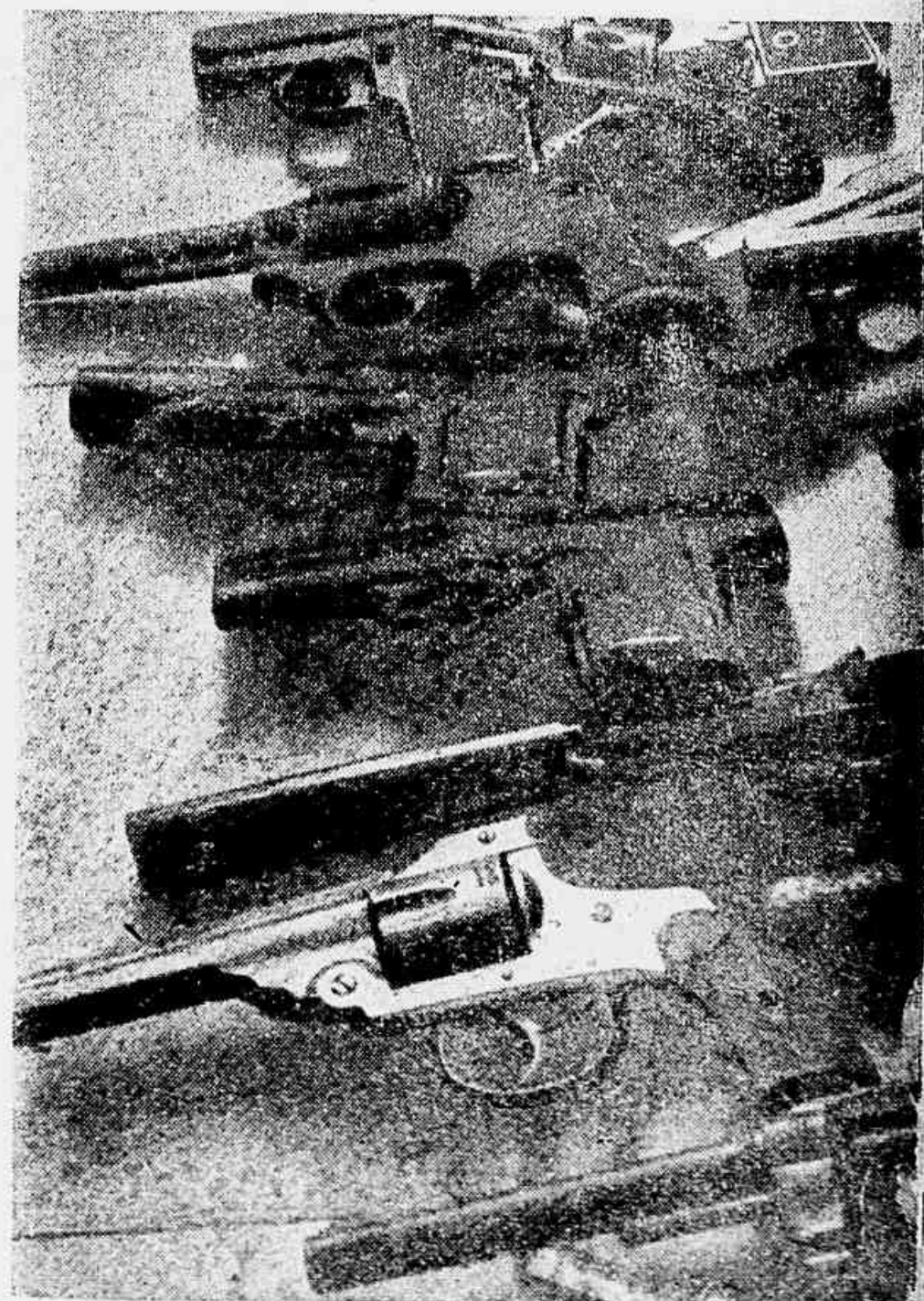
Inúmeros e curiosos processos são empregados pelos contrabandistas na prática do "mercado ilegal", embora todos já conhecidos das autoridades repressoras. Desde os "ninhos" feitos nos antepeços dos camarotes dos navios, até as gravatas adrede preparadas, onde o contrabandista que as usa pode colocar uma dezena de pedras preciosas de grande valor, todos esses engenhosos processos são de há muito conhecidos pela Polícia Aduaneira. Muitos conseguem passar seus contrabandos. Mas, de quando em quando um desses contrabandistas é agarrado e o contrabando apreendido paga por uma parte dos que passaram ilegalmente a barreira alfandegária...

ONDE UM SACO IMPERMEÁVEL PODE VALER 400 MIL CRUZEIROS...

O serviço de repressão ao contrabando não é feito apenas nos portos ou estações de desembarque de passageiros. Com o restabelecimento da navegação transoceânica depois da guerra, a repressão tem que ser feita, como outrora, até mesmo em alto mar, pois é aí justamente, que se dá o contrabando de grande vulto. Isto porque os navios contrabandistas muito antes de cruzarem a barra, lançam ao mar, envolvidos em sacos impermeáveis, as mercadorias contrabandeadas, as quais ficam a flutuar, pois dispõem de uma pequena bola. Depois os contrabandistas



A esquerda: As bem acondicionadas garrafas do finíssimo vinho Chianti italiano foram apreendidos, recentemente, em grande quantidade. A direita: As armas também são apreendidas pelos guardas aduaneiros. Sua apreensão é difícil e perigosa, pois seus portadores são sempre homens afeitos ao crime.





No aeroporto Santos Dumont funcionários da Alfandega examinam uma valise de um passageiro de um dos gigantescos "Constellation". Ali é onde são apreendidos, geralmente, os contrabando de ouro e pedras preciosas.

vêm em embarcações especialmente preparadas para esse fim e "pescam" o contrabando. Geralmente esse processo é empregado no contrabando de sedas caríssimas, cujas peças vêm dentro daqueles sacos lançados ao mar. Muitas vezes um desses sacos pode conter uma peça de seda do Oriente cujo valor atinge a bagatela de 400 mil cruzeiros...

A "DESOVA"...

Outro processo muito comum é o chamado da "desova". Um navio que faz a linha de longo curso, isto é, que viaja para o exterior, traz, por exemplo, várias bicicletas de contrabando. Quando o navio atinge um porto brasileiro, — sobretudo Recife e Belém do Pará — a mercadoria é

desembarcada e reembarcada em seguida, em outro navio, de pequena cabotagem o que constitui a "desova". Neste navio de pequena cabotagem — pensam os contrabandistas — ninguém pode imaginar que venham bicicletas novas, pois nós não fabricamos tal mercadoria. Daí ser mais fácil de desembarcar essa mercadoria no porto do Rio, passando a mesma despercebida da fiscalização alfandegária.

A MULHER-RELOJOARIA...

O contrabando de ouro pedras preciosas e jóias geralmente é feito por meio de processos individuais. Quase sempre as jóias contrabandeadas são encontradas nas vestimentas e nas peças de uso individual. Ali a fiscalização alfandegária tem que ser extraordinariamente severa e atenta, pois esses contrabandos somente são descobertos por um reduzido número de fiscais aduaneiros especializados em tais casos. Isto porque são utilizados os mais astuciosos e singulares processos de contrabando. Muitas vezes uma simples cigarreira de cor verde ou vermelha pode ter o valor de dezenas de contos de réis. E' que ela pode ser toda de ouro e bem pode o seu portador, para contrabandear esse precioso metal tê-la pintada com uma tinta verde ou vermelha especial. Um simples arranhão com a unha, feito pelo polícia aduaneiro na cigarreira, na ocasião do desembarque do seu portador, — e está descoberto um belo contrabando...

A maior dificuldade que enfrenta a aduana é quando o contrabandista pertence ao belo sexo... Para isso dispõe a Guardamoria da Alfandega de um corpo de funcionárias que age nas estações de desembarque. Certa vez, por exemplo, quando descia pela prancha de bordo de um luxuoso paquete francês uma dama refinada e elegante um fiscal aduaneiro notou que ele se movimentava com certa dificuldade e apressou-se em ampará-la julgando-a, talvez, adoentada. Entretanto, sua argúcia de profissional acostumado levou-o a desconfiar daquilo. Imediatamente

convidou a dama para acompanhá-lo à estação de desembarque e ali uma funcionária da Alfandega foi revistá-la. E, com algumas apalpadelas, a moça descobriu que a dama elegante trazia um cinto especial do qual pendiam vários cordões, cada qual contendo na extremidade um valioso relógio. No final da busca, nada menos de 200 relógios foram retirados da cintura da "mulher-relojoaria"...

QUANDO O DONO NUNCA APARECE...

Há outros curiosíssimos processos de contrabando de ouro. As vezes, o simples pincel de barba pode valer uma pequena fortuna... Há muito pouco tempo, por exemplo — parece que em junho do ano passado — a Polícia Aduaneira em colaboração com a Polícia Marítima, apreendeu um contrabando de ouro no valor de cerca de 100 mil cruzeiros. O caso passou-se do seguinte modo: — na ocasião em que ia embarcar num dos "Constellation", no aeroporto Santos Dumont, um cavalheiro de nacionalidade lituana despertou a atenção dos fiscais de serviço pelo modo como andava. Era como se tivesse um calo em cada dedo do pé... Mas de súbito, notando que estava sendo percebido, o cavalheiro deixou os sapatos e saiu em disparada. Apanhados os sapatos verificou-se que possuíam uma boa meia sola... de ouro. Preso o lituano e revistada a sua bagagem foram encontradas mais algumas libras de ouro astuciosamente escondidas no cabo de seu pincel de barba no cinto e até na própria carteira...

Outras vezes antes de embarcarem, — geralmente isto acontece nos aeroportos — passageiros "esquecem" sobre um balcão um pequeno embrulho contendo, às vezes, uma pequena fortuna em pedras preciosas. O mais interessante, porém, é que quando um fiscal aduaneiro encontra o pacotinho e pergunta às pessoas presentes a quem pertence, ninguém se acusa. E' que o autor do contrabando teme sempre os rigores da lei que pode conde-

(Continua na pág. 58)

A direita: a senhora Flora Morgan Snell, dos altos círculos comerciais cariocas, pintora e milionária, detida pela polícia francesa no aeroporto de Orly, onde teve suas jóias confiscadas e foi pesadamente multada, por se ter envolvido num contrabando de ouro, juntamente com Baby Cerquinho, sua companheira de viagem. A esquerda: a senhora Baby Cerquinho, nome muito conhecido nas rodas mundanas do Rio de Janeiro, foi detida no aeroporto de Orly, na França, juntamente com a pintora Flora Morgan Snell. Ambas estavam envolvidas num caso de contrabando de ouro, tendo apelado para a Embaixada do Brasil. Mas o embaixador Castelo Branco Clark se recusou a intervir em favor de ambas.





Varanda - céu



O calor era de boca de fornalha. O sol encobria-se. Por baixo da acácia negra, um cusco espichara-se sonolento, com três dedos de língua para fora. Galinhas de bico aberto espanejavam-se, numa ânsia de voar. Pela rua, a trote morno, passou um tordilho de cola longa, levando um gurí vadio, de chapéu de palha. E foi levantando pequenas nuvens de pó, por ali agora...

Chico Pedro estava na varanda, espichado na embaladeira de vime. Suava. Abanava as moscas que lhe andavam, ruidosas, em torno da calva. Estava mole, amodorrado. Olhava com preguiça para a rua da cidadezinha deserta.

A ressolana avançava. Por cima dos telhados vermelhos, das copas dos pessegueiros, da ramada de jasmims, pairava um vapor, uma vaga trepidação, quase transparente.

Debruçado sobre a balaustrada, Quincas chupava o cigarro de palha, digerindo a feijoada do almoço.

— Que calorão bárbaro! — exclamou.

Chico Pedro estava quase dormindo. Acordou com a voz do amigo. Olheu para o céu, os olhos vermelhos, pesados, e afirmou:

— Vem coisa grossa aí!

A fronde da acácia encrespou-se.

— E o vento já vem chegando! — anunciou o outro.

Mas o vento ainda não era aquele que o Quincas esperava. Andou um pouco mexendo com as coisas móveis, levantando na rua ondas baixas de pó fino, abafando mais o ambiente, que se tornou quase insuportável.

— Vento engraçado! — disse o Quincas.

— E' mesmo.

Chico Pedro levantou-se, foi para a balaustrada, olhou para a rua, depois para o céu. Suspirou. Meteu uma das mãos por dentro do cós da bombacha. Deixou-se ficar a ver as travessuras do vento, a poeira fina, amarelada, subindo em espirais ou batendo de chapa nos muros e nas cercas, como uma gaze espichada.

Voltou para a cadeira, puxou uma tragada funda do bato, filosofou:

—Aquele ventinho do Machado de Assis, no *Bras Cubas*, devia ser bem assim...

Era mesmo.



Chico Pedro procurava um derivativo para a sua angústia. O calor levava a culpa do abatimento. Porque as palavras lhe saíam dos lábios cansadas, esgotadas de empurrar o outro vento, o interior, que teimava em devastar-lhe o seu mundo íntimo de sonhos, de ilusões.

— Deus queira que a água venha depressa pra refrescar!

Quincas aprovou com um gesto de cabeça.

E Chico Pedro fechou os olhos para não ver a tranquilidade e confiança do amigo. Sentia remorsos de estar a enganá-lo assim com as suas aspirações meteorológicas. Em verdade que alívio lhe poderia trazer a chuva, se a data continuaria até ao dia seguinte a lembrar-lhe o longínquo e terrível acontecimento? E desta vez não era só a data. Era também a presença da mulher, que, vinte e cinco anos antes, preferira o Valério, um palito e um frouxo, comparado com ele, — só porque o Valério gerenciava a loja do pai e, como filho único, seria em breve o herdeiro duma herança que se avaliava em cem contos.

Quanto mais tempo passava, mais fincava e doía o repente dessa lembrança atroz.

A loja ficara sendo afinal do Valério. E, nas suas mãos avaras, os cem contos tinham crescido. Hoje talvez fossem mil.

Chico Pedro abriu os olhos, fixou-os nas oito portas da casa fronteira, onde o Valério tinha a sua loja sortida, afreguesada, célebre rumo volta ancha de dez léguas ou mais. Felizardo!

La dizer qualquer coisa, mas deu com o amigo, ali na sua frente, quieto e simples, olhando-o. E o remorso pungi-o mais fundo. Quis penitenciar-se ao mesmo tempo da inveja e da dissimulação. Falou:

— Estava a pensar na Maria Luíza.

— Chegou ontem, com o filho.

— Por isso mesmo... Viste-a?

— De passagem, aí na loja.

— Custou a vir. Cheguel a pensar que não viria mais.

— E'... seis anos; o tempo que o filho gastou nos estudos.

— Seis anos!...

Chico Pedro levantou-se, acendeu o bato, fincou os olhos no jasmineiro. Perguntou:

— O Jorge vem advogar aqui?

Quincas fez um gesto vago.

— Talvez — respondeu.

— Vai morrer de tédio! Todo esse tempo no Rio, com o gosto inteiro daquilo tudo!... não acredito, sabes? hoje em dia ninguém mais abandona o conforto e a civilização das grandes cidades. Prefere-se a fome lá, à bastança num deserto como este. Por isso mesmo...

Chico Pedro interrompeu-se bruscamente. Fez um gesto vago. Sorriu. Um momento depois tornou a falar:

— Afinal de contas, que temos nós que ver com a vida dos outros?

Quincas olhou-o surpreendido. Extranhou o "nós". Não fora ele quem provocara o assunto. Mas a sua defesa ficou toda no olhar.

Chico Pedro compreendeu. Bateu-lhe amigavelmente no ombro:

— Vem daí, homem, vamos tomar uma cerveja! Hoje é domingo, o dia do Senhor!

Entraram. E Chico Pedro ficou diferente. Diferente não. Como era nos outros dias. Alegre, vibrante, loquaz. Falou dum projeto bonito. De fundar um colégio modelo

para gente de todas as idades, de todos os sexos, de todas as cores. Ia disciplinar e educar o povo. Haviam de ver como se fazia uma civilização!

Quincas olhou para o amigo outra vez surpreendido. Mas Chico Pedro andava longe, nas pontas mais altas do seu imenso projeto e não compreendeu o olhar. E Quincas teve de fazer um esforço quase sobrehumano para não cair asfixiado por aqueles dois calores, o do tempo e o do verbo. Congregou as forças, reagiu:

— O projeto é magnífico; vamos ver a realização... O homem põe e...

Chico Pedro abafou-lhe o resto da frase com uma gargalhada. E continuou na ofensiva:

— E tu serás dos primeiros no colégio. Falta-te a fé e o respeito de ti próprio; desconfias das tuas forças, não crês que possas realizar coisa alguma de útil e como te convencesse da tua incapacidade, desconfias e descrês igualmente da força e da capacidade dos outros. Verás!

★

... e Deus dispôs.

A chuva não veio. O calor queimou os pastos, secou as aguadas, esvaziou o rio. Chico Pedro teve que partir. Uma madrugada, para a estância onde o gado morria aos magotes. Ficou por lá todo o resto do verão e um pedaço do outono. Voltou num dia cinzentado, de pala, por causa dum certo frio adventício e duma certa garoa impertinente.

O Quincas veio logo cumprimentá-lo.

— Que é isso aí em frente? — perguntou Chico Pedro, logo depois do abraço.

O outro sorriu.

— Isso é a civilização, respondeu, é o Jorge que tomou conta do negócio do pai e vai construir um arranha-céu!

Chico Pedro foi até a varanda e ficou a olhar em silêncio para aquele amontoado de andaimes, para aquela máquina estranha que triturava pedras, para aquele enxame de gente que se movia inquieto dum lado para outro.

De repente voltou-se. Quincas estava atrás dele, olhando também.

— Que te parece isso? — perguntou.

O outro encolheu os ombros. E respondeu com outra pergunta:

— A Torre de Babel?

Chico Pedro achou graça.

— Justamente!

Voltou a olhar para o trabalho dos homens, depois para os andaimes da obra. Esteve algum tempo distraído. Sorriu-se.

E quando entrou, perguntou ao amigo:

— Tu que lês o Machado de Assis noite e dia, não te recordas de nada que ele tenha dito a respeito duma coisa assim?

— Lembro-me, sim, e por causa disso tive de emprestar ao Procópio o meu "Dom Casmurro".

— Diz lá o que te lembras.

— A confusão era geral...

Chico Pedro tornou a achar graça

— Justamente! — repetiu.

E desandou a falar no projeto do colégio, da necessidade de disciplinar e educar as gentes de todas as idades, de todos os sexos e de todas as cores.

Fazia frio. Quincas não teve nenhuma asfixia. Pelo contrário, enregelava. Pediu um trago. E bebeu...

★

O arranha-céu ficou pronto um dia. Era arranha-céu na cidadezinha, onde só havia dez ou doze sobrados, a maior parte dos quais ainda ao tempo da Regência, com beiral de telha e azulejos. Tinha cinco andares. A frente lisa, quadrada, cor de cimento cru. Era servido por um elevador. Tinha luz elétrica em todos os andares, e campainhas. Na loja, quatro grandes vitrines. Uma marquise. Focos enormes na frente. Um letreiro luminoso, vermelho, anunciando: "A Graciosa". E por baixo, num amarelo furioso: "Tem de tudo".

A inauguração revolucionou todos. Foi uma espécie de feriado. Foguetes. Uma banda de música indiscreta, onde havia violões e violinos, tocou durante a tarde inteira na rua, defronte da entrada principal. O Prefeito, o Vigário, meia dúzia de pessoas gradas, o dono da casa, percorreram o prédio desde a loja ao último andar, aparecendo em todas as janelas, para serem vistos. Vistos e aplaudidos, porque o povo, aqui em baixo, na rua, cada vez que via irromper duma abertura do prédio as caras espantadas e curiosas do grupo, prorrompia em gritos, ou melhor, em berros, que nada significavam. Era uma maneira de distraírem a impaciência da espera. Todos queriam entrar também, para verem aquele "bicho" por dentro.

Chico Pedro, debruçado na balaustrada da varanda, apreciava o movimento. Sorria de vez em quando. Mas, ao elevar os olhos, não se detinha na soteia do prédio. Fixava-os na bandeira nacional que, lá no alto, esvoaçava gloriosa, de encontro ao céu dum azul puríssimo. E tinha um jeito triste. E balbuciava vagas palavras, que só ele entendia.

Todos eram unânimes em elogiar a obra do doutor Jorge. Era um homem de valor! Salvava a cidade da ruína, da morte! Havia quem falasse na sua próxima candidatura à governadoria do município. Havia também quem temesse que o arrebatassem para a governadoria do Estado, para algum Ministério, quiçá para a presidência da República!

E Chico Pedro ouvia, em silêncio. Mas como o silêncio nem sempre é de ouro, teve que ouvir e concordar, por deferência. Remoia com angústia a tola admiração dos seus concidadãos. Sofria. E um dia em que Quincas achou de elogiar também a obra e o valor do doutor Jorge, reventou:

— Também tu caíste nesse abismo?

Quincas acreditava no valor do rapaz. Embrabeceu:

— Não sei que abismo! Isso é fobia, Chico! Um dia me deste um conselho, a respeito de confiança e de crença. Não te quis dizer que eu já tinha um outro, melhor.

(Continua na pág. 58)

Conto de ALADINO FLORES ★

Ilustração de ARMANDO MOURA

Premiado no Concurso Permanente da REVISTA DA SEMANA

Livros

NOVOS

Por JOÃO LUSO

ANTOLOGIA DE POETAS BRASILEIROS BISSEXTOS CONTEMPORÂNEOS, organizada e anotada por Manuel Bandeira, da Academia Brasileira — Rio de Janeiro, 1945.

De bissextos qualifica o Sr. Manuel Bandeira, arbitrária mas elegantemente, os poetas que fazem versos, não de quatro anos e sim de longe em longe por excepção, ou, conforme a velha maneira de dizer, uma vez na vida outra na morte.

O antologista escolheu estas produções com plena sinceridade, o que caustifica condição essencial, inalienável, do seu caráter como da sua poesia. Para o nosso gosto singular, talvez, rasteiro, não mereceriam algumas páginas sair da obscuridade na qual em boa justiça, se encontravam. Estendeu, porém, o Sr. Manuel Bandeira que tinham direito à sua escolha autorizada e à companhia ilustre do seu nome. Respeitemos, sem concordar. Os resumos biográficos ou críticos que precedem cada peça, ou cada série de peças poéticas oferecem em alguns casos, além do critério ou do espírito, a condição reveladora. Embora os não fiquemos admirando, vimos assim a conhecer mais alguns versejadores. E outros nomes que já tínhamos em sincero apreço, se tornam agora, aos nossos olhos, mais belos e maiores. Vamos transcrever, concorrendo, como podemos, para sua mais larga divulgação, dois sonetos incluídos no volume: o primeiro, *Santa Terezinha*, de Afonso Arinos de Mello Franco, o segundo, sem título, de Aurélio Buarque de Hollanda.

*Rosa mística, mal desabrochada,
Voliva lâmpada, admirável lume,
Alma ingênua, da carne libertada,
Que logo se evolou como um perfume.*

*Rosa, — embalsamas a aridez da estrada
Que trilhamos, buscando áspero cume,
É a essência de ternura derramada
Faz com que a dor se adoce e o mal se esfume.*

*Lâmpada, — abres os olhos aos transviados;
Fazes puro o caminho ao sofrimento;
Aclaras corações que a treva invade.*

*Alma, — és abrigo aberto aos desgraçados;
Lanças sobre a injustiça o esquecimento,
Sobre a justiça o manto da piedade.*

*Amar-te — não por gozo da vaidade,
Não movido de orgulho ou de ambição,
Não a procura da felicidade,
Não por divertimento a solidão.*

*Amar-te — não por tua mocidade
Risos, cores e luzes de verão —
É menos por fugir a ociosidade,
Como exercício para o coração.*

*Amar-te por amar-te: sem agora,
Sem ontem, sem futuro, sem meaquilha
Esperança de amor, sem causa ou rumo.*

*Trazer-te incorporada vida fora,
Carne de minha carne, filha minha,
Viver do fogo em que ardo e me consumo.*

PASSO ERRADO, romance de Lucillo Varejão — Editora Capibaribe Limitada. — Recife, 1946.

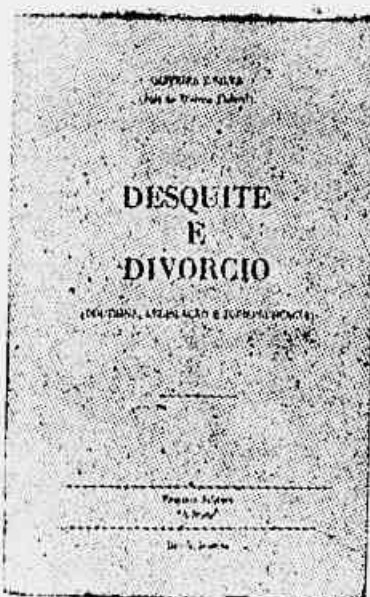
Literariamente o Sr. Lucillo Varejão situou este romance entre o naturalismo e o regionalismo. Compô-lo sobre uma observação minuciosa, cerrada, sempre atenta para que lhe não-escapassem detalhes mais ou menos expressivos; e chamou para o próprio estilo a linguagem popular da terra, com os seus conceitos tradicionais, suas frases feitas, todas as suas características de expressão.

Este sistema, tão do gosto de certos escritores modernos, não domina permanentemente nas páginas do *Passo errado*. O Sr. Varejão também escreve por si. Deveria fazê-lo sempre. A sua descritiva é desenvolvida e clara; oferece, não raro, imagens, definições felizes e só ganhará em que o prosador mantivesse integralmente a "maneira" própria, dando para os diálogos o linguajar dos personagens incultos. Outro defeito se pode apontar na sua escrita: o método ou a falta de método que consiste em se abrirem patálias desordenadas ou desatentadamente. O Sr. Varejão assim procede depois de quase todos os pontos finais de oração. E a abertura, de parágrafos tem, como, já na escola primária se aprende, a sua lógica, a sua regra análoga às que regem a virgula e a pontuação. Reparos destes, bem entendido, só se fazem a quem os merece. Foi o agrado do estilo espontâneo do romancista que nos induziu a formulá-las, como um incitamento no sentido da perfeição — em vez de achar como em tantos outros casos, que não valia a pena falar delas.

Em certa casa de uma ladeira de Olinda, uma família de modesto funcionário público — esposa, um filho duas filhas — se desmembra e se desgraça irremediavelmente. O marido, de ótimo coração, carrega de energia moral para evitar a progressiva ruína doméstica ou dela salvar a própria pessoa. Deixa-se dominar pela mulher que o fatiga à força de falatório e, a poder de cinismo, o deixa sem resposta. Chegou à extrema pusilanimidade matrimonial. Tornou-se, como se diz no livro um "mané-gostoso"; e em outra página, mais curta, porém mais dura designação lhe é aplicada. Em tais condições, como poderia "seu" Neco governar o barco, garanti-lo contra o naufrágio da miséria e da vergonha? Uma das filhas foge de casa; a outra chega a ter marido mas este, traído e revoltado, a abandona; e o filho entra em más companhias, degrada-se até ser, ele próprio, uma péssima companhia. Eis as linhas gerais do drama a que o Sr. Lucillo Varejão nos faz assistir e que realmente nos interessa, nos impressiona de princípio a fim.

DESQUITE E DIVÓRCIO, por Oliveira e Silva. — Editora "A Noite" — Rio de Janeiro, 1946.

Este livro resultou, em partes iguais, da observação e da reflexão. Observação directa e próxima, de casos sucessivos, iguais ou semelhantes em princípio, variadíssimos em circunstâncias e promenores; reflexão, não apenas guiada pela lógica ou obediente à lei, mas, tanto quanto possível, de acordo com os pendores ou exigências do sentimento. Não funções de juiz de uma das varas de Família do Distrito Federal, encontrou o Sr. Oliveira Silva amplo e profuso campo para os estudos capazes de o levar ao conhecimento da dupla questão que, no Brasil há tantos anos se debate e continua na mesma: o recurso bastante ou a insuficiência do desquite; a necessidade ou o perigo do divórcio. Um ponto que sobretudo se impõe às suas considerações foi o relativo à situação dos filhos do casal que se desentendeu, se considerou incompatibilizado e de qualquer maneira se separou. As proposições tão clara e sugestivamente formuladas pelo magistrado — escritor preside sempre o motivo moral, a razão afectiva, mais poderosa, muitas vezes, e mais justa que outra qualquer. É a consciência de cada um, não isolada dos impulsos do coração, mas em harmonia com eles, que deve decidir as questões. E de ser o modo o autor de *Desquite e divórcio*, na sua orientação de julgador, nos recorda o "substituto" da *Robe rouge*, de Brieux, o qual, interrogado quanto ao que vai fazer, a certa altura de uma audiência de julgamento criminal, responde com veemência: "O meu dever de homem?"



"Este livro — diz o autor de *Desquite e divórcio*, nas últimas linhas do prefácio — na ceu, ampliou-se ao toque e à lição dos sofrimentos revelados em centenas de processos de desquite, muito mais amargos do que pensamos. E o curioso é que nos convenceram da necessidade do divórcio para certos casos que o de quite sómente agrava estimulando a criação de laras c'as les inos. Vidas mutiladas, despedaçadas, que o divórcio poderia recompor.

Que este volume inspire um quinhão de pensamento e de boa vontade em favor da criança que não merece o clima dissolvente, de ódio e dor, que a envenena; da criança que precisa de ser amparada e defendida, a todo o custo, nos casais ir reconciliáveis, mesmo com o sacrifício do pátrio poder para os pais".

BÍBLIA DA MULHER, reflexões e conselhos de John Gold (V. B.) — Rio de Janeiro, 1946.

Repetindo embora o conceito de Rui Barbosa, que diz ser a Mulher "a síntese de todas as perfeições" entende o Sr. John Gold que, em geral, muito ela precisa de aprender para bem desempenhar o seu papel no lar e na sociedade.

Cita a famosa escola criada por Aspásia e consagrada à educação das moças — não de certo, ponderamos nós, para lhes dar o exemplo de si própria em relação aos maridos das outras, mas para bem as ensinar a transmitir, cada uma a seu esposo, a noção e o culto da felicidade. Nesse sentido — observa o Sr. Gold — tem o mundo grandemente retrogradado. "É raro, raríssimo encontrar-se uma esposa que preencha a vida de um cidadão". E eis porque este, em tantos casos, "perambula pelos cassinos" e outros estabelecimentos juvenis. E' em tal estado de coisas que o presente livro deve benéficamente intervir. Vem cheio de indicações e advertências proveitosas. Ocupa-se dos predicados de espírito e de coração imprescindíveis para que a companhia do homem o torne venturoso — e a si própria, naturalmente, também, e desses alturas supremas da razão e do sentimento desce às condições de arranjo doméstico vestuário, higiene, economia etc. De vez em quando, vai a particularidades que parecerão mínimas e no entanto podem assumir alta importância, assim este capítulo que as pessoas de critério rude e pituitária embotada julgarão superfluo: a questão do mau hálito. O livro do Sr. Gold mete o nariz — se assim nos podemos exprimir — em todos os problemas relacionados com o bem estar e a harmonia do casal.

A obra comporta, na variedade das material, quadro sistemas de mandamentos: os da viúva — que, do ponto de vista do homem, está claro, pouco interessam; da mulher casada, da solteira e da dona de casa. Os da solteira, em números de dez, como os outros, a sim preceituam: I Andar sempre só ou em última companhia. II Namorar só muito discretamente. III Fazer-se indiferente aos graças dos pelintras e dos hipócritas, etc., etc.

RECEBEMOS

Coimbra na obra poética de João Maria Ferreira, palestra, seguida de breve nota bibliográfica, da autoria de F. Falcão Machado. — Livraria Latinita Editora. — Porto, 1946.

A obra de um isolado, opúsculo de Mario Portocarrero Casimiro sobre a individualidade literária de João Maria Ferreira.

Sonetos da Serra do Gerez, por João Maria Ferreira — Livraria Ferin — Lisboa, 1946.

A VOZ DE PESTALOZZI. — Coletânea de Teses sobre a Assistência Educacional a Menores Deficientes e Desajustados. Publicada em homenagem ao Bi-Centenário de Pestalozzi pela Sociedade Pedagógica Pestalozzi de Porto Alegre. — Rio Grande do Sul.

NAÇÃO ARMADA. — Revista civil e militar, número 81 do Oitavo ano, correspondente a Janeiro de 1947.





Este carnaval com certeza será um carnaval de muitos piratas... Mesmo porque uma das canções carnavalescas mais populares é a que se refere a um "pirata da perna de pau, de olho de vidro, com cara de mau"... Noel Neill, garota nova da Paramount, nem tem perna de pau, nem olho de vidro — e além do mais tem cara de muito boa...

NADA empresta maior encanto à mulher do que a simplicidade. Mas a simplicidade integral, essa que vai da maneira de vestir à maneira de falar e de tratar os demais. Já notaram como existem pessoas que possuem um encanto inexplicável, um encanto que não vem da beleza física, mas sim lá do íntimo, e que se reflete num olhar de simpatia ou num sorriso amável?

Tais pessoas em geral são bem-queridas e amadas, e se vêm sempre cercadas de outras que nelas encontram tranquilidade e conforto. Tudo nelas reflete simpatia; sua aparência digna e discreta, seus gestos sobrios, sua voz quente, suas palavras amáveis, tudo enfim nos dá a impressão de estarmos navegando num lago límpido e calmo, longe de quaisquer borrascas... E dizer que tudo isso pode ser obtido com algum esforço! E dizer que todo esse encantamento está ao alcance de todas as que queiram lutar para obtê-lo! Mas, não, muitas preferem o exagero, o estardalhaço, a audácia, as atitudes pouco femininas,

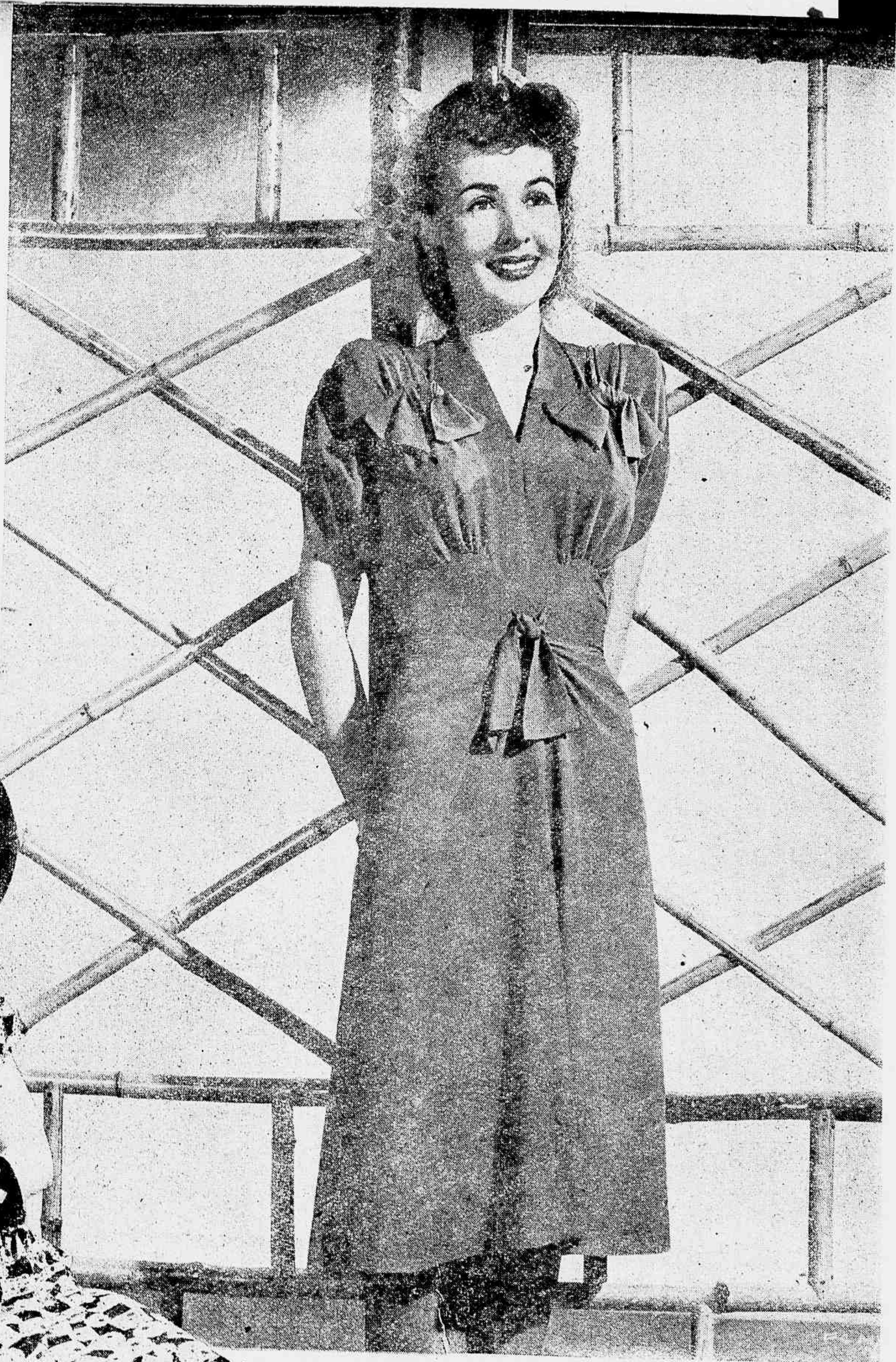
as palavras irônicas e os gestos bruscos, julgando que assim se tornam mais atraentes. Como se enganam! São pessoas que dificilmente conseguem amigos sinceros, porque cansam e também acabam também por aborrecer. Você, minha amiga, que tem um sincero desejo de ser agradável, reflita bem sobre tudo isso e depois, esta certa, você procurará se colocar entre as primeiras, as simples, as que não recorrem ao exagero para serem notadas.

KITTY

NOS BASTIDORES FEMININOS

VERÃO!

CATHERINE MCLEOD, jovem "estrelinha" da Republic Pictures, oferece hoje às nossas leitoras alguns dos seus mais interessantes modelos para verão. São modelos que recomendamos principalmente às que ainda não atingiram a casa dos vinte... Nesta página: Modelinho em seda mostarda, com mangas franzi-

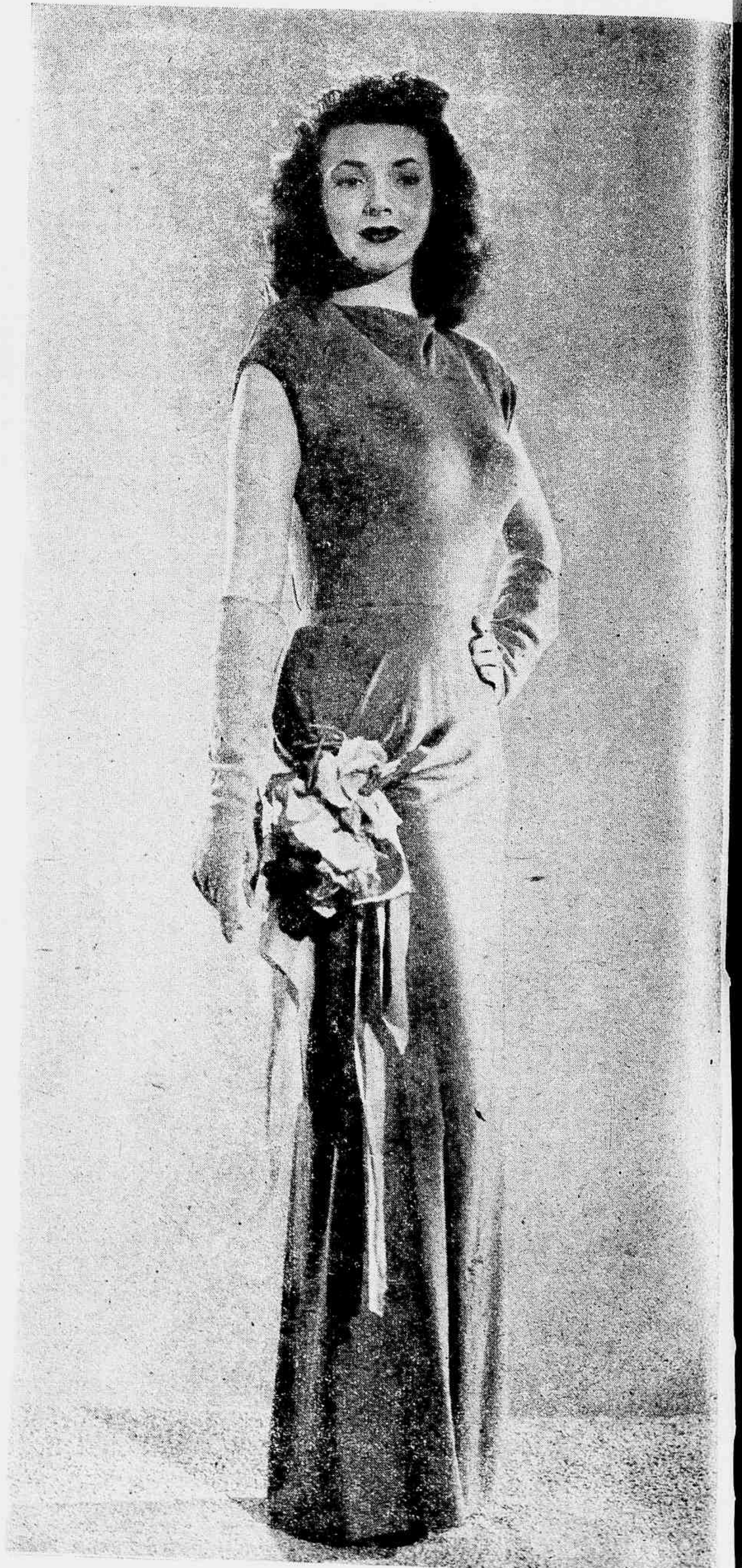


das e ligeiro drapé sobre os ombros, arrematados com laços do mesmo tecido. Saia "godet", laço também na cintura. Modelo de seda estampada muito simples e muito elegante. Decote em "V", mangas japonesas, saia com franzidos na frente. Na página à direita: Muito "chic" é este modelo de seda branca, com mangas japonesas três-quartos. Interessante trabalho arrematando o decote e a cintura formam o franzido da blusa e da saia. Em "shantung" branco é este modelo bastante juvenil e elegante. Bolsos e gola do mesmo tecido bordado à máquina.



EMBAIXATRIZES DA

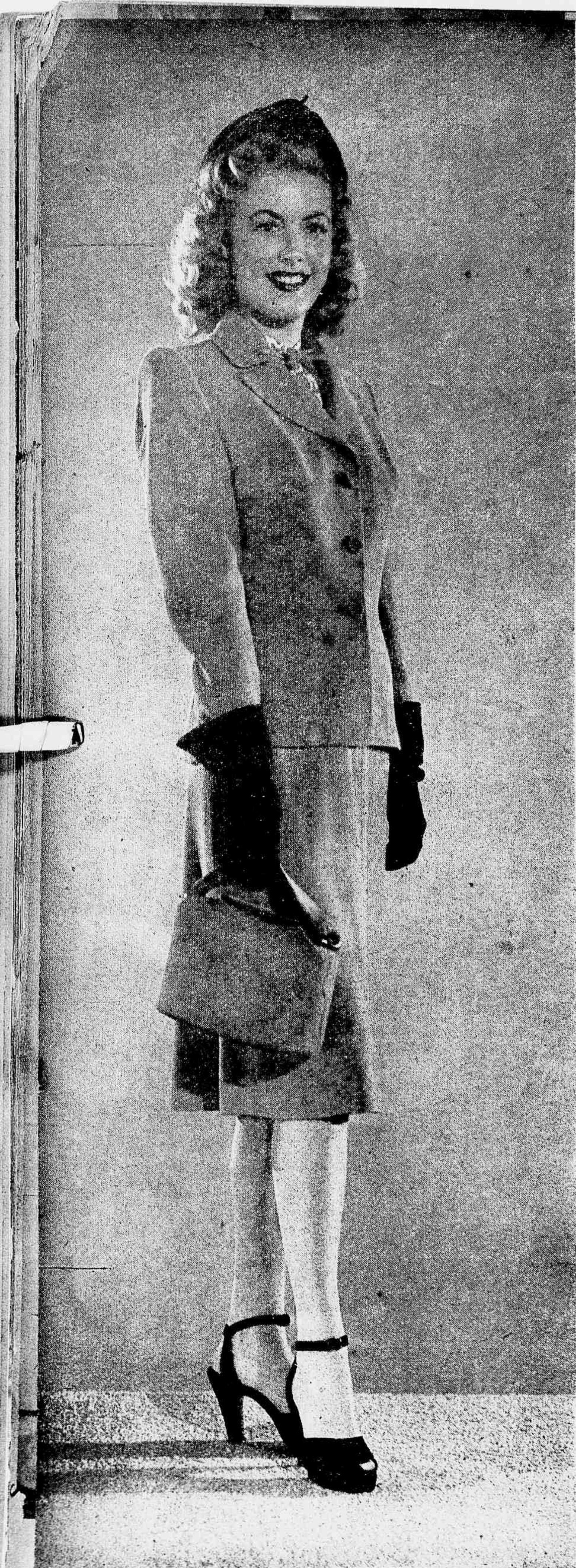
ESSE grupo de moças que Samuel Goldwyn envia ao Brasil, como representantes da beleza e da elegância da mulher norte-americana, é bem um exemplo da luta que aquele país vem mantendo para se conservar na "liderança" da elegância no mundo. Se bem que elas não venham se exhibir, apresentarão no entanto, onde quer que apareçam um guarda-roupa executado pelos mais famosos costureiros de Hollywood. Aqui apresentamos alguns dos modelos das "Goldwyn Girls" companheiras de Danny Kaye no filme "Um rapaz do outro mundo". Da esquerda para a direita: Elegantíssimo este modelo que Karen Gayard usa para passeio e "cocktail". É confeccionado em seda



ELEGANCIA YANKEE...

cinzenta, com bordado dourado na pala que guarnece o decote. Mangas japonesas, compridas. Saia com ligeiro drapé. Echarpe do mesmo tecido. Novamente Karen X. Gaylord, agora num modelo de jersey azul com blusa de ta'he alto ligeiramente drapeada. O drapé da saia é "apanhado" com um grande "bouquet" de flores artificiais. Karen X. Gaylord, exhibe aqui um suntuoso modelo para a noite, confeccionado em cetim lamé cinza. Grandes botões decorativos na blusa. Cinto dourado. Saia justa com original "drapé" no lado esquerdo. Vestido para jantar em crepe de seda verde, com recortes na blusa e bordados de vidrilhos. Saia com pregas formando drapé. Modelo usado por Martha Montgomery.





Da esquerda para a direita : Gracioso "tailleur" de gabardine usado por Martha Montgomery. Ainda Martha Montgomery num simpático modelo para manhã, feito em linho branco com flores de cores vivas aplicadas na blusa. Saia "godet". Karen X. Gaylord mostra aqui que

tanto
"Tail
prate



tanto é elegante numa "toilette" de noite como num simples "short".
 "Tailleur" de cetim preto, apresentado por Diana Mumby. Botões
 prateados. "Toque" de flores rosa seco. E' um modelo de grande ele-
 gância e representa a última moda em Hollywood.





EM MODA O "DRAPE"

CONTINUA muito em moda o drape. Nesta página apresentamos às nossas leitoras dois elegantíssimos modelos, com o drape na parte posterior da saia e o outro do lado esquerdo. Ambos são de Jean Patou.



PENTEADOS

PARA todos os tipos e para todas as horas... Mais e mais a mulher procura se tornar atraente e, está fora de dúvida que um dos fatores que mais a embelezam é o penteado. Uma cabeça bem penteada é meio caminho andado. Vejamos as sugestões que nos dão estas "estrelinhas" da Republic Pictures. Em cima, à esquerda: Para a noite, Dale Evans usa o cabelo repartido ao meio da cabeça. A parte de trás, com "cachos" soltos do meio da cabeça. A parte de trás cai formando um "bouce" solto. A direita, Catherine McLeod prefere o cabelo todo para cima com "boucles" pequenos em todo o alto da cabeça. Em baixo, à esquerda, Vera Hruha Ralston aparece aqui num maravilhoso penteado para cabelos louros. Grande onda termina em franja sobre a testa. Na parte de trás, "pagem"; à direita: Para as mais jovens Jane Frazee sugere o cabelo solto, caindo negligentemente sobre os ombros.



Nem se pergunta*



só uso Kolynos!
diz
Belita

famosa estrela da MONOGRAM PICTURES que aparece em "SUSPENSE"

Milhares e milhares de pessoas dizem o mesmo!
É que o poder de limpeza do creme dental Kolynos
— concentrado e suave — revela a beleza natural
dos dentes e deixa na boca uma sensação incom-
parável de saúde e frescor. As mais lindas estrelas
do cinema preferem Kolynos porque...

limpa mais... agrada mais... rende mais!



Para sorrir como artista,
mostrando dentes divinos.
não se esqueça do dentista,
nem se esqueça de Kolynos!

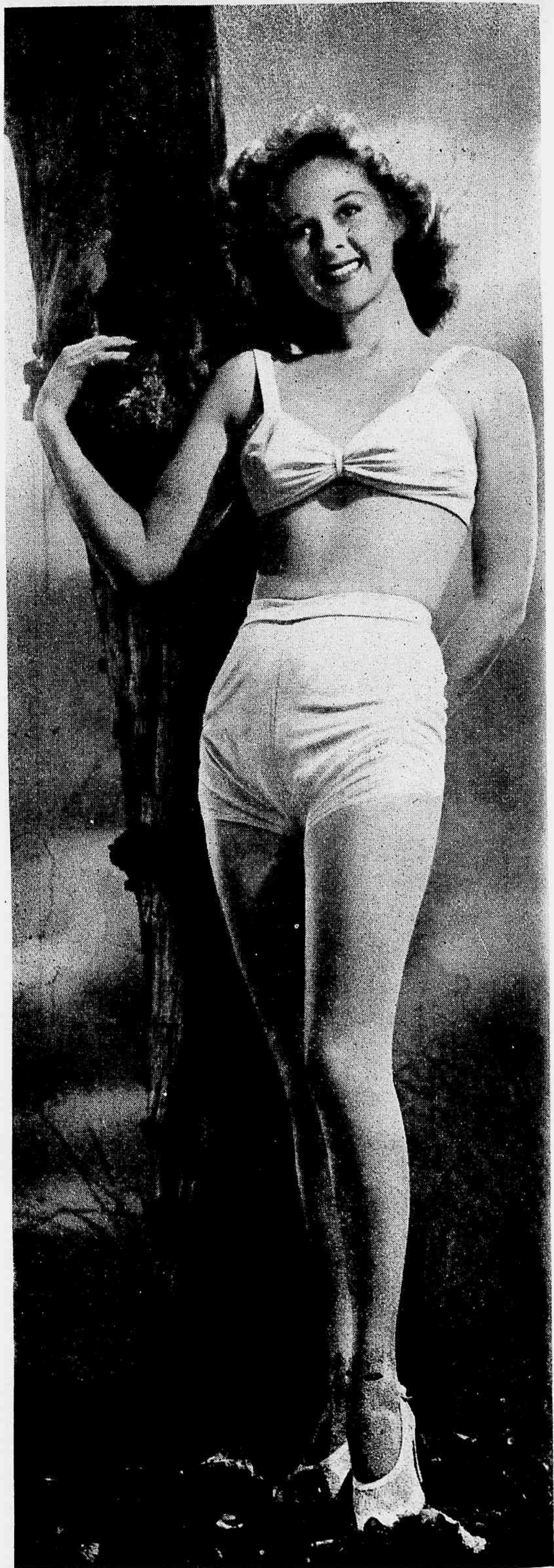


* Faça como eu:
Use Kolynos duas vezes por dia

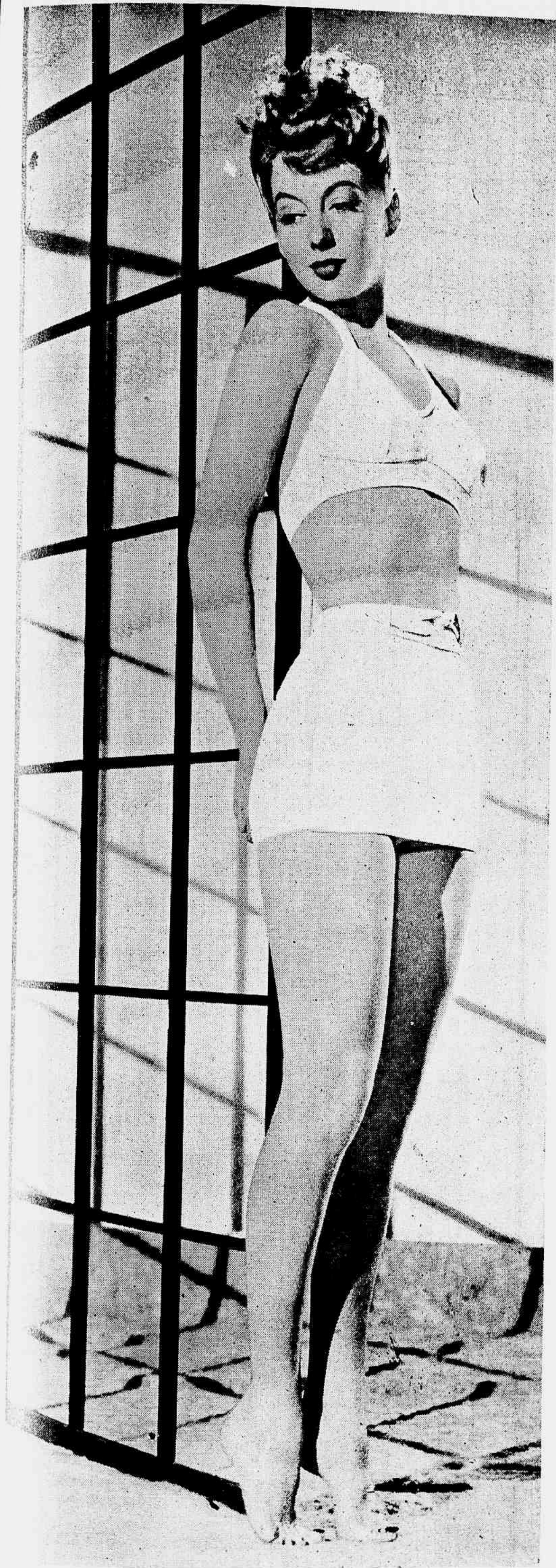


K-408-PH

McCann



MAILLOTS SEM CENSURA

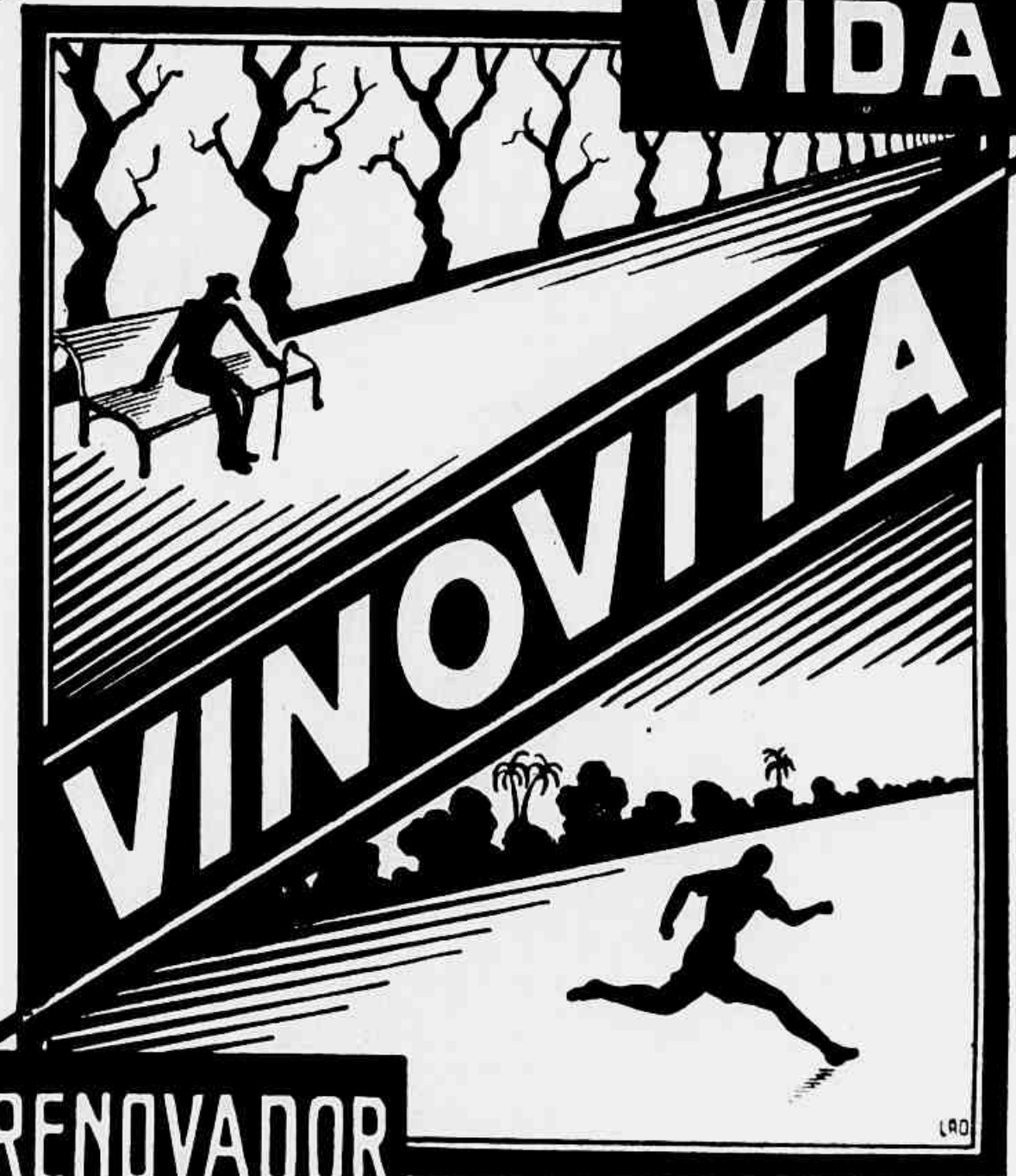


Na foto, uma química de nome Gladys Peterson, andou dando entrevistas contra os "maillots" sumários e instalando barracas moralistas, na praia de Ipanema. O movimento provocou muito interesse, apesar do barulho da imprensa, — e pelo menos em Copacabana os "maillots" continuaram os mesmos, sem babados e acréscimos. Em Hollywood, os "maillots" continuam assim, como Susan Hayward e Evelyn Keyes nos mostram. E a foto são os "maillots" de uma cor só, brancos, sem nenhum desenho estampado e sem qualquer detalhe. Na página à esquerda, está Susan e na página à direita Evelyn.



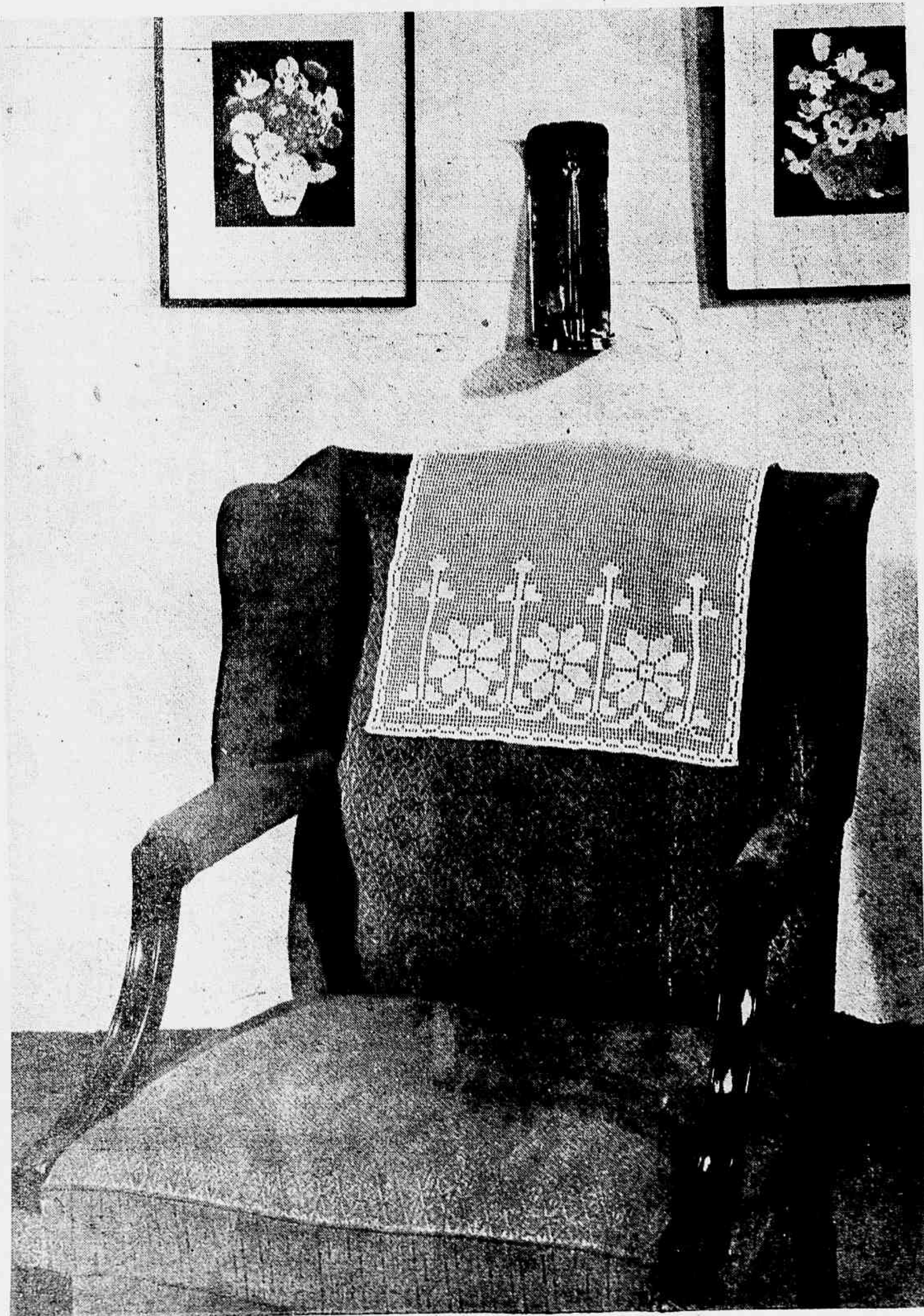
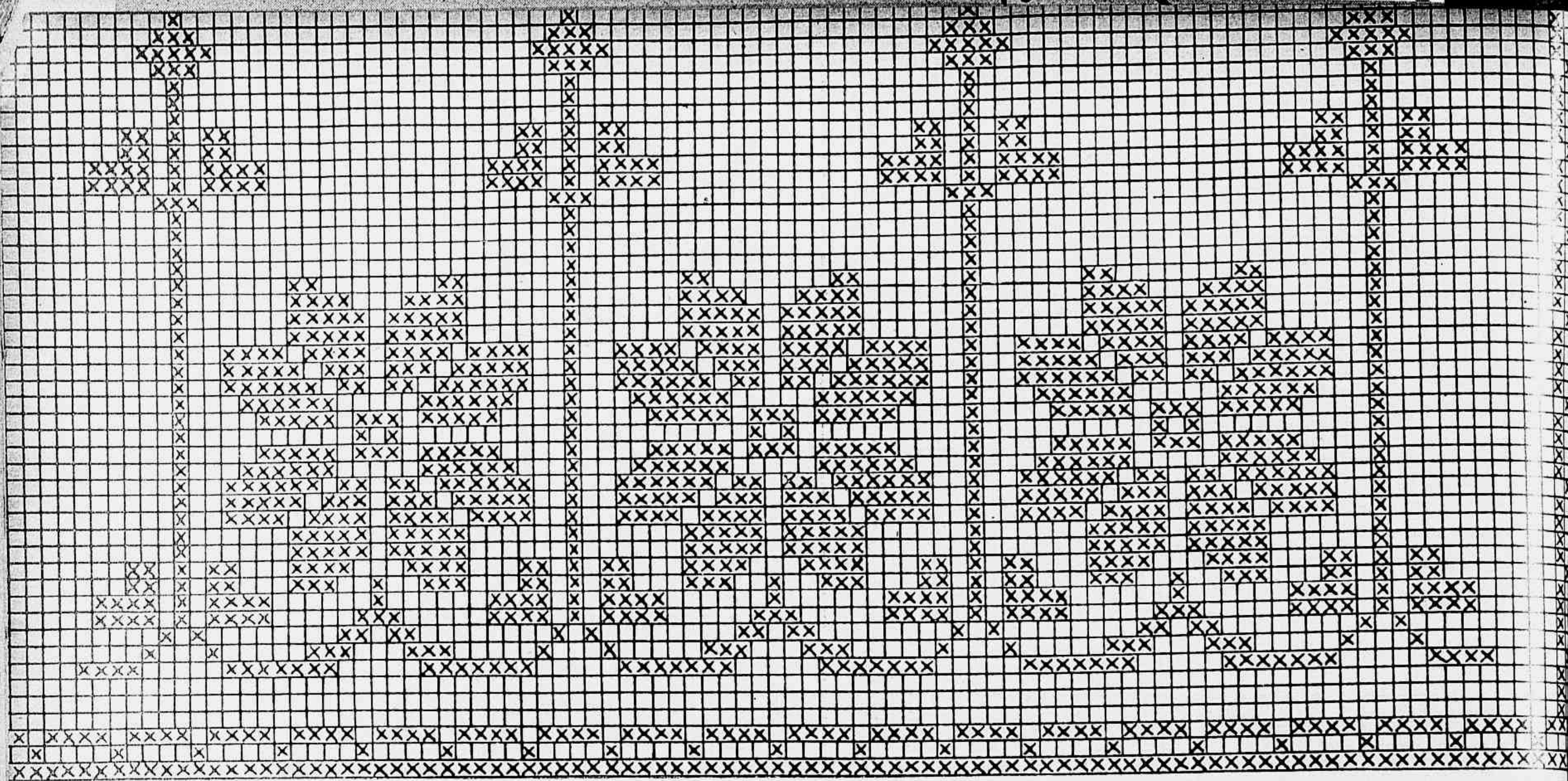
*Contra o esgotamento
físico e mental!*

**VINHO
DA
VIDA**



**RENOVADOR
DAS
FORÇAS**

Tônico poderoso



TRABALHOS MANUAIS

ESPALDEIRA DE CROCHET - 1986

Material necessário:

LINHA MERCER CROCHET MARCA
"CORRENTE" Nº 60.

3 novelos de 20 gramas de uma cor escolhida. 1 agulha de aço para crochet marca Milward, nº 5.

Tensão — 7 sp e 7 carreiras — 2,5 cm.

Dimensões — 35 x 52 cm.

Abreviações: ch — trancinha; tr — ponto fechado triplo; sp — espaço (2 ch, omitir 2 ch ou tr, 1 tr no mesmo ch ou tr); bl — bloco (4 tr, mais 3 tr para cada bloco adicional em grupo).

★

Começar com 300 ch.

1 carreira — 1 tr na 4ª ch da agulha, 1 tr em cada um dos ch restantes, 3 ch voltar.

2ª carreira — omitir o primeiro tr, 1 tr em cada um dos 3 tr seguintes, (bloco feito sobre bloco), X (2 ch, omitir 2 tr 1 tr no tr seguinte) 3 vezes, (3 sp feitos sobre blocos) 1 tr em cada um dos 3 tr seguintes, 2 ch, omitir 2 tr, 1 tr no tr seguinte (sp feito sobre bloco) repetir do X mais 18 vezes, 2 sp, 1 bl, 3 ch, voltar.

3ª carreira — Omitir o primeiro tr, 1 tr em cada um dos 3 tr seguintes, (2 tr no sp, 1 tr no tr seguinte) 3 vezes (3 blocos feitos sobre espaço). 2 ch, omitir 2 tr, 1 tr no tr seguinte, X 4 bl, 1 sp, repetir do X terminando com 4 bl, 3 ch, voltar.

Continuar trabalhando da 4ª carreira até o alto do diagrama e então repetir as 5 carreiras mostradas entre parêntesis no diagrama até conseguir o comprimento exigido pela espaldeira.

Terminar o alto, com as carreiras das bordas iguais às da extremidade inferior, trabalhando em sentido contrário, isto é, 3ª carreira e por fim a 1ª carreira. Arrematar e cortar a linha.

Humedecer a espaldeira e prendê-la com alfinetes nas dimensões dadas anteriormente.

MUSICA

A Récita de "Pagliacci" e "Cavalleria Rusticana"

Ópera, amor, honra e vingança — E o palhaço quem é? — Cadê o toucinho que estava aqui? — "Addio"... e uma ovação — "Io sono il prologo" — Santuzza e uma saudade.

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

humorado, que importava na aprovação das palavras elogiosas.

— Mas, prosseguiu Leoncavallo, o que me surpreende é que não tenha notado que há uma bem clara no título à sua pessoa.

Ainda meio tonto com o cumprimento, Maurel não percebeu como era venenosa a observação. Porque "I Pagliacci" compreende o ridículo Tonio, palhaço, e, dizendo que nele se tratava inclusive do próprio barítono, Leoncavallo deliberadamente confundia as duas figuras.

Esta história vem a propósito da reedição da apresentação da ópera pela companhia italiana, em seu penúltimo espetáculo, ao ar livre. Constituído um prato saboroso para os paladares que se comprazem no condimento romântico do melodrama, carregado de amáveis soluços, tremendos conflitos e "melodias de fácil digestão", como diria o nosso velho Mario de Andrade, "I Pagliacci" mereceu os cuidados de um elenco desequili-

brado. Foi, justamente, o barítono, aliás, quem se destacou.

"IL SONO IL PROLOGO"

Já temos feito referências elogiosas a Raffaele de Falchi. Em crônica publicada não faz muito tempo analisamos, mesmo, os seus arroubos imaturos que não à sua voz extensa e aveludada o encanto desastrosamente juvenil a que já se referiram vários críticos. "Pagliacci" corroborou as observações feitas. Raffaele de Falchi se atira aos papéis que encarna como quem dá um mergulho. Fecha os olhos e — chuá! Quantos senões se empilham! Quantos pequenos defeitos facilmente, tão facilmente corrigíveis! Mas ele força admiração pelo vigor com que traz a mistura de exagero de sincera convicção, vocal e cênica, que arrebenta todos os critérios de julgamento, para deixar o ouvinte irremediavelmente preso à beleza de timbre e ao generoso entusiasmo com que prodigaliza os dons que a natureza lhe deu. Raffaele poderia ser classificado como um cantor "ao natural", pois canta com a mesma perfeita ignorância e a mesma atração selvagem do pássaro. Dá a impressão de quem se sente feliz cantando, sustentando agudos, rolando pelo chão aos urros, como na cena do segundo ato de Pagliacci em que é chicoteado.

"CADÊ O TOUCINHO QUE ESTAVA AQUI?"

Disseram — e com razão — no intervalo do primeiro para o segundo ato do Pagliacci que o gato tinha comido, não o toucinho que estava aqui, conforme a brincadeira infantil, mas a voz da cantora que, no papel de Nedda, formou uma digna parilha com Renato Gigli. Este, que não gosta de ser lembrado de um

(Continua na pág. 53)

IAS antes da estréia de "I Pagliacci", o barítono que criou o papel de Tonio — se não me engano, o famoso Maurel — dirigiu-se ao autor—"doublé" de compositor e libretista — com um sério problema para ser resolvido. Leoncavallo suspirou. Apesar de ser aquela uma de suas primeiras aventuras líricas, ele era velho frequentador dos bastidores e conhecia bem o funcionamento caprichoso e exasperante da imaginação dos "divos".

— Pois é, meu caro, Leoncavallo. Eu estive pensando muito neste caso e cheguei à conclusão de que não posso participar no elenco, sem que você encontre uma maneira de conciliar a minha responsabilidade de cantor com... com tudo o mais, conforme sabe.

A questão era lindamente fútil, porém, sabia-o Leoncavallo, tanto mais complicada quanto mais fútil. Em resumo, omitindo-se os argumentos acessórios, Maurel pretendia figurar no título, ou, melhor, pleiteava a introdução do nome do personagem que encarnava na denominação dada ao melodrama. E apoiava essa reivindicação, com profunda seriedade, em considerações a respeito da sua posição de proeminência entre os colegas, posição esta que deveria ser preservada a todo o custo. Salva a honra estaria se ele passasse a figurar nos cartazes duas vezes: como intérprete e como personagem.

Leoncavallo compreendeu que tinha que resolver o "impasse" imediatamente, antes que maiores dificuldades brotassem daquele argueiro que se instalara no olho do cavaleiro Maurel. Assim, esboçou um sorriso malicioso e declarou:

— Este hábito me é familiar. Sou autor do libreto e longe de mim o pensamento de diminuir alguém cujo valor o credencia a ser proclamado gênio.

O barítono impertigou-se, consciente da sua dignidade, e conferiu àquele que se mostrava tão submisso o favor de um aceno bem

CUTIS CANSADA



e sem viço

As perdas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, remove e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME RUGOL
Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379 - S. Paulo

A Orquestra Sinfônica Brasileira no ano que findou

(Continuação da pág. 24)

concer os memoriais como o de sua estréia, em que deu-nos em grande estilo — Daphnis e Chloé e Bolero, de Ravel, bem como no concerto que teve como solista nossa querida e maravilhosa pianista, Magdalena Tagliaferro, nos concertos de Schumann e Ravel, este último em primeira audição na O.S.B. Munch apresentou-nos sugestões tendentes a melhorar nossa orquestra e que, possivelmente, serão postas em prática na temporada do corrente ano. Falou-nos com entusiasmo do progresso da música em seu país, apesar da guerra, e dos meios que vêm sendo adotados para arregimentação da juventude que se educa musicalmente sob formas novas.

MACMILLAN — Sir Ernest MacMillan, é como sabemos o maior músico de seu país. Canadense de nascimento, MacMillan fez sua educação musical na Inglaterra, sendo além de compositor e regente um soberbo organista. Na arte da regência MacMillan desfrutava não só no Canadá como nos Estados Unidos da América, real prestígio, figurando o seu nome entre os grandes chefes de Orquestras do Mundo, representados pela Columbia Concerts.

MacMillan que, segundo a opinião de alguns críticos, não fez o sucesso dos demais colegas, deu-nos algumas interpretações dignas de todos os elogios, destacando-se entre elas: a Quinta Sinfonia de Schubert, Os Planetas, de Holst, além de muitas. Dos maestros convidados foi o único que revelou grande talento para língua. Durante a viagem marítima estudou um pouco de português e aqui che-

(Continua na pág. 54)

Estude por Correspondência



desenho mecânico e arquitetônico

GRÁTIS

CARTÃO DE IDENTIDADE
COMPÊNDIO DE CALIGRAFIA
PAPEL ESPECIAL PARA DESENHO
SERVIÇO TÉCNICO DE CONSULTAS
ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL
CÓDIGO OFICIAL DE OBRAS

A indústria mecânica e as obras arquitetônicas precisam, atualmente, de milhares de desenhos técnicos. V.S. pode tornar-se um destes privilegiados, ocupando um lugar de destaque e ganhando ordenados elevadíssimos.

Estude em sua própria casa meia hora diária pelo método prático e moderno da maior escola do Brasil

DURAÇÃO DO CURSO 25 SEMANAS

Sem nenhum conhecimento prévio da matéria ou preparo especial, tornar-se-á técnico em desenhos de máquinas, motores, aviões, construção de casas, fábricas, pontes, vias de comunicação, etc. Um futuro brilhante aguarda V.S. e uma nova vida cheia de possibilidades e ilimitadas! MENSALIDADES SUAVÍSSIMAS. NÃO PERCA TEMPO E MANDE NOS IMEDIATAMENTE O COUPON ABAIXO:

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO
Caixa Postal, 5058 - São Paulo

913

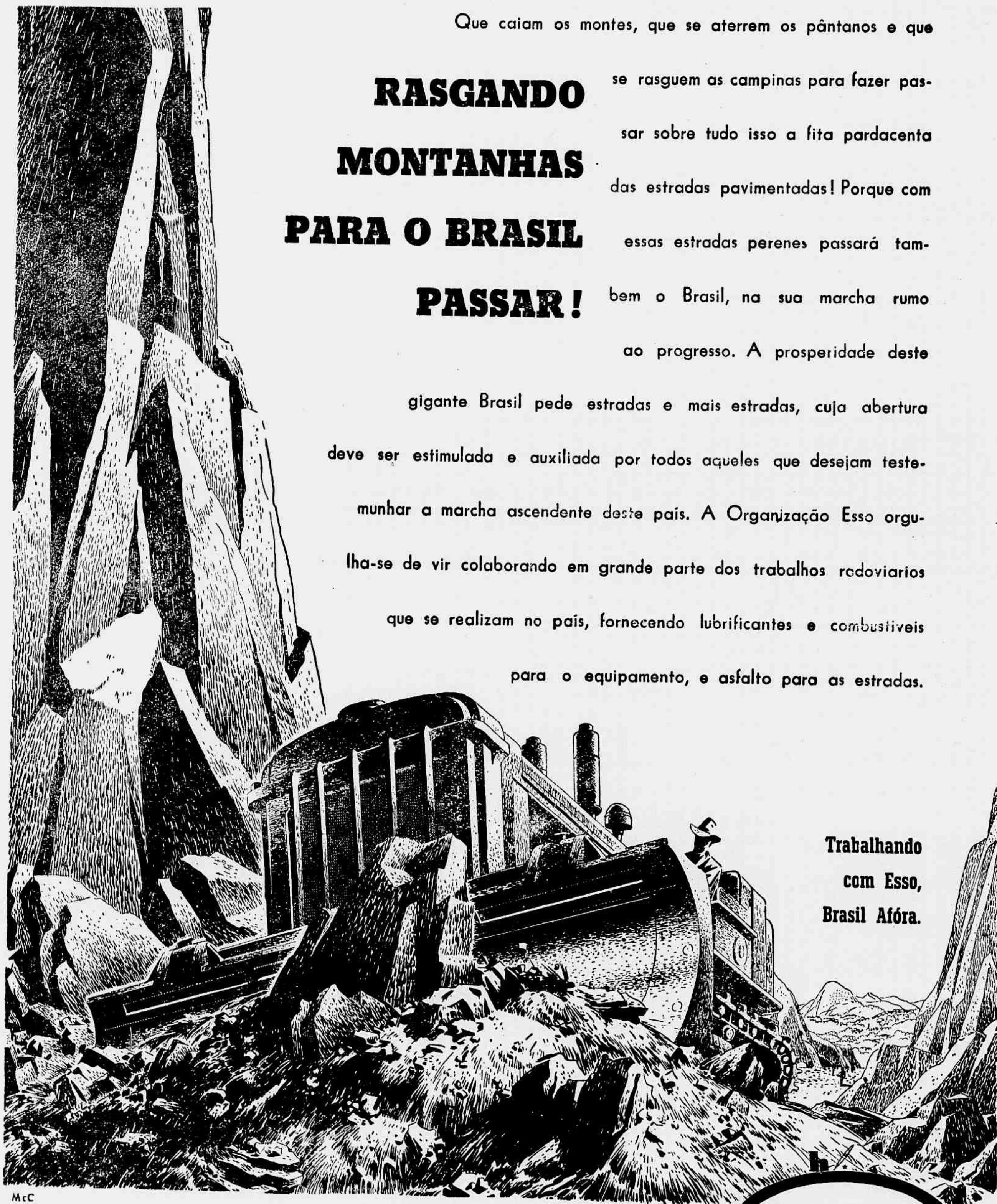
Sr. Diretor: Peço enviar-me grátis e sem compromisso as informações sobre o curso de desenho por correspondência.

NOME
Rua Nº
Cidade
Estado

RASGANDO MONTANHAS PARA O BRASIL PASSAR!

Que caiam os montes, que se aterrem os pântanos e que se rasguem as campinas para fazer passar sobre tudo isso a fita pardacenta das estradas pavimentadas! Porque com essas estradas perenes passará também o Brasil, na sua marcha rumo ao progresso. A prosperidade deste

gigante Brasil pede estradas e mais estradas, cuja abertura deve ser estimulada e auxiliada por todos aqueles que desejam testemunhar a marcha ascendente deste país. A Organização Esso orgulha-se de vir colaborando em grande parte dos trabalhos rodoviaros que se realizam no país, fornecendo lubrificantes e combustíveis para o equipamento, e asfalto para as estradas.



Trabalhando
com Esso,
Brasil Afóra.

McC

O Plano Rodoviário Nacional, elaborado pela Comissão do Plano R. Nacional, e cuja execução está a cargo do Depart. Nacional de Estradas de Rodagem, é um extraordinário empreendimento que merece o apoio de todos os brasileiros patriotas. ESSO sauda todos os que, em todos os pontos do país, colaboram em sua realização.



Esso

★ **STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL** ★



A récita de "Pagliacci" e "Cavalleria Rusticana"

(Continuação da pág. 51)

outro Gigli, o Beniamino, foi bastante infeliz. Não sei quem persuadiu ao pobre rapaz de que ele é um tenor dramático. De qualquer forma, foi uma crueldade. O resultado lamentável viu-se durante o espetáculo, quando ele se contorcia para alcançar a tessitura agudíssima do papel, emitindo notas que só se pode classificar, popularmente, de "esganiçadas".

Bastante desequilibrado, portanto, o elenco que assumiu a responsabilidade de apresentar "Pagliacci".

Programada junto com a "Cavalleria Rusticana", a ópera de Leoncavallo veio, contra a prática estabelecida, antes da de Mascagni. O motivo era bem simples. "Cavalleria Rusticana" tinha levado a melhor em matéria de intérpretes.

TURIDDU, UMA DESPEDIDA

No papel de Turiddu, Mario Filipeschi, sem dúvida o melhor ator da companhia, despediu-se do público com um desempenho verdadeiramente excepcional. Fala-se em um possível contrato desse jovem cantor pa-

ra a Temporada Lírica deste ano. É uma boa novidade. Ainda que, de certo modo, ele esteja preso às mesmas limitações de Raffaele de Falchi, tem a seu favor uma circunstância. Não só é tão moço quanto o barítono como é dono de uma voz que vai se tornando cada vez mais rara: um belo registro de tenor, classificado como lírico, porém que estaria à vontade em qualquer papel para tenor dramático.

O "Addio a La Madre", da "Cavalleria Rusticana", ansiosamente aguardado como a despedida desse cantor, terminou a ópera com uma ovação.

Gina Cigna já não é mais aquela mesma cantora de outros tempos. Também já comentamos o seu declínio, com palavras de atenciosa advertência aos cantores descuidados, que estragam a voz, dentro de pouco tempo. Contudo, é preciso fazer justiça a Gina Cigna. Os anos de experiência lhe conferiram uma segurança na maneira de apresentar-se em cena, um vigor dramático, que se evidencia em papéis como o de Santuzza, resgatando muitas deficiências. Se já lhe falta a voz, outrora de um registro excepcional, para completar a interpretação, dando-nos uma Norma semelhante àquela que uma gravação guarda como prova da admiração que ela provocou em um maestro como Toscanini, por outro lado, ainda há que apreciar a compreensão do papel de Santuzza, traçado em linhas simples: instintiva, violenta, com uma carga de amor e de ciúme relampejando em uma tempestade. Santuzza, uma verdadeira siciliana, não a das versões romantizadas que nos deram, uma Santuzza etérea, e sim a verdadeira Santuzza, tão comovente em sua noção bárbara de honra e vingança. Sob esse aspecto só há elogios a fazer-lhe, pois ela revelou que está de posse da chave dos segredos da "Cavalleria": o fato que é uma ópera "verista" e de que foi escrita quando Mascagni tinha poucos anos e muita fome...



ENLACE CRUZ-LOPES — Realizou-se no dia 30 de janeiro próximo passado o enlace matrimonial da senhorita Maria de Lourdes da Costa Cruz com o advogado Luis Lopes de Souza, elementos de destaque na sociedade carioca. O flagrante que estampamos foi tomado na Matriz de São José, desta cidade, durante a cerimônia religiosa. O templo, lindamente ornamentado, ficou literalmente cheio de elementos de todas as classes sociais, amigos e parentes dos noivos que receberam os cumprimentos.

Beleza é Obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é fêlo quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para em-
ranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e a volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente.

É um produto dos Laboratórios Alvim Freitas.



a Beleza do Cabelo aumenta a atração pessoal

Para assegurar a vitalidade, o brilho, e evitar queda e o embranquecimento prematuro dos cabelos, não há melhor meio do que o uso diário do Tricófero de Barry.

Loção revitalizante, Tricófero de Barry tem a sua ação comprovada através de mais de um século de uso.

Dê aos seus cabelos o tratamento e o cuidado que merecem.

Tricófero de Barry

EM USO DESDE 1801

Limpe a pele uma vez por dia
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA PARTE

ÁGUA INGLESA

GRANADO

TÔNICA
E APERITIVA

NA ANEMIA
CLOROSE E
CONVALESCENÇAS

T. TARQUINO

Senhoras!
Se a
Natureza Falha

MENAGOL

REGULA

A Orquestra Sinfônica Brasileira no ano que findou

(Continuação da pág. 51)

gando, após a apresentação de praxe feita por mim à orquestra, MacMillan saudou-nos em português, num discurso oral cheio de verve. O nosso ilustre visitante além de inglês, fala corretamente francês e alemão. De resto trata-se de um músico em cujos ombros pesa a direção de um dos mais importantes conservatórios do Canadá, o da cidade de Toronto, e um artista talvez incompreendido por alguém que mal principia no aprendizado e conhecimento de música, e já se alvora em emitir conceitos muitos dos quais infantis e errôneos.

SZENKAR — Não é preciso falar de Szenkar. Todos sabem o seu valor e o muito que lhe deve a arte no Brasil, país que escolheu como seu, pela naturalização. Como sabemos, Szenkar iniciou suas atividades artísticas após os quatro maestros contratados, e as desenvolveu ora no Municipal, ora no Rex, ora no Fluminense, sendo sempre muito aplaudido pelo público que pouco a pouco foi criando, através dos seis primeiros anos de lutas e realizações da O.S.B. Está agora em Nova York a convite de Toscanini, onde dirige uma série de concertos na N.B.C. Seguirá depois para Toronto e outras cidades canadenses, pretendendo ir a Europa. Estará novamente entre nós em maio, quando iniciará seus concertos com a O.S.B.

ELEAZAR DE CARVALHO — Acha-se nos Estados Unidos estudando regência às expensas da O.B.S., com Serge Koussevitzky. Antes de partir porém, Eleazar realizou alguns concertos dominicais onde obteve grande sucesso.

FRANCISCO MIGNONE — Professor de regência da Escola Nacional de Música, Mignone tem, atualmente, regido muito pouco; ao que parece, aproveita o tempo aumentando a sua já alongada bagagem de compositor. Dirigiu para uma assistência de cerca de vinte mil pessoas, a Sinfonia de Leningrado, de Shostakovich. Essa sinfonia, que descreve a epopeia da cidade de Leningrado, cercada pelos alemães, foi escrita naquela época, achando-se o compositor incluído numa das brigadas de bombeiro, apagando incêndios produzidos pelas bombas dos aviões do Reich. A execução da Sinfonia de Leningrado foi promovida pela Universidade do Povo. Mignone regeu mais dois concertos para o quadro social no Municipal, e um dominical no Rex. Seus concertos foram bem aceitos pela crítica e pelo público.

VICENTE FITTIPALDI — Fundador e regente da Orquestra Sinfônica de Pernambuco, Fittipaldi veio ao Rio a convite da O.S.B. aqui realizando um concerto da série — Juventude Brasileira, que alcançou enorme sucesso. Como acontecimento novo nos anais de nossa vida musical, Fittipaldi fez-se acompanhar de sua aluna Nair Roitmann, classificada em concurso realizado em Recife, em razão ao qual pôde tocar com a O.S.B. Além de Nair, cuja técnica violinística já se

nos afigura bastante promissora, tivemos ainda a grata satisfação de ouvir Italo Babini, também pernambucano que logrou classificação no mesmo concurso, vindo ao Rio sob a égide da O.S.B. Os solistas e o regente foram muito aplaudidos.

HUGO MARIANI — Aproveitando a passagem pelo Brasil de Hugo Mariani, regente da Orquestra Sinfônica de Costa Rica, e no interesse de intensificar mais o intercâmbio cultural entre os demais países, a O.S.B. convidou Hugo Mariani para dirigir um de seus concertos da série dominical. O regente constarriquense aceitou o convite e apresentou-se com um programa atrativo em que atuou como solista a jovem e talentosa pianista Vilma Graça. Hugo Mariani e Vilma Graça foram ovacionados pela enorme assistência que enchia os salões do Rex.

CLAUDE CHAMPAGNE — A convite de várias instituições musicais do Brasil, tivemos a honrosa visita do compositor canadense Claude Champagne, que é vice-diretor do Conservatório de Montreal. Dedicando-se ao magistério e à composição, Claude Champagne, cuja educação musical foi feita em Paris, rege muito pouco, e o faz, preferivelmente, para dirigir suas obras. Entretanto, a nosso convite, Claude aceitou e dirigiu a primeira parte de um concerto dominical em que apresentou obras francesas e slava, cabendo-lhe a honra de ter apresentado pela primeira vez na O.S.B., o poema sinfônico "Procissão Noturna", de Rabaut.

Os demais concertos realizados entre março e novembro de 1946, período da temporada no Teatro Municipal, no Rex, no Fluminense e no Ginástico Português, obedeceram minha regência.

Para o ano de 1947 prenuncia-se uma temporada maior e mais ampla de quantas já foram realizadas pelo O.S.B., sociedade que é hoje um Patrimônio Nacional.

HISTÓRIA TRISTE

(Continuação da pág. 13)

— Adeus, senhor Cummins.

A custa de um violento esforço, dominei-me, e tomei-lhe a mão. Tentei dirigir-lhe algumas palavras de explicação. Ela observou os movimentos da minha fisionomia e estremeceu.

— Assim é preciso, acrescentou com desespero. Depois voltou-se e dirigiu-se rapidamente para o outro lado da galeria.

Meu Deus! como toda a dor humana se convulsionava no meu coração! Eu amava Déia. Mas eu não achava mais as minhas palavras, sentia-me por demais tolhido dentro da pele do meu eu de empréstimo!

— Adeus! disse eu por fim, vendo-a desaparecer. Quanto me odiava a mim mesmo! Depois que ela desapareceu, repeti como em um sonho: adeus! Desesperado olhei em redor de mim. Depois, com o grito de um coração despedaçado, ameacei o céu com os punhos fechados, escondi o rosto nas mãos, e sacudi-me os ombros uma onda de soluços. Todavia qualquer coisa clamava dentro de mim: Imbecil! (Tive um trabalho in-

sano em persuadir o policeman, guarda do Museu, de que eu não estava embriagado, mas que apenas tinha sido atacado de uma indisposição passageira).

Pois bem, nem mesmo aquele desgosto me serviu para arrancar ao meu destino. Eu mesmo noto, todos reparam nisto; de dia para dia me vou tornando mais "cabotino". Apesar disso ninguém tem sido mais dolorosamente instruído da estupidez aflitiva das "ficelles" do teatro. Desvaneceu-se para sempre o tranqüilo Cummins, o tímido Cummins, o amável Cummins. Impossível tornar a achá-lo. Eu sou exaltado como a folha morta que rodopia ao impulso do vento de março. Até o meu alfalate tem consciência da minha transformação; e mostra intuição do que me assenta bem. Esta primavera encomendei-lhe um terno cinzento, ele forneceu-me um de uma cor azul intensa, e reparei que ele guarneceu de tranças as costuras das minhas calças novas. Do seu lado, o meu cabelereiro teima em me "formar uma cabeça".

Estou principiando a estreitar relações com vários atores. Detesto-os, mas só na companhia deles é que não me sinto abertamente notado. Cativa-me o modo como eles falam: noto em mim uma propensão crescente para a brevidade dramática, para a impetuosidade do discurso alternado com pausas, para as saudações para as atitudes com que se sublinham as palavras. Isto tem também sido observado por Barnabé. Ontem ofendi Wembly chamando-o: meu velho. Recuso o fim de tudo isto, mas não me posso esquivar.

Acabou-se, estou obliterado. Depois de ter levado durante toda a minha mocidade uma vida apagada e retirada, caí no mundo teatral, tímido adolescente, de tez delicada, feições amenas. Eu estava neutralizado em um meio tão exuberante; a maneira de se exprimir, o modo de se mover, pouco se pensa quante essas cousas são contagiosas. Ouvi falar, anteriormente, de pessoas "contaminadas" pelo ar dos tabladros, e tomava isso por uma figura de linguagem. Falava disso, rir, como de uma moléstia. Não há motivo para brincadeira, é na verdade uma moléstia. E eu contraí essa moléstia e bem forte! No meu fóro íntimo protesto contra a gravame feito à minha personalidade, — mas debalde. Durante três horas, se não quatro, todas as semanas tenho que concentrar toda a minha atenção sobre alguma peça nova, e as gestões do drama exercem sobre mim a sua temível influência. As minhas maneiras tornam-se tão prolixas, os meus arroubos tão convencionais, que fico pensar se sou eu mesmo que procedo desse modo. Não sinto senão o coração no corpo de cabotino; o invólucro cada vez mais espesso me oprime, a mim e meus. Faço a mim mesmo o efeito abade do Rei João na sua chapa chumbo.

Hesito deveras: pergunto a mim mesmo se não devo renunciar de toda luta, abandonar este mundo lúgubre vida vulgar para a qual sou tão poltado, trocar o nome de Cummins por outro qualquer pseudônimo de teatro, completar eu mesmo a extinção do "eu", e, como um manequim coberto



Hoje e sempre uma
PILSEN-EXTRA

ANTARCTICA

Continental

européus, uma personagem hipócrita e de convenção, subir ao tablado. Parece-me que o meu único recurso seja "apresentar o espelho à natureza".

Porque afinal, na vida corrente, confesso, ninguém agora parece olhar-me como são de espírito, e de sangue frio. Estou convencido de que só no palco poderei ser tomado a sério. Este será o fim. Sei que será este o fim. E, entretanto — concordo francamente — tenho horror a tudo quanto distingue o ator do homem ordinário. Sou sempre da mesma opinião da minha velha tia Carlota, isto é, que representar a comédia é indigno de um homem sensato, e por maioria de razão indigno da sua colaboração. Mesmo agora eu desistiria das minhas funções de crítico dramático; mas não posso conseguir entender-me com Barnabé. Ele não presta atenção às minhas cartas de demissão: declara que é contrário aos usos do jornalismo que se permite escrever ao seu diretor. E quando lhe vou falar, torna a dar-me um grande charuto, faz-me beber um forte grog de "whisky", depois há sempre qualquer coisa que me impede de lhe falar do meu negócio.

Quem é que governa a indústria petroleira?

NOVA YORK (SIPA) — "Faz precisamente 45 anos, ou seja nos começos deste século, — diz um boletim publicado pela companhia de petróleos Sinclair — de cada cem trabalhadores nos Estados Unidos, 99 exerciam seu ofício com ferramentas próprias suas, ora compradas, ora fabricadas por eles mesmos. Hoje em dia, por cada um dos operários que emprega, a indústria petroleira gasta 20.000 dólares com os aparelhos e ferramentas que lhes proporciona. Não existe atualmente nesta indústria nenhum trabalhador que possa munir-se dos aparelhos e ferramentas que ela requer, e quase não existe empregador que, só por si, individualmente, possa fornecê-los aos seus operários. Sob este ponto de vista, poderia dizer-se que são os acionistas que controlam a indústria petroleira.

"Mas vendo a coisa sob outro aspecto, verifica-se que são os

(Continua na pág. 57)

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE



Bilhete ao vereador Ari Barroso

PRESADO ARI: — Assim que a Câmara Municipal, para onde o levou o voto de seus inúmeros correligionários, puder desempenhar as suas funções legislativas, não se esqueça de que a melhor política que V. poderá adotar da sua tribuna outra coisa não deverá ser se não a defesa da nossa música popular e de tudo quanto a ela disser respeito. Em primeiro lugar, procure V. desvendar o segredo que, ainda hoje, envolve uma certa lei que exigia, nos estabelecimentos diversionais do Rio, a execução de 2/3 de música brasileira. Dizem que essa lei, de autoria do antigo intendente Rui de Almeida, chegou a ser sancionada, mas o fato é que ela desapareceu da circulação não se sabe como nem porque. Depois, dê um jeito para que se torne obrigatório o emprego de conjuntos orquestrais em todos os estabelecimentos de luxo da cidade, como confeitarias, hotéis, etc., etc., reduzindo para 50% os impostos daqueles onde se executar 100% de músicas do repertório brasileiro. Faça sair a banda da Polícia Municipal para os concertos dominicais nos coretos da cidade, de sorte a que ela, ao menos, justifique a sua existência. Torne obrigatória a realização de concertos populares nos estádios da cidade pela orquestra do Municipal. Se você conseguir a legislação adequada pode ficar certo de que um grande e inestimável serviço terá prestado a uma cidade que tem sido palco dos seus maiores triunfos e, também, à própria música brasileira, pois de ambos V. é um dos mais legítimos representantes.

F. CORRÊA DA SILVA.

CIDADE DO INTERIOR

Samba de Marino Pinto e Mario Rossi

Gravação de Araci de Almeida

Cidade do interior tem a sua estação de trem,
um clube, a matriz, um jardim e um baile mensal,
familiar...

Tem um cinema modesto, e um pequeno jornal
que sai todo domingo e quando é feriado

nacional...
Cidade do interior tem um grupo escolar, também,
e um rio que passa cantando
espelhando
o luar...

E o ideal que todos têm no interior:
— é crescer
e casar
prá saber
o que é... o amor.

BAILARINO

Samba de Marino Pinto e Mario Rossi

Bailarino,
será que nunca te cansas
de alimentar esperanças
que o tempo logo destrói?
Bailarino,
me nunca perde a calma,
será que tu não tens alma?
será que a dor não te aui?
Bailarino,
é triste, sim, muito triste,
ver que a vida consiste
naquilo que não se quer...
Bailarino,
a tua felicidade
é falsa como a verdade
nos lábios de uma mulher.

Irmão das aves sem ninho,
nos campos sem uma flor,
tu vives sem um carinho,
sem uma sombra de amor.
Solter é o nosso destino,
o resto é tudo ilusão.

— Não dances mais, bailarino,
Descansa, meu coração.

TERRA DE TODOS

Samba de Marino Pinto e Mario Rossi

Gravação de Carlos Galhardo

"Bom dia, meu amor bom dia..."
Era assim que ela dizia
Quando o seu dono era eu...
Mas, agora é diferente,
Ela diz, clinicamente,
Que nunca me pertenceu.
Um de nós está mentindo:
Se não é ela... sou eu...

Não há quem possa fugir
De uma fatalidade,
Ela foi de mão em mão
E quer ocultar a verdade
Terra de todos
Prá manter o seu cartaz,
Ela teve tantos donos
Que nem me conhece mais.

CAFE' REQUENTADO

Samba de Marino Pinto e Mario Rossi

Você fez muito mal
Em reviver um sonho antigo
Porque matou a última ilusão
Que o seu amor deixou comigo.
Hoje o meu coração está vazio,
Sim, vazio, porque:
— A minha felicidade
Se resumia na saudade
Que eu tinha de você

Assim como o café requentado
Tem um sabor diferente
Também o amor que briga e faz as pazes
Nem sempre satisfaz a gente.
Amor vive de amor e confiança
E o coração não pode confiar
Em quem parte e fracassa e por isso
Depois quer voltar.



JOCKEY-CLUB MUNDANO

Na tarde de domingo último o Jockey Club Brasileiro ofereceu aos seus frequentadores mais uma das suas muito animadas reuniões. Como sempre, as tribunas estavam repletas de elementos representativos da nossa sociedade, e mais uma vez as elegantes "turfwomen" cariocas concorreram com a sua graça para o êxito dessa tarde turfística. As fotos que aqui estampamos foram colhidas pela nossa objetiva, nos intervalos das corridas.



BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES

ALFANDEGA, 50

Paquetá, santuário romântico

(Continuação da pág. 20)

é a formosa ilha a pouco mais de meia hora do Rio, pelas "barcas" da Cantareira, a muito menos se se faz o percurso em botes a gasolina.

É curioso notar que, nem uma vez sequer, nas duzentas e poucas páginas do romance — imortal apesar das críticas, — Macedo alude a Paqueta. Entretanto, de tal forma foram as indicações paisagísticas fornecidas por ele, através da história, que os contemporâneos viram logo, na que ele chamava "a ilha de...", a ilha de Paquetá.

A legenda de Paquetá ficou estabelecida, pois, desde há um século, na praia da "Moreninha", uma das mais belas do Rio.

A "Pedra da Moreninha" lá está, servindo de templo aos namorados hebdomadários e posando para os cartões postais, as "vistas" do Rio, que se vendem aos turistas... É tipicamente carioca e tão fotogênica como o Pão de Açúcar, o Corcovado ou a Pedra de Icarai.

A encantadora menina de Macedo, que cantava a exaustiva balada de "Ai" sobre o mesmo rochedo em que a índia entoava sua nênia lamartiniana — e que lá, no seu lindo vestido branco, esperava o apaixonado, não o príncipe, não o estudante dos seus sonhos, — também como a tamoia inocente, — fez da linda ilha de Paquetá o santuário romântico do Rio — através de cem anos de amor, de doces romarias sentimentais ou de tristes pactos da morte, epílogo de amores impossíveis e de casamentos contrariados.

Desde há um século, justamente, Paquetá tem sido celebrada como ilha de romance... Mereceu mesmo uma modinha que, há cerca de vinte anos, fez renascer o encanto amoroso da ilha... A melodia, um "tango brasileiro", estilo de composição popular que fez época, mas está totalmente desaparecido, era da autoria de Freire Júnior. Os versos, por sinal que de um grande poeta infeliz, cuja vida terminou em suicídio, Hermes Fontes, são versos de uma

banalidade rara. Dizem em toada merencórea de "tango" abrisleirado:

"Jardim de afetos,
Sedal de amores,
Humildes tetos
De pescadores...
Si a lua brilha
Que bem nos dá
Amar na ilha
De Paquetá!!!"

A música que se chamava "Luar de Paquetá", teve um sucesso imenso, e ainda hoje é ouvida no rádio, em "broadcastings" remniscentes.

Paquetá voltou a vigorar, então, como templo do romance, em termo do qual, entretanto, já roncavam, em noites de lua chela — barcas com motores à explosão.

Mas o poeta que renovára esse culto romântico, não teve felicidade no amor e, poucos anos depois de sua modinha, punha fim à vida, com uma bala de revolver.

Depois, no decurso da última década, o mistério, o encantamento do "jardim de afetos" vem decrescendo sensivelmente. E sobre a poética Pedra, onde "Ai", de arco e flecha chorou e cantou, como qualquer moça apaixonada do romantismo, fazem-se hoje ruidosos piqueniques, comem-se sanduíches e bebem-se "colas" americanas, sob o sol esplêndido dos domínios de verão.

Quem é que governa...

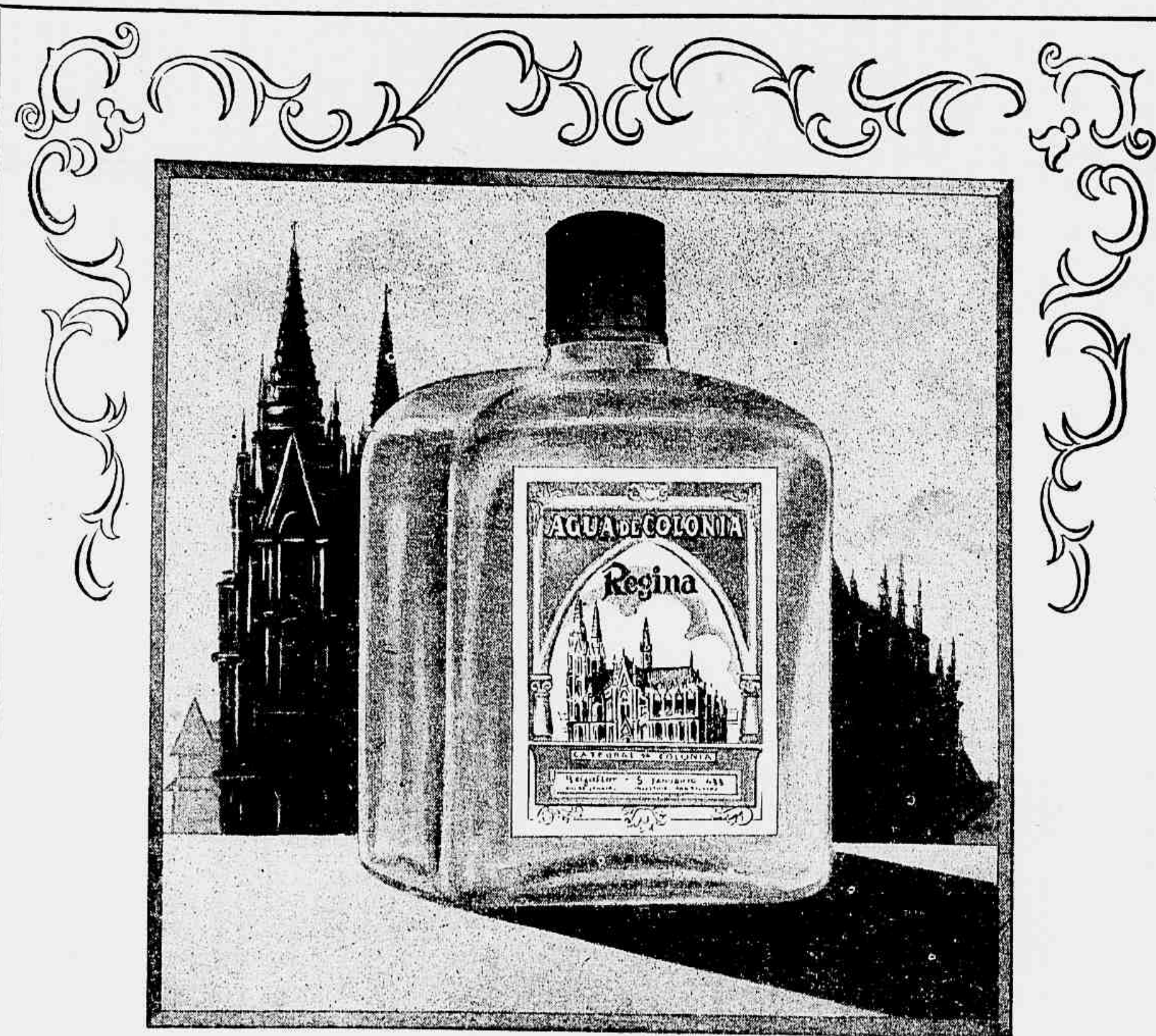
(Continuação da pág. 55)

produtores de petróleo cru ou em bruto, os comerciantes por grosso e os comerciantes a retalho, quem controla a referida indústria. Há nos Estados Unidos, aproximadamente, uma vinte mil empresas produtoras de petróleo cru, em certos casos simples indivíduos que possuem apenas um ou dois poços, na sua própria fazenda ou granja. Mas, tendo em conta que existem neste país cerca de 400.000 poços de petróleo, vê-se que cada empresa produtora possui em média cerca de vinte poços. Pode-se pois dizer que, em geral, cada produtor é um homem de negócios por conta própria. O mesmo se pode dizer dos comerciantes por grosso, que são uns 10.000 em todo o país, e que têm capital investidos nas respectivas empresas que oscilam entre 7.000 e 7 milhões de dólares. São os petroleiros em ponto pequeno dos Estados Unidos.

"Vêm depois os postos de venda de gasolina, uns 300.000, que se consagram à venda dos produtos derivados de petróleo.

"Muito embora tenha tido assim resposta, em termos gerais, a pergunta de quem é que controla a indústria petroleira, ainda fica por dizer alguma coisa de importância. Sob certo ponto de vista, muito verdadeiro e real, é a generalidade do público quem controla a indústria petroleira, a julgar pelos esforços que esta faz para satisfazer as necessidades e exigências do público. A gasolina não é de si um produto barato. O fato do seu embaratecimento deve-se à competição ou concorrência industrial, e ao progresso científico".

BRONZISOL
ANTISOLAR
De Mme. Campos
FIXA UM LINDO BRONZEADO
NATURAL
A VENDA EM TODA PARTE



A RAINHA DAS ÁGUAS DE COLÔNIA!



Regina

O SABONETE MARAVILHA!

A VENDA EM TODO O BRASIL ★

P. Ferraz



STANDARD
CR\$ 115,00

FEDERAL
CR\$ 165,00

INCA
CR\$ 285,00

ANEL "ZODIAICO"

É uma dádiva inesquecível e de duplo valor.

Registrado e garantido por Lei. Com Signo, Planeta e Pedra do mês de nascimento, de ouro maciço 18 quilates e platina com pedra fina ou brilhante desde Cr\$ 950,00. De prata com ouro de 18 quilates e pedra fina desde Cr\$ 115,00. Remetemos para o interior pelo Reembolso Postal

AMERICA
CR\$ 150,00

CAPITAL
CR\$ 265,00

BRASIL
CR\$ 300,00

Peça o que quiser em Jóias e Relógios de lei, dirigindo-se à Organização Comercial e Fábrica de Jóias.

"A Z T E C A"

Peçam catálogos. — RUA REGENTE FEIJÓ, 18 — Rio

SOFRE DO FIGADO?
TOME

BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA

O arranha-céu

(Continuação da pág. 37)

pendurado na orelha. Mas digo-te agora. E' do meu e do teu Machado de Assis: — Crê em ti; mas nem sempre duvidas dos outros...

Brigaram.

E no dia seguinte, a casa do Chico Pedro amanheceu fechada. E ficou fechada durante muito tempo. Ele tinha partido para uma longa viagem.

★

A volta foi de inopino, uma tarde de maio e de sol. Verânico. Um céu distante, dum azul fino, transparente. Chico Pedro vinha cansado. Vira tanta coisa! Caminhara tanto naqueles três anos!

Depois do banho e da janta, foi para a varanda. Os pardais faziam um ruído terrível na fronde da acácia. O gato dormitava ao canto, sob a última restea do sol. A rua estava quase deserta. O arranha-céu, sobranceiro, espichava-se no ar, dominando tudo até a própria torre da Igreja. Chico Pedro atentou nele. Que diferente estava! A fachada enegrecera, ficara límpida. O relevo da marquise calra. Tinha retirado o anêlo luminoso...

Pensou no Quincas. Aonde andaria ele? E teve-lhe saudades. De súbito teve uma idéia. Se o procurasse? Resistiu um pouco. A idéia voltou, esteve por dominá-lo. Tornou a resistir. Procurou um auxílio. Pôs-se a examinar o prédio. Defeve-se, esquadrinhou-o. De súbito estremeceu. Mas aquilo era uma ruína!

Uma das vitrines não tinha mais vidro. Outra tinha o vidro rachado, colado com uma tira de papel grosso, por dentro. O mosaico da calçada estava aqui e ali levantado. A herva ia invadindo uma parte. Outra parte, esborrada, nem era mais calçada, era um piso de terra batida. Pela altura do segundo andar, as vidracas tinham desaparecido em parte. E, nas aberturas, haviam cordas com roupas secando. Um cavalo estava amarrado ao poste da esquina. Mais abaixo, uma carroça de colônia puxada a quatro cavalos, estacionava, suja, tosca, rural. Um preto andrajoso fumava, sentado perto duma das vitrines, os pés grandes, nus, rachados e sujos, esticados para a frente...

Chico Pedro estava a cogitar sobre o caso, quando alguém passou pela calçada, por baixo da balastrada. Era o Quincas, que o cumprimentou cortezmente, meio reservado, mas, no fundo, satisfeito com a volta do amigo à querência. Chico Pedro alvoreceu-se ao vê-lo. Gritou:

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 83 — 2.ª Loja

REGULADOR XAVIER

• O remédio de confiança da mulher •

DUAS FORMULAS DIFERENTES PARA DOIS MALES DIFERENTES:

N.º 1 Regras Abundantes - Hemorragias
N.º 2 Falta ou Diminuição de Regras

— Entra, homem! Porque demoraste tanto?
— Quincas entrou.

— Estava vendo isso aí, disse Chico Pedro, esticando o beijo na direção do prédio. Como envelheceu esse gigante, em três anos!

Quincas teve um gesto de desânimo.

— Que é que não envelhece nesta terra?

E de repente animou-se:

— Tu tinhas razão, Chico! Isso foi um abismo, todos se enganaram com o Jorge... e ele também! Pensou que isso aqui era o Rio, coitado! fundiu a fortuna do pai, quis civilizar a cidade, dar-lhe um prédio digno...

Riu. Um riso amargo e triste. Terminou:

— ... mas ninguém o entendeu. Tudo é selvagem nesta terra! Agora, sim, eu acredito que a única salvação na tua idéia do colégio.

Chico Pedro não respondeu.

Quincas julgou que ele não tinha compreendido e insistiu:

— E' verdade, sim, ninguém aceitou bem a idéia. Trocaram da casa, procuraram fazer-lhe todo o mal possível. Quebraram a pedrada o anúncio, romperam os vidros das vitrines. E como se isso não bastasse deixaram de comprar na loja... Uns bárbaros!

— Pois eu discordo, — disse afinal Chico Pedro. Isso tudo foi, felizmente, um sinal de independência e de caráter... um bom sintoma!

Quincas olhou para o amigo espantado.

— Um bom sintoma?!

Chico Pedro fumou. Deu uma volta pela varanda. Parou depois na frente do amigo e falou:

— Sabes o que me parece essa história desse arranha-céu? A vida dum povo que eu conheço. Povo que se cre civilizado e não o é, porque, tendo força e recursos próprios, não os aproveita nem lhe obedece. Corre continuamente atrás do que fazem os outros povos, num mimetismo grotesco e absurdo, copiando-lhes os atos, as idéias, os gestos, as ações. Resulta disso, que tudo o que faz esse povo é inútil, porque não se adapta aos seus meios nem às suas necessidades. Exatamente igual à posição deste arranha-céu aqui. De que serviu a sua construção? Que aplicação teve ela? A que necessidade obedeceu?...

Teve um gesto brusco. Exclamou:

— Dispersão, incongruência, ridículo!... Compreendeste?

Quincas disse que sim, com a cabeça.

Ciu um silêncio. A tarde avançava, macia, quieta, luminosa. Quincas achou que devia dizer alguma coisa:

— Mas não há um remédio para esse povo? — perguntou.

Chico Pedro tirou o cigarro da boca e ficou olhando para a brasa viva e vermelha. Encolheu os ombros. Afinal falou:

— Deve haver... Sim, fatalmente tem de haver.

Chegou-se para perto do amigo. A rua avançava, larga, reta, na direção do nascente.

Quincas ia falar, mas Chico Pedro interrompeu-o:

— Chega de palavrório, não achas? Afinal de contas, nós festejamos ainda a minha chegada. Que queres tomar, vinho ou cerveja?

A VIDA DE LUIZ XIV

(Continuação da pág. 25)

pelo rei, já que o rei — assim diziam — estava pronto a morrer por eles. Todavia, não nos consta que Luiz tenha jamais exposto a pele às balas do inimigo. Era um conquistador à distância. Que o populacho apodrecesse na lama dos campos de batalha. O Rei Sol preferia brilhar serenamente entre as cortesãs de Versalhes. "A glória do príncipe", declarava um dos seus propagandistas, o famoso Bossuet, "é o ornamento do Estado".

Além da propaganda interna, o rei estipendiava alguns dos melhores escritores dos países neutros "para que pensassem bem de Sua Sublime Majestade (Luiz XIV) e o

manifestassem em todas as oportunidades". Luiz era um hábil discípulo de Maquiavel. Depositava tanta confiança no ferro das suas balas como no óleo das suas propinas. E os camponeses tinham de pagar a ambos.

De vez em quando entretanto, uma voz se erguia no deserto para protestar contra a brutalidade, a estupidez e a fraude que se ocultavam sob o nome de glória militar. A cinco de março de 1675 o Padre Mascaron pregou, em presença de toda a corte, um sermão anti-militarista, no qual definia o herói como um ladrão que à frente dum exército comete atos que o ladrão comum acha conveniente praticar sozinho.

Mas o rei não deu importância ao sermão. Continuou suas conquistas até 1707. Ganhou uns poucos pedaços de terra e matou vários milhões de súditos seus. As campanhas de Luiz XIV são famosas na história. Deram ao mundo algumas canções de guerra que até hoje são populares, e devastaram milhares de aldeias que até hoje não foram reconstruídas.

★

O rei Luiz considerava-se um piedoso cristão. Mas enganava-se. O Príncipe da Guerra não tinha uma idéia clara da doutrina do Príncipe da Paz. Todos os anos, na sexta-feira da Paixão, Luiz lavava os pés de doze pobres, e nos trezentos e sessenta e quatro dias seguintes deixava-os morrer à mingua. Perseguiu os huguenotes por abraçarem uma crença diferente da sua. Fazia-o, segundo afirmava, a fim de assegurar a unidade nacional. O que na realidade conseguiu como resultado deste, bem como de outros atos repressivos, foi provocar o descontentamento geral do país.

Morreu a 1.º de setembro de 1715, após um reinado de setenta e dois anos. Cultivara em si mesmo o desprezo pelo povo e despertara neste uma aversão à monarquia absoluta que, apenas duas gerações mais tarde, teria por fruto a Revolução Francesa.

(Do livro "Vidas de estadistas famosos").

Do contrabando do pau brasil ao contrabando de pneus

(Continuação da pág. 34)

ná-lo até 5 anos de prisão. Por isso, quando são encontrados aqueles pacotes "esquecidos" sobre o balcão, nunca aparece o seu legítimo dono...

UM SERVIÇO DE GUARDA-COSTAS

Com a volta aos tempos normais e o restabelecimento da navegação transoceânica, não basta que a Guardamarinha da Alfândega faça a fiscalização na baía da Guanabara. E' necessário que o Ministério da Fazenda dote aquela importante repartição fiscalizadora de aparelhagem moderna, com embarcações de alto mar, para o perfeito controle fiscal da costa, afim de prevenir a entrada de grandes contrabandos lançados em sacos especiais que são "peccados" posteriormente pelos contrabandistas. E' necessário que se cogite, desde já da criação de um Corpo de Guardacostas, nos moldes da corporação existente nos Estados Unidos, para atender não só ao serviço de repressão ao contrabando como ainda para ser utilizado em casos de sinistro marítimo. A reforma dos serviços de fiscalização externa se impõe, nas bases já apontadas, para que sua ação se estenda, unificada, não só no Rio de Janeiro, mas a todo o Brasil.

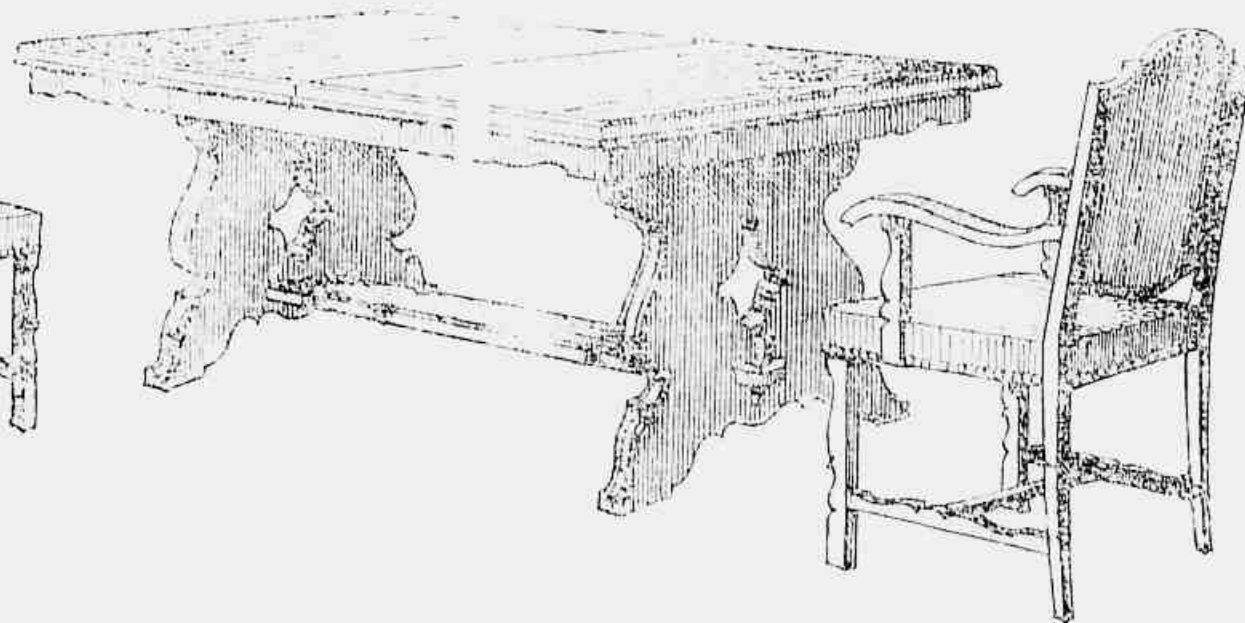
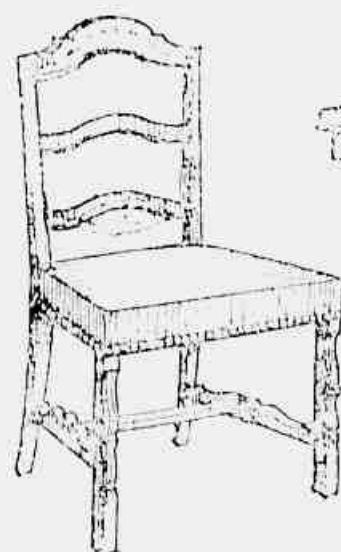
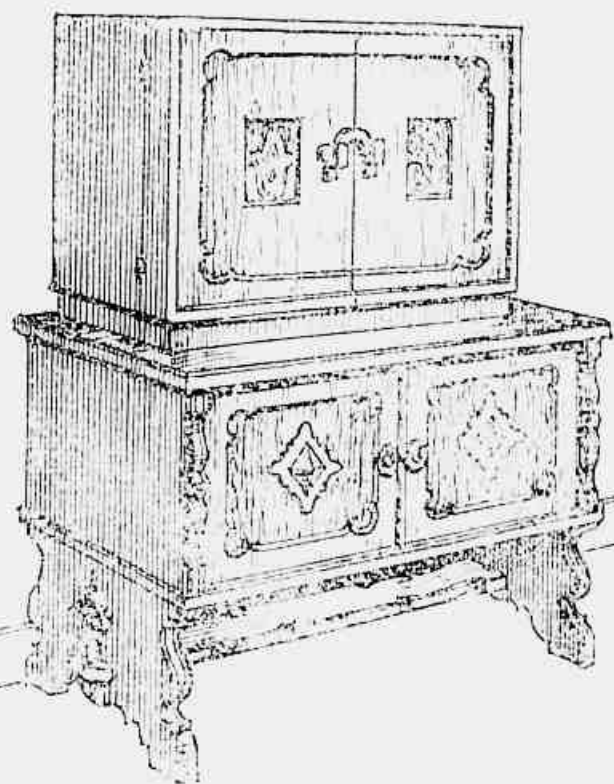
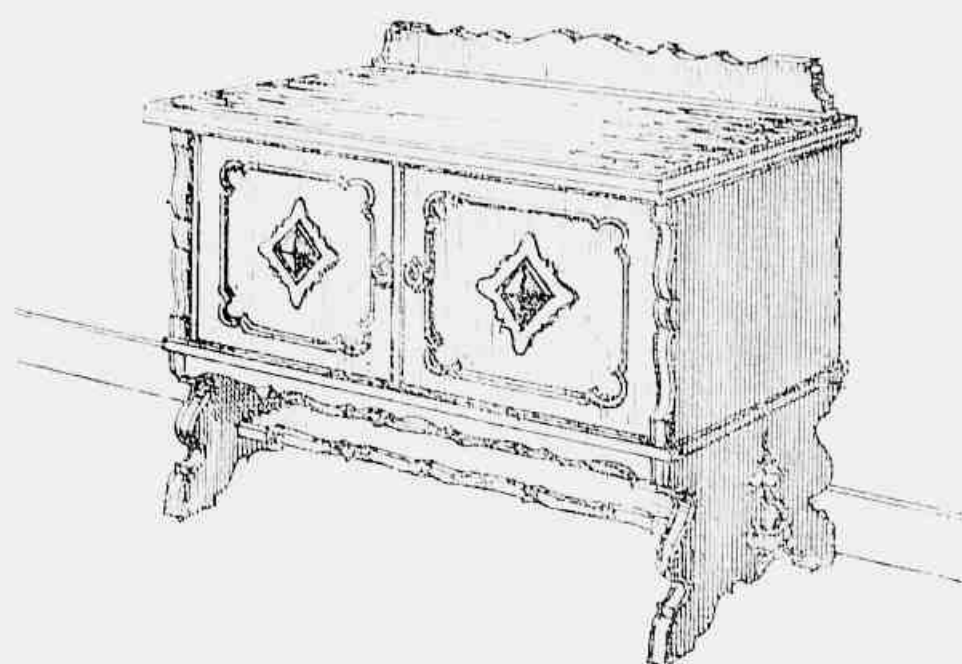
Depois dos folguedos, alimentos sadios!

Sopas, cremes, carnes, vegetais e deliciosas sobremesas resultam um maior valor nutritivo quando preparados com "MAIZENA DURYEA", o alimento preferido pelo seu sabor e digestibilidade.

MAIZENA DURYEA
MARCAS REGISTRADAS



SS - TRIANGULO



SALA DE JANTAR RUSTICO

Aqui está um modelo de sala de jantar, ideal para ornamentar uma moderna casa de campo. A peça deve ser clara e espaçosa. Os móveis deverão ser trabalhados em madeira clara.

O número de cadeiras pode variar de acôrdo com o tamanho da sala. Devem ser distribuídas de maneira a não prejudicar a estética nem agravar a exiguidade de espaço.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 - RUA DA CARIOCA - 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

Epoca

CIGARROS ELMO



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz

